

Fábio Alves de Almeida

**A Disciplina de Laboratório de Improvisação Musical:
um contributo didático de implementação do estudo da improvisação
como oferta complementar para alunos do 6º grau do ensino
articulado e supletivo.**

MEM. 2015

Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre
em Ensino da Música

Orientadora: Professora Doutora Sofia Lourenço

Professor Cooperante: Professor João Martins

Professor Supervisor e Coorientador: Professor Mário Santos

Dedico este trabalho à Nema, Luís, Celso e Celina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Doutora Sofia Lourenço pelo tempo e energia dispendido na orientação deste documento. Agradeço ao Professor Mário Santos pela supervisão da Prática Pedagógica. Agradeço ao Professor João Martins pelos sábios conselhos e por ter sido um verdadeiro exemplo de conduta e seriedade na docência. Agradeço ao CRMVR pela abertura à implementação da disciplina de “Laboratório de Improvisação” e consequentemente por permitir a materialização deste projecto. Agradeço também a todos os meus amigos que de uma forma ou de outra me ajudaram durante todo este processo.

palavras-chave

Ensino da Música, Jazz, Improvisação, Instrumento Saxofone, Curso Profissional, Oferta Complementar.

resumo

O principal objetivo deste relatório prende-se com a elaboração de um documento reflexivo das aprendizagens e experiências vividas durante o processo de contacto com a prática profissional. Este mesmo será dividido em três capítulos: O primeiro contextualizará o meio, a escola e o registo de ensino abordado (Curso Profissional); o segundo irá expor a minha prática e reflexões como docente de Instrumento-Saxofone do Curso Profissional de Instrumentista de Jazz do CMJ, e por fim, a última evidenciará o Projeto de Intervenção respectivo a todo o trabalho de um ano, na criação e implementação de uma nova disciplina intitulada “Laboratório de Improvisação” como oferta complementar para alunos do regime articulado e supletivo do 6º grau no ensino clássico do CRMVR, assim como referentes reflexões sobre problemáticas na sua criação, assim como outras descobertas durante o ano lectivo. Partindo de um design metodológico de abordagem de investigação-ação, em articulação com o contributo didático da nova disciplina “Laboratório de Improvisação”, para além da análise de conteúdo da revisão bibliográfica, foi incluído um estudo de índole qualitativa, a partir da aplicação da técnica de inquérito questionário aos alunos. Para compreender melhor o impacto desta disciplina no aluno, para perceber quais as vantagens que este obteve nesta introdução à improvisação, e paralelamente, para fazer um balanço geral sobre aspectos positivos desta disciplina e do meu desempenho docente, foi proposto aos alunos responder a um questionário de uma forma anónima, com perguntas de resposta direta, para confrontação de posições extremas, e perguntas de resposta de desenvolvimento, para análise de universos subjetivos. As conclusões revelaram que o balanço anual foi positivo, uma vez que improvisação mudou a maneira de ouvir música da maior parte dos alunos e que a vontade da maior parte dos alunos seria ter acesso a esta disciplina mais cedo no seu percurso académico musical.

keywords

Music Education, Jazz, Improvisation, Instrument, Saxophone, Trainig Course.

abstract

The main objective of this report is the formulation of a document that reflects learnings and experiences during the professional practice process. This document will be divided into three chapters: The first will contextualize the school village and it's social and geography context, then the school and the typology of education; the second will expose my practice and reflections as a Jazz Saxophone educator at "Jazz Player Training Course" at CMJ, and finally, the latest will highlight the Intervention Project, a full year's work on the creation and implementation of a new discipline entitled "Improvisation Laboratory" as additional offer for classical music students at CRMVR, as well as reflections on some related problematic facts. Starting from an approach based on a methodological action design, in conjunction with the educational contribution of the new discipline "Improvisation Laboratory", in addition to some literature review, a qualitative nature study has been included from the application of a questionnaire to students to better understand the impact of this discipline at a student level, in order to also understand what are the advantages that they had obtained with the introduction to improvisation. In parallel, to make a general report on positive aspects of this discipline, and my teaching performance, it was proposed that the students responded to a questionnaire in an anonymous form, containing direct response questions to confront extreme positions, and in parallel, open questions to analyze subjective universes. The conclusions showed that the annual review was positive, improvisation has changed the way students listen to music and the majority of them would want to have access to this discipline earlier in their academic life.

ÍNDICE

ÍNDICE	VI
INDICE DE IMAGENS	VIII
ÍNDICE DE TABELAS	IX
ÍNDICE DE GRÁFICOS	IX
LISTA DE SIGLAS	IX
BIOGRAFIA DOS INTERVENIENTES	X
PARECER	XIII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	2
1.1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO	3
1.1.1. FREGUESIA DA BRANCA.....	3
1.1.2 O CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DA JOBRA.....	5
1.2. CURSOS PROFISSIONAIS	8
CAPÍTULO II	12
2.1. CURSO PROFISSIONAL DE INSTRUMENTISTA JAZZ	13
2.2. INSTRUMENTO – JAZZ CONTEXTUALIZAÇÃO	16
2.3. PERFIL DOS ALUNOS	17
2.4. REFLEXÕES SOBRE AS AULAS LECCIONADA	18
2.4.1. SEMANA #4 (Aula Leccionada nº1) 04/02/015.....	18
2.4.2 SEMANA #5 (Aula Leccionada nº2) 11/02/015.....	24
2.4.3. SEMANA #6 (Aula Leccionada nº3) 25/02/015.....	28
2.4.4. SEMANA #7 (Aula Leccionada nº4) 04/03/015.....	32
2.4.5. SEMANA #8 (Aula Leccionada nº5) 11/03/15.....	34
2.4.6. SEMANA #9 (Aula Leccionada nº6) 18/03/15.....	37
2.4.7. SEMANA #10 (Aula Leccionada nº7) 15/04/15.....	41
2.4.8. SEMANA #11 (Aula Leccionada nº8) 22/04/15.....	44
2.4.9. SEMANA #12 (Aula Leccionada nº9) 29/04/15.....	47
2.4.10. SEMANA #13 (Aula Leccionada nº10) 13/05/15.....	50
2.4.11. SEMANA #14 (Aula Leccionada nº11) 20/05/15.....	52
2.4.12. SEMANA #15 (Aula Leccionada nº12) 27/05/15 com a assistência do Professor Supervisor Mário Santos.....	55
2.5. PLANIFICAÇÕES	58
2.5.1. SEMANA #4 (Aula leccionada nº1) 4/2/2015.....	58
2.5.2. SEMANA #5 (Aula leccionada nº2) 11/2/2015.....	61
2.5.3. SEMANA #6 (Aula leccionada nº3) 25/2/2015.....	64
2.5.4. SEMANA #7 (Aula leccionada nº4) 4/03/2015.....	67
2.5.5. SEMANA #8 (Aula leccionada nº5) 11/03/2015.....	70
2.5.6. SEMANA #9 (Aula leccionada nº6) 18/3/2015.....	73
2.5.7. SEMANA #10 (Aula leccionada nº7) 15/4/2015.....	76
2.5.8. SEMANA #11 (Aula leccionada nº8) 22/4/2015.....	79
2.5.9. SEMANA #12 (Aula leccionada nº9) 29/04/2015.....	82
2.5.10. SEMANA #13 (Aula leccionada nº10) 13/5/2015.....	86
2.5.11. SEMANA #14 (Aula leccionada nº11) 20/5/2015.....	89
2.5.12- SEMANA #15 (Aula leccionada nº12) 29/5/2015.....	92
2.6. RELATÓRIOS DAS AULAS ASSISTIDAS	96
2.6.1. ALUNA A.....	96

REFLEXÃO DA AULA #1 - 7/01/2015.....	96
REFLEXÃO DA AULA #2 - 14/01/2015.....	99
REFLEXÃO DA AULA #3 - 21/01/2015.....	99
2.6.2 ALUNO B.....	100
REFLEXÃO DA AULA #1 - 04/01/2015.....	100
REFLEXÃO DA AULA #2 - 14/01/2015.....	102
REFLEXÃO DA AULA #3 - 21/01/2015.....	102
REFLEXÃO DA AULA #4 - 04/02/2015.....	103
REFLEXÃO DA AULA #5 - 11/02/2015.....	103
REFLEXÃO DA AULA #6 - 25/02/2015.....	103
REFLEXÃO DA AULA #7 - 04/03/2015.....	104
REFLEXÃO DA AULA #8 - 11/03/2015.....	104
REFLEXÃO DA AULA #10 - 15/04/2015.....	105
REFLEXÃO DA AULA #11 - 22/04/2015.....	105
REFLEXÃO DA AULA #12 - 29/04/2015.....	106
REFLEXÃO DA AULA #13 - 13/05/2015.....	106
REFLEXÃO DA AULA #14 - 22/05/2015.....	107
REFLEXÃO DA AULA #15 - 29/05/2015.....	107
2.7. BALANÇO FINAL DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	108
CAPITULO III – A disciplina de Laboratório de Improvisação Musical: um contributo didático de implementação do estudo da improvisação como oferta complementar para alunos do 6º grau do ensino articulado e supletivo	113
3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	114
3.2. OBJECTIVO	117
3.3. REVISÃO DE LITERATURA.....	119
3.4. DISCIPLINA “LABORATÓRIO DE IMPROVISACÃO”	124
3.4.1. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS.....	124
3.4.2. AVALIAÇÃO.....	126
3.4.3. PLANIFICAÇÃO ANUAL.....	129
3.4.4. SUMÁRIOS.....	132
3.4.5. QUESTIONÁRIO.....	137
3.4.6. QUESTIONÁRIO, ANÁLISE DE DADOS.....	139
3.5. AUDIÇÃO FINAL.....	142
3.5.1. PROGRAMA.....	142
3.5.2. CARTAZ.....	146
3.6. PROJECTO, REFLEXÃO FINAL.....	147
BIBLIOGRAFIA	151
ANEXOS	153
ANEXO I – CRONOGRAMA	154
ANEXO II - LABORATÓRIO DE IMPROVISACÃO.....	155
EXEMPLOS DE PROVAS/TESTES.....	155
ARRANJOS E REPERTÓRIO PARA A AUDIÇÃO	164
ANEXO III – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	166
ALUNO B.....	166
Aula #1) 7/01/2014 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	166
Aula #2) 14/01/2014 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	169
Aula #3) 21/01/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	172
Aula #4) 04/02/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	174
Aula #5) 11/02/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	176
Aula #6) 25/02/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	179
Aula #7) 4/03/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	181
Aula #8) 11/03/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	183
Aula #9) 18/03/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO.....	186

Aula #10) 15/04/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	188
Aula #11) 22/04/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	190
Aula #12) 29/04/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	192
Aula #13) 13/05/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	194
Aula #14) 22/05/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	196
Aula #15) 29/05/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	198
ALUNO A.....	200
Aula #1) 07/01/2015 ALUNO A – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	200
Aula #2) 14/01/2015 ALUNO A – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	203
Aula #3) 21/01/2015 ALUNO A – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO	205
ANEXO IV – Registo Vídeo da Audição.....	208

INDICE DE IMAGENS

Imagem 1: Alongamento dos antebraços.....	19
Imagem 2: Alongamento do Deitoid Anterior	20
Imagem 3: Alongamento do pescoço	20
Imagem 4: Alongamento do Ombro.....	21
Imagem 5: Grelha de exercícios escalares em C maior	22
Imagem 6: Permutações 1235 e 1357 em V7-Imaj7.....	23
Imagem 7: C menor harmónica, exemplos de exercícios	26
Imagem 8: Ciclo das quartas	28
Imagem 9: Tema "Now´s the Time" de C.Parker, retirado do The Real Book, 2005.....	29
Imagem 10:Tema "Billie´s Bounce" de C. Parker, retirado do The Real Book, 2005	30
Imagem 11: Exemplo de escrita com linguagem sobre o tema "Billie's Bounce"	30
Imagem 12: Exemplo de figuras rítmicas para improvisação Swing	32
Imagem 13: Permutações 1234 para acordes maiores e 1345 para acordes menores, sobre a forma de um Blues.	33
Imagem 14: : Fingerbuster 1	36
Imagem 15: Exemplos de exercícios escalares em B menor harmónica	38
Imagem 16: Fingerbusters	39
Imagem 17: Permutações 2153 e 3145 sobre um Blues.....	40
Imagem 18: Mixolídio b9b13, aplicação no Blues.....	40
Imagem 19: Tema "Lou´s Blues" de Lou Donaldson	43
Imagem 20: Tema "Lou´s Blues" de Lou Donaldson, primeiros compassos de solo.....	45
Imagem 21: : Tema "Sandu" de Clifford Brown, retirado de http://www.onlinesheetmusic.com/	46
Imagem 22: Aplicação da escala Bebop Dominante sobre um Blues.	49
Imagem 23: Tema "Blues for Alice" de Charlie Parker, retirado do The Eb Real Book (2005)	53

Imagem 24: Exemplo de linguagem sobre o tema "Blues for Alice"	53
Imagem 25: Tema "Lou's Blues" de Lou Donaldson, primeira volta de solo.....	54
Imagem 26: Grelha de exercícios de escalas em C maior da Aluna A	97
Imagem 27: Cartaz Laboratório de improvisação.....	146

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1: COMPONENTES DE FORMAÇÃO DOS CURSOS PROFISSIONAIS.	9
TABELA 2: COMPONENTES DE FORMAÇÃO DO CURSO PROFISSIONAL DE INSTRUMENTISTA DE JAZZ.	14
TABELA 3 : ELENCO MODULAR DA DISCIPLINA DE INSTRUMENTO	14

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: ANÁLISE DA RESPOSTA 2.1 DO QUESTIONÁRIO	140
---	------------

LISTA DE SIGLAS

- ANQ** - Agência Nacional para a Qualificação
- ARMAB** – Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca
- CMJ** – Conservatório de Música da Jobra
- CRMVR** – Conservatório Regional de Música de Vila Real
- DREC** - Direção Regional de Educação do Centro
- ESMAE** – Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo
- ESE** – Escola Superior de Educação
- JOBRA** – Associação de Jovens da Branca
- PAP** - Prova de Aptidão Profissional
- POPH** – Programa Operacional de Potencial Humano
- PROBRANCA** - Associação para o Desenvolvimento Sócio-Cultural da Branca
- TPC** – Trabalhos Para Casa

BIOGRAFIA DOS INTERVENIENTES

BIOGRAFIA FÁBIO ALMEIDA (MESTRANDO)

Nasce em Outubro de 1985 em Noisy-Le-Grand, França. Com 9 anos começou a estudar saxofone na Academia Real Filarmonia e simultaneamente na Banda de Música da Portela (Vila Real). Aos 17 anos ingressa no curso de Design de Comunicação (Artes Gráficas) na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, prosseguindo os seus estudos musicais em paralelo no Conservatório de Gaia no curso supletivo de saxofone leccionado pelo Professor Hugo Teixeira. Concluiu o ensino superior em 2007, imediatamente a seguir ingressa no Mestrado em Design da Imagem na FBAUP orientado pelo Professor Doutor Heitor Alvelos, concluindo-o em 2008, terminando também nesse mesmo ano o Curso Complementar Supletivo (8º Grau) no Conservatório Regional de Música de Gaia, finalizando a disciplina de Saxofone com 20 valores. Paralelamente frequentou masterclass com reconhecidos instrumentistas mundiais como: Henk van Twillert, António Filipe Belijar, Mario Marzi, Fernando Ramos, Gerald McChrystal, Alexandre Doisy, Alberto Roque, Albert Julia, entre outros. Participou ativamente como solista/chefe de naipe em diversas orquestras, tais como: Orquestra de Sopros de Lamego, Orquestra de Sopros de Gaia, Orquestra de Saxofones APSAX (Associação Portuguesa de Saxofones de Portugal), entre outras. Em 2009 ingressou na Escola Superior de Música do Porto (ESMAE) no curso de Jazz (vertente saxofone), na classe dos professores Mário Santos e José Pedro Coelho, finalizando a licenciatura em 2013. Como membro solista da ESMAE Bigband, tocou no Festival Serralves em Festa 2011 e Festival Internacional de Jazz de Guimarães em 2009, 2010, 2011 e 2012 em Bigband dirigida por George Colligan, The Story, Ralph Alessi “This against That” e Jacam Manricks, respectivamente. Durante esse período pode participar em masterclass de improvisação com mestres como: George Colligan, Michael Blake, Jaleel Shaw, E.J Strickland, Josh Ginsburg, Samir Zarif, Lars Dietrich, John Escreet, Zack Lober, Greg Ritchie, Tony Malaby, Andy Milne, Drew Gress, Ralph Alessi, Mark Ferber, Jacob Sacks, Ohad Talmor, Matt Pavolka, Dan Weiss, Carlos Barreto, Chris Lightcap, Tony Malaby, Andrew Bishop, Gary Versace, Gerald Cleaver, Gary Smulyan, Jacam Manricks, Randy Ingram, Raoul Bjorkenheim, Gianluca Renzi and Ross Pederson, entre outros. Em 2012, em representação da ESMAE, concorre ao concurso da “10ª Edição da Festa do Jazz de São Luiz”, em Lisboa, arrematando o prémio colectivo para “melhor combo nível superior”. Em 2013 foi semifinalista do concurso internacional, Bucharest international Jazz competition na Roménia. Trabalha/trabalhou com as seguintes formações Jazz: Hugo Carvalhais Trio, Zagorro, Pãodemónio, Puzzleton, LAVA Trio, Phantom01, RPGroup entre outros. Trabalhou também com as seguintes bandas: Souls of Fire (membro integrante deste 2015), Mundo Secreto, Dentinho, Bilan Band, Uprising Band, Underground Spiritual Band, Sullen, Dentinho, Blue Paradise, Thee Orakle, entre outras. No ano lectivo de 2011/2012 leccionou a disciplina de

Saxofone Jazz na Academia de Música Breyner85 no Porto, de 2012 até ao presente é o coordenador dos estudos de Jazz no Conservatório de Música de Vila Real, e professor de Saxofone Jazz, Combos e Laboratório de Improvisação nessa mesma Escola.

BIOGRAFIA SOFIA LOURENÇO (ORIENTADORA CIÊNTEFICA)

Pianista, natural do Porto, onde concluiu estudos superiores (Conservatório de Música do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Discípula de Helena Sá e Costa desde os 10 anos de idade, iniciou o estudo de piano na Juventude Musical Portuguesa com Maria da Glória Moreira e Fausto Neves, no Conservatório de Música do Porto. Foi igualmente orientada por diversos pianistas de referência (Sequeira Costa, V. Margulis, A. Larrocha, G. Sebok, C. Cebro, G. Sava, L. Simon). Obteve o Diploma de Solista de Piano (Abschlussprüfung Klavier) na Universität der Künste Berlin, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian. É professora de piano na ESMAE/IPP desde 1991. Concluiu o grau de Doutor em Música e Musicologia, na Universidade de Évora em 2005. Integra desde 2007 (Coordenação Estudos Musicais 2009 a 2013), o Centro de Investigação (CITAR) da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa.

Dedica-se à divulgação da música portuguesa, tendo gravado 3 CDs de piano solo para a editora Numérica, em 2008, “Porto Romântico: Mazurkas e Romanzas”, o CD “DUAL” (dedicado ao compositor Álvaro Salazar) e, em 2012, para o Festival Black & White Duo pour une Pianiste (9 Sketches for One Pianist) para Disklavier de Jean-Claude Risset (world premiere dedicated to her). Atualmente pós doutoranda e bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), os seus interesses de investigação centram-se na musicologia histórica e sistemática, com o projeto MAPP- Multimodal Analysis of Piano Performance <http://vimeo.com/97307427>.

BIOGRAFIA MÁRIO SANTOS (PROFESSOR SUPERVISOR E COORIENTADOR)

Saxofonista e compositor de Jazz, natural de Rio Tinto, conclui a sua licenciatura em Jazz - Saxofone na ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto). Encontra-se presentemente a frequentar o Mestrado em Interpretação Artística na área do Jazz na mesma instituição. Desde 1986 que participa em seminários e workshops com grandes figuras do jazz europeu e americano. Participou num seminário com Richie Buckley (1986) e num passado mais recente em workshops com Andrzej Olejniczak (2002), Rosario Giuliani (2002), Bill McHenry (2003), Bob Sands (2003), Greg Osby (2004), Lee Konitz (2004), Chris Cheek (2005) e Esa Pietila (2008). Leccionou Saxofone Jazz em várias

instituições tais como: Escola de Jazz do Porto (1989/93); Instituto Orff do Porto (1993-2003); Escola do Hot Clube de Portugal (1996/97); Oficina de Música de Aveiro (1997); ESMAE na qualidade de assistente (2015). Organizou vários workshops de Improvisação tais como: Workshop de Jazz em Macau (Jazz Clube de Macau) em 1995; 2º Workshop de Jazz Imaginazz na Covilhã em 2001; Workshop de saxofone em Chaves em 2004; Workshop do Estarrejazz no Festival de Jazz de Estarreja 2006; Festival de Jazz de Lagos, Workshop “A história do Jazz” em 2009; Workshop de Improvisação Jazz em Aveiro no SaxFest’11 e Workshop Big Band na mesma cidade inserido no Performas 2012. Como membro efetivo da OJM (Orquestra de Jazz de Matosinhos) participou na Orquestra Anual do Guimarães Jazz (Música e direcção de Michael Gibs (1999), Gil Goldstein (2000), Maria Schneider (2001), Bob Mintzer (2002), Gianluigi Trovesi (2003), Kenny Wheeler (2004). Lidera atualmente os seguintes projetos musicais: Os Rapazes do Jazz, Quarteto Mário Santos (Bloco A4), Mário Santos Trio (Bloco de Bolso), Quarteto Henry Lowther & Mário Santos e o Quinteto Mário Santos (Bloco de Notas). Integra também, o Terceto de Manuel Beleza, Duo “Postit” Mário Santos & António Augusto Aguiar, o Sexteto Miguel Moreira, o Octeto João Guimarães, Sexteto Mário Barreiros, entre outros. Foi membro do Júri para a Orquestra Europeia da Juventude 2006 (EMJO, European Movement Jazz Orchestra) no âmbito da Presidência Portuguesa da União Europeia. Lidera desde 2004 o projeto didático-pedagógico “Jazz Trocado por Miúdos” que já conta com mais de quinze sessões em diferentes escolas e auditórios.

BIOGRAFIA JOÃO MARTINS (PROFESSOR COOPERANTE)

João Martins inicia os seus estudos musicais em 1993 na Filarmónica Banda Vaguense, mantendo-se ligado a esta instituição até 2008, e onde assumiu funções como executante, Maestro-adjunto, Diretor Pedagógico/Docente da Escola de Música e Maestro-fundador da Orquestra Ligeira de Vagos, dirigindo e produzindo o seu primeiro álbum “Primeiro Take” (2007 - Editora Figura). Em 1995 é admitido no Conservatório de Música de Aveiro em Saxofone, concluindo em 2004 o Curso Complementar Supletivo (8.o Grau). Em 2006 é admitido na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto (ESMAE), no curso de Jazz – Saxofone. Integrado no Septeto de Jazz da ESMAE, participa na VI Festa do Jazz do Teatro S. Luiz, arrecadando o prémio de “Melhor Combo”. Em 2009 conclui a sua Licenciatura na ESMAE. Em 2010 cria, no Conservatório de Música da JOBRA (Branca, Albergaria-a- Velha), o primeiro Curso Profissional de Instrumentista de Jazz, nível IV, a nível nacional, projeto onde assume as funções de Docente e Director de Curso. Actualmente é músico dos projetos: Expensive Soul, Os Azeitonas, Miguel Araújo (onde é director musical) e Marta Ren. Mantém igualmente uma intensa atividade como arranjador. Colabora ou colaborou com: Os Azeitonas; Miguel Araújo; Expensive Soul, Pedro Abrunhosa; Nu Soul Family; Dino d’Santiago; We Trust; Marta Ren; Souls of Fire; Trabalhadores do Comércio.

PARECER

O mestrando FÁBIO ALVES DE ALMEIDA concluiu com êxito a sua Prática pedagógica e o seu Estágio, tendo seguido com rigor as indicações do supervisor e do co-orientador. As aulas assistidas foram cuidadosamente planificadas, preparadas e leccionadas, tendo decorrido da melhor forma, e com grande qualidade pedagógica.

Todos os comentários, sugestões e críticas que fizemos foram postos em prática nas aulas seguintes devidamente adaptados à circunstância do processo de ensino-aprendizagem no Estágio. De salientar o seu empenhamento no projecto de intervenção de grande qualidade e os resultados do mesmo. A originalidade da temática e da problemática, assim como a importância da sua implementação, revelam o espírito empreendedor e criativo do seu autor, e a sua inegável vocação para a pedagogia.

A procura contínua de uma pedagogia integradora e diferenciada, sempre com o intuito da obtenção de um nível técnico e artístico de grande qualidade, potenciou a motivação e o muito bom desempenho dos alunos, demonstrando a sua capacidade no exercício da prática pedagógica.

O contacto atempado com o supervisor e o co-orientador foi também facilitador de uma boa comunicação, tendo como evidência o processo de autoscopia e de autonomia que a Prática Pedagógica implica. Felicitamos o Fábio por mais este percurso de dedicação e de qualidade.

Sofia Lourenço

Mário Santos

INTRODUÇÃO

O presente documento traduz a derradeira etapa do Plano de Estudos do Mestrado em Ensino da Música, vertente Jazz, da ESMAE com parceria da ESE. O principal objetivo deste relatório prende-se com a elaboração de um documento reflexivo das aprendizagens, vivências e experiências vividas durante o processo de contacto com a prática profissional. O estágio curricular realizou-se no período compreendido entre 7 de Janeiro a 27 de Maio de 2015 no Conservatório de Música Jobra (CMJ) que se localiza na Freguesia da Branca, concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Aveiro. O CMJ é uma escola particular do Ensino Artístico de Música, portadora de autorização definitiva de funcionamento nº5/DREC, que nasceu a 3 de Outubro de 1986 como uma secção do Movimento dos Jovens da Branca, atualmente denominada por Associação de Jovens da Branca.

Desta forma, a primeira parte consistirá numa caracterização do meio, da escola e do registo de ensino abordado; a segunda parte especializar-se-á no ensino artístico do Jazz, no Curso Profissional de Instrumentista de Jazz, e mais concretamente, na disciplina Instrumento – Saxofone. Serão feitas reflexões semanais sobre as aulas leccionadas e assistidas, com as respectivas planificações e grelhas de observação, assim como, uma reflexão final mais abrangente. No capítulo final, será explanado um projeto de intervenção noutra instituição, no CRMVR (Conservatório Regional de Música de Vila Real), com a integração nos planos de estudo do Conservatório, de uma turma de improvisação como oferta complementar para alunos do curso clássico articulado e supletivo do 6º grau, turma desenvolvida de raiz integralmente por mim, com a aprovação da Direção Pedagógica do Conservatório.

Após uma revisão bibliográfica especializada sobre o conceito de improvisação e de música improvisada onde é incluída literatura crítica e especializada sobre a problemática, serão discriminadas as necessidades que levaram à criação desta disciplina, serão expostas algumas condicionantes encontradas no início, e pelo caminho, será apresentado o programa, métodos de avaliação, sumários e feito um balanço anual pelo docente, com recurso também a inquéritos respondidos pelos alunos, assim como, apresentada o produto de uma audição final.

As conclusões pretendem dar conta do percurso reflexivo e das vantagens do estudo e prática pedagógica efectuadas.

CAPÍTULO I

1.1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO

1.1.1. FREGUESIA DA BRANCA

O Conservatório de Música da JOBRA localiza-se na freguesia da Branca, concelho de Albergaria-a-Velha que se situa na zona de transição entre o litoral-Centro da Região de Aveiro e o interior serrano da região de Aveiro. Este concelho integra-se na Região Centro, designadamente na sub-região do Baixo Vouga, Distrito de Aveiro e é constituído por oito freguesias: Albergaria-a-Velha, Alquerubim, Angeja, Branca, Frossos, Ribeira de Fráguas, S. João de Loure e Vale Maior, que abrangem uma área geográfica de 155,98 Km².

A freguesia da Branca é constituída por 26 lugares e é a maior freguesia do concelho em superfície e a segunda maior em termos populacionais. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, residiam nesta freguesia 5621 pessoas à data dos últimos censos, em 2011. A Vila da Branca encontra-se numa posição geográfica privilegiada, onde passam algumas das principais vias do país que permitem um acesso facilitado aos grandes centros urbanos como o Porto, Coimbra, Aveiro, Lisboa, Braga (Diagnóstico Social da Freguesia de Albergaria-a-Velha).

Segundo o Diagnóstico Social do Município de Albergaria-a-Velha e tendo por base os dados dos censos a população da Freguesia da Branca apresentou um aumento significativo de população nos últimos anos, sendo que de 2001 para 2011 teve um aumento de cerca de mais de uma centena de pessoas a residirem nesta freguesia. Já no que diz respeito ao índice de envelhecimento e dependência de idosos é nesta freguesia que se verificam os valores percentuais mais reduzidos.

Ao nível económico, é no sector da indústria (sector secundário) que a maior parte da população da Branca trabalha, evidenciando-se o comércio, os transportes de carga e a transformação de madeira como as atividades que mais emprego geram. De salientar que nesta freguesia a indústria é constituída por uma produção muito diversificada, abrangendo distintas áreas como confeções em malha, material cirúrgico, serralharia, rações para gado, mobiliário laboratorial, entre outras. Consequentemente, esta freguesia dispõem de uma oferta variada de comércio ao dispor dos habitantes, essencialmente na área do comércio não alimentar e retalho. O sector primário representa nesta freguesia um sector diminuto, onde apesar de os habitantes ainda de dedicarem a atividades agrícolas a maior parte são pequenas explorações, cultivadas para uso doméstico, ou seja, como meio de as pessoas complementarem o seu orçamento doméstico. A freguesia apesar de se encontrar dotada de distintos serviços é na sede do concelho que recorre para utilizar os serviços públicos. Contudo, é de salientar, que esta freguesia está dotada de serviços

fundamentais para a população como, agências bancárias, serviço de multibanco, agência de seguros, entre outros (Projeto Educativo 2010/11 a 2013/14 do Conservatório de Música da JOBRA).

Além destes serviços, a freguesia encontra-se equipada por um Agrupamento de Escolas, do qual fazem parte quatro jardins-de-infância, e seis escolas básicas, sendo que a escola básica da Branca é a escola-sede. São, também, proporcionados neste estabelecimento, em regime articulado com o CMJ, os cursos básicos de música e dança, e também um Curso Vocacional de Técnico de Apoio à Gestão Desportiva, de nível secundário. Na Branca escola-sede encontra-se inserida num campus, onde também se encontram¹:

- Uma extensão de Saúde;
- Uma Instituição Particular de Solidariedade Social – A PROBRANCA - Associação para o Desenvolvimento Sócio-Cultural da Branca – é hoje em dia, uma instituição com relevante importância na freguesia e também no concelho. Tendo como missão proporcionar serviços sociais e culturais de excelência ao maior número de pessoas na comunidade, assiste cerca de 150 famílias e tem um papel fundamental no apoio aos carenciados;²
- O Centro Cultural da Branca – é neste edifício a sede da JOBRA – Associação de Jovens da Branca e da ARMAB – Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca.
- As Instalações do CMJ;
- Equipamentos desportivos: Pavilhão Gimnodesportivo, Campo de futebol exterior com relvado sintético, Piscina, Pista de Atletismo e Skate-park.

É de salientar a importância da ARMAB nesta freguesia, sendo que esta associação nasceu impulsionada pela Igreja com o intuito de solenizar as cerimónias litúrgicas e também, animar as festas religiosas. É constituída por a Banda Sinfónica, a Banda Filarmónica, a Academia de Música, a Orquestra Juvenil, a Orquestra Mini, o Sine Nomine – Quinteto de Sopros e o SAXa4 – Quarteto de Saxofones. A Banda Filarmónica ARMAB é a jóia da coroa desta Associação, tendo vindo a desenvolver-se mais artisticamente nos últimos anos, sofrendo remodelações nos métodos de trabalho e apresentação no sentido de procurar conteúdos que se adequem a novos públicos, o que possibilitou que esta Banda alcançasse um nível artístico elevado, quando comparado com outras bandas filarmónicas do país. A realização de concertos em auditório, tem sido uma grande aposta desta Banda, investindo num repertório vasto com um leque abrangente de compositores. Este esforço tem sido também, direcionado para a participação em Concursos de Bandas, materializando lugares no pódio nacional e internacionalmente. ³

¹ Informação consultada no Web Site: <http://aebranca.net/>

² Informação consultada no Web Site: <http://www.probranca.pt/>

³ Informação consultada no Web Site : http://www.armab.pt/?page_id=101

1.1.2 O CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DA JOBRA

O Conservatório de Música da Jobra (CMJ ⁴) é uma escola particular do Ensino Artístico de Música, portadora de autorização definitiva de funcionamento nº5/DREC (Direcção Regional de Educação do Centro)

O CMJ nasce a 3 de Outubro de 1986 como uma secção do Movimento dos Jovens da Branca, atualmente denominada por Associação de Jovens da Branca. Esta associação, foi fundada em Dezembro de 1969, na freguesia da Branca, em Albergaria-a-Velha e surge ligada à Igreja com o intuito de ocupar os tempos livres dos jovens, e tem por objeto social a divulgação e expansão do ensino artístico, do desporto, da cultura e recreio de toda a população. O CMJ foi fundado pelo atual diretor geral e vice-diretor do CMJ, Filipe Marques, nasce como Escola Particular de Ensino Livre, onde eram lecionadas disciplinas de Formação Musical, Classe de Conjunto e Instrumento.

No ano de 1994, o Conservatório foi reconhecido como Escola de Ensino Oficial Artístico, passando no ano seguinte a administrar os cursos básicos de Piano e Viola Dedilhada. Posteriormente, foram também introduzidos os cursos de Flauta Transversal, Clarinete, assim como os cursos de Violino, Saxofone, Flauta de Bisel, Trompete e Percussão. Com este reconhecimento e autorização do Ministério da Educação e dando provas de qualidade, organização e dinamismo, que em 1999 o CMJ alcançou a autorização definitiva de funcionamento, pela DREC (nº.5).

No ano letivo de 2006/2007 abre no CMJ o curso básico oficial de Dança, reconhecido pela DREC, sendo este curso único no Distrito de Aveiro, proporcionou que esta escola se tornasse numa verdadeira escola artística. Começou também em simultâneo a lecionar o Curso Livre de Danças de Salão. No ano letivo seguinte, com o intuito de aumentar a abrangência artística e estética o Conservatório abriu cursos em regime livre nas áreas de Pintura, Teatro e Hip Hop.

Foi criado no CMJ, uma disciplina denominada *Garage Band* destinada a proporcionar um espaço destinado para as diversas bandas de garagem existentes naquela região. Assente na sua missão e valores o CMJ desenvolveu uma disciplina de Música para Bebés e da Pré-iniciação, promovendo ao curso de Música uma estrutura que permite estar presente em todas as etapas da vida do individuo proporcionando assim, um ensino com qualidade desde os três meses de idade até à entrada para o Ensino Superior.

⁴ Informação consultada em: Regulamento Interno do CMJ; Projecto Educativo 2010/11 a 2013/14 do Conservatório de Música da JOBRA; e no Web Site do CMJ : <http://www.cmj.pt/pt/> (2015).

A abertura de Cursos Profissionais de Nível III (10º, 11º e 12º ano), homologados pela DREC, no CMJ ocorreu no ano letivo de 2008/2009, designadamente o curso de Instrumentista de Sopros e Percussão e Artes do Espetáculo – Interpretação, e que permitiam aos alunos ingressar no Ensino Superior.

Neste mesmo ano, abre no CMJ um projeto inédito, o Curso de Música Pop Rock e Jazz que permitia aos alunos o ingresso no Ensino Superior, na área do Jazz, nas cidades do Porto, Lisboa e Évora. Outra novidade foi a abertura do projeto de Musicoterapia direcionada para crianças com espectro de autismo, síndrome de Down, anomalias congénitas, entre outras, permitindo que estas usufruíssem de uma intervenção adaptada às suas necessidades.

Os cursos Profissionais nível III de Intérprete de Dança Contemporânea e Instrumentista de Cordas e Teclas, abrem no ano letivo de 2009/2010. No ano letivo seguinte abre nos mesmos moldes o Curso Profissional de Instrumentista de Jazz, pioneiro no país. A oferta formativa do CMJ está distribuída por três áreas artísticas:

- Música;
- Dança;
- Teatro.

Já no que diz respeito às tipologias de Cursos, encontram-se disponíveis neste Conservatório cursos:

- Oficiais;
- Profissionais;
- Livres.

Respectivamente ao ensino Oficial, este subdivide-se em três modalidades diferentes:

- Iniciação: é dirigido a crianças que se encontram a frequentar o 1º ciclo de ensino básico;
- Regime articulado: é dirigido a alunos que frequentam o 2º e 3º ciclo ou ensino secundário, onde os alunos frequentam a componente de formação técnica/artística no estabelecimento de ensino artístico especializado e toda a componente de formação geral no estabelecimento de ensino regular;
- Regime Supletivo: é direcionado para alunos que queiram frequentar disciplinas do ensino artístico especializado independentemente das habilitações que possuam.

O Conservatório de Música da Jobra tem como missão:

(...) qualificar e sensibilizar pessoas nas artes do espetáculo num ambiente eclético, formal, criativo e de prática intensiva.⁵

No que diz respeito aos valores pelos quais este Conservatório se rege, são os seguintes:

- Rigor e Competência;
- Empenho e Dedicção;
- Transparência;
- Criatividade;
- Ambição;
- Paixão.

Já como visão o CMJ pretende “ser o modelo de referência no ensino das artes performativas em Portugal”, para tal investe num ensino baseado na inovação, exigência e qualidade, assentes nos vários anos de experiência, privilegia professores e métodos qualificados, procurando sempre adaptar as suas técnicas pedagógicas e didáticas às mais recentes práticas do ensino artístico procurando ir de encontro as necessidades de formação sentidas pelos alunos.

A sede do Conservatório de Música da Jobra (CMJ) encontra-se no Centro Cultural da Branca, na freguesia da Branca, concelho de Albergaria-a-Velha, Distrito de Aveiro. As instalações foram construídas particularmente para o ensino artístico, sendo que o edifício foi construído de raiz pela Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha e inaugurado no dia 29 de abril de 2006. Estas instalações foram consideradas as melhores instalações para o ensino artístico da Região Centro pela DREC.

No que diz respeito ao espaço físico o edifício do CMJ tem uma área total de 3.000 m², é constituído por cerca de 30 salas, dispondo de uma sala de ensaios para Orquestra e de um Auditório com capacidade para 180 pessoas. Entre outras infraestruturas, o edifício contempla zonas de convívio e lazer e espaços de gestão administrativa e pedagógica e acessos para pessoas com deficiências.

Os alunos que frequentam a CMJ têm ao seu dispor uma paleta diversificada de instrumentos de sopro, cordas, teclas e percussão, tal como adereços/figurinos para as diversas atividades que se realizam ao longo dos anos letivos, proporcionando aos alunos uma constante possibilidade de progredirem na sua formação artística e permitindo que estes apresentem os seus dotes artísticos ao público em geral.

⁵ Informação retirada do Web Site do Conservatório de Música da Jobra, em <http://www.cmj.pt/pt/conservatorio/missao/> (2015).

1.2. CURSOS PROFISSIONAIS

O CMJ possui um documento designado de Regulamento de Funcionamento – Cursos Profissionais que tem como objetivo ser um documento orientador, onde constam especificamente as normas orientadoras que regem o funcionamento dos Cursos Profissionais neste Conservatório. Este documento foi elaborado em conformidade com a legislação publicada e com o projeto educativo, sendo que sofrerá alterações sempre que ocorram alterações ou revogações dos normativos legais ou caso aconteçam indicações ou diferentes diretrizes provenientes da Direcção-Geral e do Conselho Pedagógico.

Segundo o Decreto-lei nº 4/98 de 8 de Janeiro (p.113), diploma que constitui o procedimento de criação, organização e funcionamento de escolas e cursos profissionais no âmbito não profissional, os cursos profissionais são cursos:

1 — (...) cursos de nível secundário que atribuem diplomas equivalentes ao diploma do ensino secundário regular.

2 — A conclusão, com aproveitamento, de um curso profissional confere um nível de qualificação e o direito a certificação profissional de nível III, nos termos a definir globalmente por portaria dos Ministros da Educação e para a Qualificação e o Emprego.

3 — Têm acesso aos cursos profissionais os candidatos que concluíam o 3.º ciclo do ensino básico ou equivalente.

Já no que diz respeito à Organização dos Cursos Profissionais, estes apresentam uma estrutura curricular organizada por módulos tendo uma duração total de 3 anos. No concerne ao plano de estudos, este compreende três componentes de formação: sociocultural, científica e técnica, que inclui obrigatoriamente uma Formação em Contexto de Trabalho (FCT), como podemos verificar na tabela abaixo.

Componentes de Formação	Disciplinas	Total de horas
Sociocultural	Português	320
	Língua Estrangeira	220
	Área de Integração	220
	Tecnologias da Informação e Comunicação	100

	Educação Física	140
Científica	2 a 3 disciplinas	500
Técnica	3 a 4 disciplinas	1180
	Formação em contexto de trabalho	420
Total		3100

Tabela 1: Componentes de formação dos cursos profissionais.

Segundo o mesmo documento os cursos profissionais terminam com a apresentação de um projeto, denominado de Prova de Aptidão Profissional (PAP), onde os alunos demonstram as competências e conhecimentos adquiridos e desenvolvidos ao longo do curso.

É da responsabilidade do CMJ a realização de cada curso seguindo as orientações pelas quais os mesmos foram aprovados (respetivo quadro de financiamento) e as respetivas normativas legais aplicáveis, sendo responsável, também, pela disponibilização de todos os recursos logísticos e humanos necessários para o bom decorrer dos cursos.

Sendo o Regulamento de Funcionamento da JOBRA um documento orientador de práticas, contempla também uma descrição de toda a coordenação dos cursos salientando as competências, constituição e atribuições da coordenação, equipas pedagógicas, diretor de curso, diretor de turma e professores/formadores, assim como, as orientações e diretrizes das reuniões efetuadas pelas equipas de coordenação, conselho de turma e conselho de curso.

No que concerne às competências do professor/formador este documento contempla as seguintes (p.15-17):

- a) Dispor de um dossier pedagógico por disciplina e curso, onde deverá colocar a planificação anual e as planificações específicas de cada módulo, bem como todos os materiais fornecidos aos alunos;
- b) Elaborar as planificações tendo em atenção os programas definidos pela Agência Nacional para a Qualificação (ANQ), a estrutura curricular dos cursos e o perfil de saída dos cursos. As planificações poderão sofrer reajustamentos ao longo do ano letivo;
- c) Esclarecer os alunos sobre os objetivos a alcançar na sua disciplina e em cada módulo, assim como os critérios de avaliação;
- d) Elaborar todos os documentos, a fornecer aos alunos (textos de apoio, testes, fichas de trabalho, etc.) com os símbolos da EE, utilizando os modelos de folhas disponíveis na rede informática;

- e) Requisitar o material necessário à disciplina ao diretor de curso e/ou responsável dos recursos do CMJobra;
- f) Organizar e proporcionar a avaliação sumativa de cada módulo;
- g) Registrar, sequencialmente, em livro próprio os sumários e as faltas dadas pelos alunos;
- h) Fazer os alunos assinar as suas presenças em cada aula dada;
- i) Elaborar, em articulação o diretor do curso, a pauta de cada módulo da disciplina, log que este esteja finalizado;
- j) Cumprir integralmente o número de horas/tempos destinados à lecionação dos respetivos módulos no correspondente ano de formação;
- k) Preencher os termos referentes a cada módulo realizado pelos alunos para apresentar nos respetivos conselhos de turma;
- l) Elaborar planos de recuperação para os alunos cuja falta de assiduidade esteja devidamente justificada e se revista de carácter excecional;
- m) Elaborar matrizes, critérios e instrumentos de avaliação para os alunos que requerem avaliação aos módulos em atraso, de acordo com o definido na alínea c) do ponto 6.5 do capítulo V do presente documento, referente aos alunos inscritos na avaliação a realizar no início do ano letivo seguinte.
- n) Elaborar planos de recuperação, em articulação com o conselho de turma, para os alunos cuja falta de assiduidade esteja devidamente justificada e se revista de situação excecional;
- o) Elaborar, matrizes, critérios e instrumentos de avaliação para os alunos que requerem avaliação aos módulos em atraso.
- p) Repor a(s) aula(s) em falta, de preferência, com a maior brevidade possível;

Para finalizar, este documento estabelece orientações voltadas para os formandos, como os critérios de seleção e documentação, deveres, direitos, assiduidade, avaliação e PAP. Os critérios de seleção dos formandos são os seguintes (p.22):

- a) Habilitações literárias (mínimas): 2.º ciclo do EB para cursos de nível II ou o 3.º ciclo do EB para os cursos de nível III;
- b) Idade: máximo 20 anos (à data de arranque dos cursos). Excecionalmente poderão ser admitidos jovens até aos 25 anos desde que não seja preterido nenhum aluno com idade \leq a 20 anos. Não é aplicado o limite etário aos candidatos portadores de deficiência e aos que registem situações repetidas de abandono e/ou de insucesso escolar.
- c) Aproveitamento na Prova de admissão.
- d) Não estarem qualificados como desempregados pelo IEFP.

Importa também referir que, a nível de assiduidade, para efeitos de aproveitamento e conclusão das disciplinas/cursos é necessário que os formando tenham que ter uma assiduidade igual ou superior a 85%

da carga horária de cada módulo igual ou superior a 95% da carga horária da Formação em Contexto de Trabalho.

A avaliação dos alunos é realizada segundo critérios definidos e aprovados pelo conselho pedagógico sob proposta dos departamentos disciplinares. Esta avaliação exprime-se na escala de 0 a 20 valores e é atribuída aos módulos de cada disciplina, à Formação em Contexto de Trabalho e à Prova de Aptidão Profissional, porém, na classificação final dos módulos, apenas quando é atingida a nota mínima de 10 valores é que esta aparece na pauta. Já no que diz respeito à classificação final de cada disciplina, esta resulta da média aritmética simples, arredondada às unidades, das classificações obtidas em cada módulo.

Como já foi referenciado anteriormente, a PAP é a derradeira etapa do percurso de um formando de um curso profissional. Esta é constituída por numa apresentação e defesa de um projeto consolidado num produto, material ou intelectual, numa intervenção ou numa atuação, consoante a natureza dos cursos, perante um júri e do respetivo relatório final de realização e apreciação crítica, demonstrativo de saberes e competências. O projeto é realizado sob orientação e acompanhamento de um ou mais professores e direciona-se para temas e problemáticas observadas e desenvolvidas pelo aluno ligados aos contextos de trabalho.

A finalização com aproveitamento de um curso profissional, como já foi referido, pressupõem a aprovação em todas as disciplinas do curso, na FCT e na PAP, obtendo-se a classificação final segundo a aplicação da seguinte fórmula (p.30):

$$CF=[2 MCD+ (0,3FCT+0,7PAP)] /3$$

Sendo:

CF= classificação final do curso, arredondada às unidades.

MCD = média aritmética simples das classificações finais de todas as disciplinas que integram o plano de estudos do curso, arredondada às décimas.

FCT = classificação da formação em contexto de trabalho, arredondada às décimas.

PAP = classificação da prova de aptidão profissional arredondada às décimas.

CAPÍTULO II

2.1. CURSO PROFISSIONAL DE INSTRUMENTISTA JAZZ

O Conservatório de Música da JOBRA foi pioneiro na oferta formativa na área do Jazz, no seu berço nasceu o primeiro Curso Profissional de Instrumentista de Jazz, sendo a primeira escola de ensino especializado artístico de Portugal a oferecer formação média de Jazz, facto que não espanta dada a variedade de ensino vasta neste Conservatório.

Alunos compreendidos entre 10º, 11º e 12º podem estudar instrumentos como saxofone, trompete, trombone, vibrafone, guitarra Jazz, bateria, voz, piano, contrabaixo especializando-se neste estilo sobre a supervisão de reconhecidos instrumentistas e pedagogos tais como: João Martins, Paulo Perfeito, Pedro Neves, Carlos Mendes, Damien Cabauld, Marcel Pascual Royo, Marcos Cavaleiro, Manuel Marques, etc. Como objectivo, espera-se que ao fim de 3 anos os alunos sejam profissionais preparados para o mercado musical e neste sentido, são dadas três tipos de componentes de formação. Segue-se uma tabela exemplificativa de cada componente e referentes disciplinas:

Componentes de Formação	Disciplinas	Total de horas
SOCIOCULTURAL	Português	320
	Língua Estrangeira I, II ou III	220
	Área de Integração	220
	Tecnologias da Informação e Comunicação	100
	Educação Física	140
TOTAL		1000
CIÊNCIA	História da Cultura e das Artes	200
	Teoria e Análise Musical	150
	Física do Som	150

TOTAL		500
TÉCNICA	Instrumento - Jazz	300
	Combo	230
	Orquestra Jazz e Naípe	350
	Técnicas de Improvisação	300
	Formação em Contexto de Trabalho	420
TOTAL		1600
Nº total de horas: 3100		

Tabela 2: Componentes de Formação do Curso Profissional de Instrumentista de Jazz.

Esta tabela foi retirada do documento “Plano de estudos e Elenco Modular – Curso Profissional de Instrumentista Jazz” da ANQ (Agência Nacional para a Qualificação, 2015)⁶ e contém detalhadamente informação sobre o plano de estudo, assim como, informação detalhada sobre o elenco modular de cada disciplina da componente Científica. Como realizarei este estágio curricular leccionando a disciplina de instrumento (Saxofone), apenas discriminarei o elenco modular referente a esta disciplina, exposto na próxima tabela:

MÓDULO Nº	DESIGNAÇÃO	HORAS
1	<i>Jazz nos anos 20 e 30 (Blues, Dixieland)</i>	50
2	<i>Jazz nos anos 40 e 50 (Bebop)</i>	50
3	<i>Jazz nos anos 40 e 50 (Bebop e Cool)</i>	50
4	<i>Jazz nos anos 40 e 50 (Hardbop)</i>	50
5	<i>Jazz a partir dos anos 70 (Electric Jazz, Fusion, Latin)</i>	50
6	<i>Jazz a partir dos anos 70 (Free)</i>	25
7	<i>Módulo Opcional.</i>	25
	<i>Total de horas</i>	300

Tabela 3 : Elenco modular da disciplina de Instrumento

⁶ Documento consultado em: <http://www.anqep.gov.pt>

Esta tabela retirada do documento anteriormente referido está estruturada por épocas e estilos de relevância para o Jazz, a complexidade será crescente e progressiva. Esta disciplina será de prática individual, com vista no desenvolvimento do formando, obedecendo aos seguintes objectivos gerais:

- adquirir um conjunto de conhecimentos sólidos ao nível técnico, relativos ao respectivo instrumento;
- desenvolver, progressivamente, competências nas áreas da execução, da técnica e do desempenho instrumental jazzístico;
- desenvolver a capacidade de leitura à primeira vista de partituras;
- dominar e aplicar escalas e modos na improvisação;
- desenvolver a capacidade de transposição de fragmentos melódicos e harmónicos;
- compreender, executar e improvisar sobre estruturas formais e harmónicas jazzísticas;
- desenvolver a compreensão da linguagem e taxonomia do Jazz, de acordo com vários estilos/épocas: Blues, Dixieland, Swing, Bebop, Cool, Hard Bop, Free, Bossa-Nova e Latin Jazz, Jazz-Fusão e correntes do jazz contemporâneo;
- adquirir competências técnicas que permitam compreender, executar e improvisar frases/grooves em Swing, Even 8's, Double-Time Swing (de acordo com o repertório-tipo);
- desenvolver competências técnicas e artísticas com vista ao desempenho ao vivo e/ou em estúdio. (ANQ, 2010).

Segundo este mesmo documento, a disciplina de instrumento-Jazz deverá ter uma componente de dobragem instrumental, no caso específico do saxofone, dobrar flauta ou clarinete.

2.2. INSTRUMENTO – JAZZ CONTEXTUALIZAÇÃO

Foi necessário um protocolo entre o CMJ e a ESMAE para que me fosse dada carta verde para começar a estagiar. Como esse protocolo tardou apenas pude começar a minha atividade em Janeiro, no entanto, o calendário escolar começa bem mais cedo do que esse mês, e fisicamente não consegui acompanhar os dois alunos cada um com 15 semanas, como consta no regulamento da prática pedagógica. Como tal, optamos por aproveitar apenas 15 semanas de aulas (consultar cronograma para melhor compreensão), onde leccionei e observei um aluno iniciante e observei as aulas dadas pelo Professor Cooperante João Martins a um aluno avançado.

Sobre esta disciplina de Instrumento, há algumas peculiaridades a apontar, a primeira é que o peso horário desta disciplina será de 2h semanais; e a segunda é que, essas horas não são obrigatoriamente leccionadas juntas; a terceira é subjacente ao Professor João Martins que prefere subdividir essas 2 aulas por temáticas diferentes, uma aula técnica e uma aula de repertório semanalmente.

Os dois alunos que me foram atribuídos tinham essas duas tipologias de aulas separadas, uma no início da manhã e outra no final da tarde. Por compromissos profissionais feitos antes do início do estágio curricular, não me foi permitido observar e leccionar as duas aulas e dispor de um dia integral para esse aspecto. Para resolver este problema, o Professor João Martins propôs observar duas aulas seguidas de cada temática no mesmo horário, para ter alguma continuidade pedagógica, ou seja, os alunos alternaram de duas em duas semanas, as aulas teóricas e as aulas de Repertório.

2.3. PERFIL DOS ALUNOS

ALUNA A – ALUNA INICIANTE

A aluna iniciante proposta pelo Professor Cooperante apresenta um *background* musical anterior ao CMJ deveras humilde, pois tem pouca experiência musical e apenas descobriu o saxofone há dois anos e como tal, ainda se encontra a descobrir o potencial do instrumento. Por outro lado, só na parte final do estágio adquiriu um instrumento novo, e até lá frequentou o curso com um instrumento bastante deficitário, facto que exigia alguma sensibilidade nos momentos avaliativos. Após conversa com o Professor, soube que ingressou para este curso profissional porque lhe foi dada a indicação pelo Psicólogo Educacional que deveria seguir Artes, não especificamente música. Não há tradição de prática musical na família, e mora relativamente perto da Escola. No que diz respeito ao futuro como instrumentista, ainda não tem ambições, e por enquanto encontra-se apenas a descobrir um novo universo.

A aluna é dedicada e organizada no entanto, em termos motivacionais deve ser gerida pelo Professor com bastante sensibilidade e com reforços positivos. No que diz respeito aos conhecimentos técnicos do instrumento, encontra-se ainda a descobrir o domínio físico do instrumento, e a dar os primeiros passos na improvisação. Frequentou o 1º e 2º módulo deste curso profissional.

ALUNA B – ALUNO AVANÇADO

O aluno avançado proposto pelo Professor Cooperante apresenta um *background* musical anterior ao CMJ muito interessante. Finalizou o 5º grau do ensino clássico do Saxofone num Conservatório, sempre sonhou em ser um saxofonista de Jazz, e por isso mesmo, ambiciona ingressar no Curso Superior de Jazz. É um aluno mais velho e mais maduro, tem um excelente nível técnico e compreende teoria a um nível muito satisfatório. Como um dos melhores alunos da escola já representou o CMJ em várias competições nacionais.

É um aluno dedicado, estudioso, atento e reflexivo, tem um excelente nível de autonomia e a maior exigência para o Professor é o facto de poder ser testado cientificamente ao limite em todas as aulas, é um aluno de manutenção rigoroso e exige o máximo do professor, sendo essas demonstrações de conhecimento o que mais o motiva.

2.4. REFLEXÕES SOBRE AS AULAS LECCIONADA

2.4.1. SEMANA #4 (Aula Leccionada nº1) 04/02/015

Nesta primeira aula leccionada em parceria com o professor coordenador, fui exposto brevemente pelo Professor João, como sendo o docente que iria leccionar algumas aulas a partir da data presente. A reação inicial da aluna foi positiva, pois já se habituou à minha presença no espaço de aula, durante as aulas assistidas previamente. O professor João, utilizou a rotina típica de perguntar como foi a semana da aluna, ambientando-a para o espaço de aula, de seguida passou-me o direito a controlar o espaço de aula.

Dadas queixas prévias sobre dores nos braços e cervical, resolvi partilhar com a aluna o culto do aquecimento, como apenas uma preparação física feita antes do aluno efetuar qualquer tipo de performance, culto sublinhado por Williams (2012):

Musical performance, like athletic performance, involves prolonged, highly controlled and sometimes forceful activity. The demands that this makes on the body can be variable but in all cases they combine speed, strength and duration.

The warm up period or exercises may offer an opportunity to alter the postural setup to one that is appropriate for performance. This will involve a conscious direction of attention to the technical aspects of singing or playing including the subjective or proprioceptive analysis of what is going on in the body in terms of positioning and tension (Dommerholt 2000). This attention to the body as a whole can help the performer to minimize overall muscular effort; when the forces are reduced to a minimum, then technical control is at its optimum (Watson, 2009).

The parallels between the sports training principles and musical training are evident. It is also important to be aware of the differences between athletic demands and those of the performing musician. From a pedagogical view, the warm up should not be regarded as comprising a brief set of exercises to raise the temperature of muscles in a rather mindless way (which the term almost invites as an interpretation), but to be an important set of inter-related physical and mental activities that if properly carried out will not only contribute to reducing injury, but also increase the efficiency of practice and performance. (Williams, 2012, p.1; p.9).

A Maior parte dos exercícios de aquecimento que transmiti foram-me ensinados no Conservatório Regional de Gaia, pelo professor Hugo Teixeira. Após uma breve pesquisa sobre vídeos do género verifiquei que estão em conformidade com os exercícios de aquecimento que muitos profissionais fazem, como podem comprovar as seguintes figuras⁷:

⁷Imagens retiradas do Website: <http://babyboomerfitnesschallenge.com/>

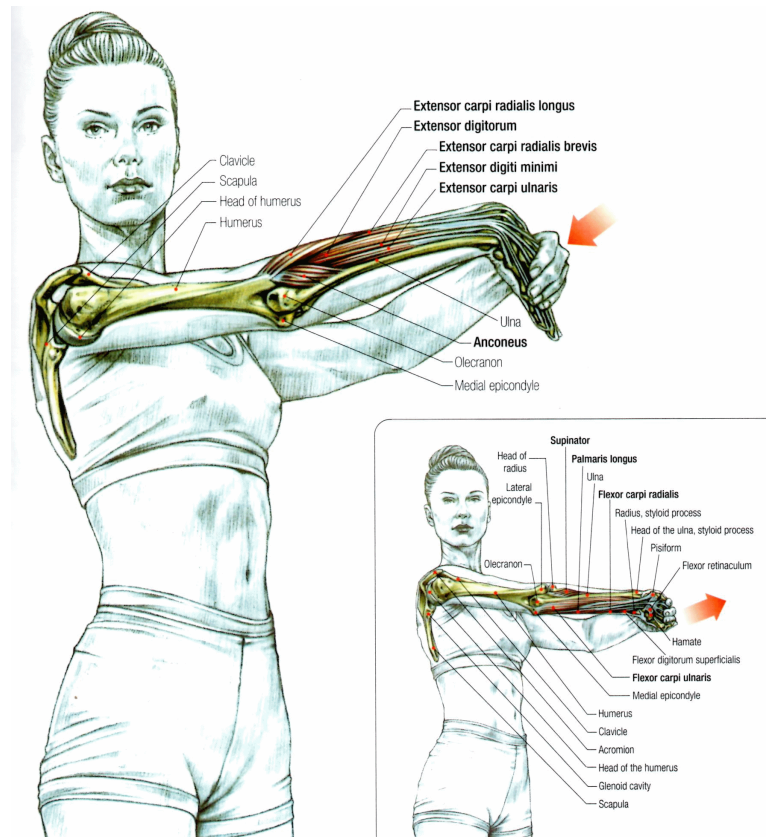


Imagem 1: Alongamento dos antebraços

Apesar do aquecimento, a aluna apresenta-se demasiadamente tensa nos ombros sempre que lhe é apresentado algum desafio que não controle tanto. Foram feitas imediatas correções sempre que este problema era observado. Pelo que atentei a má postura apesar de se refletir mais na região dos ombros começa pelo centro gravítico nos pés, aluna tem tendência em tocar com um dos pés relaxados ao invés de ter os dois pés bem seguros, esta má postura aliada ao esforço natural de segurar o saxofone com a mão direita faz com que os ombros se elevem, com que a embocadura fique tensa e a referente emissão de som seja mais deficitária, a correção de toda esta postura trará imensos benefícios à aluna, quer a nível de som, quer a nível técnico e mesmo como prevenção de futuras lesões.

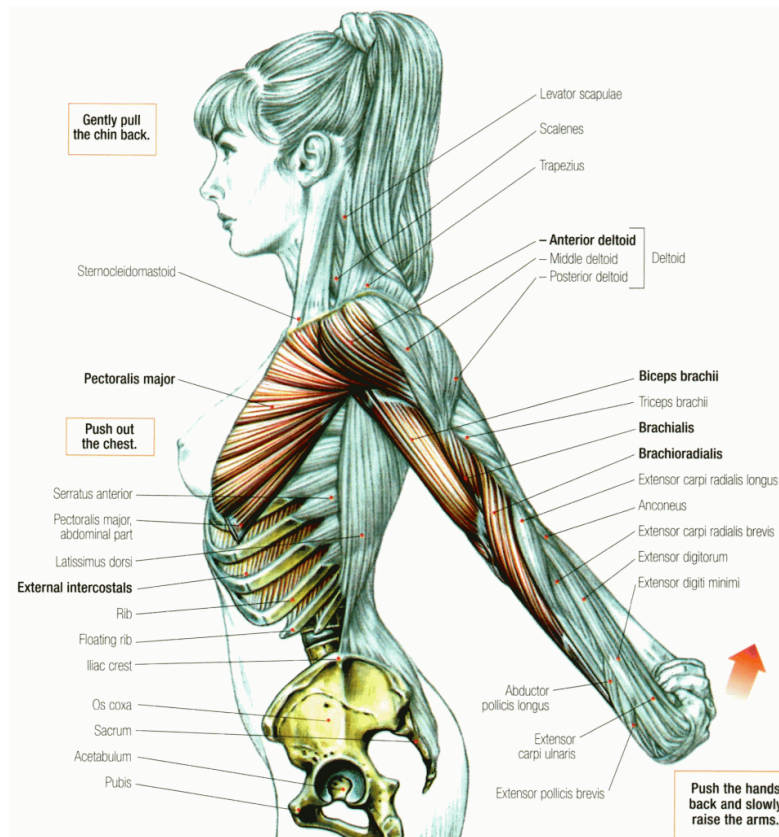


Imagem 2: Alongamento do Deitoid Anterior

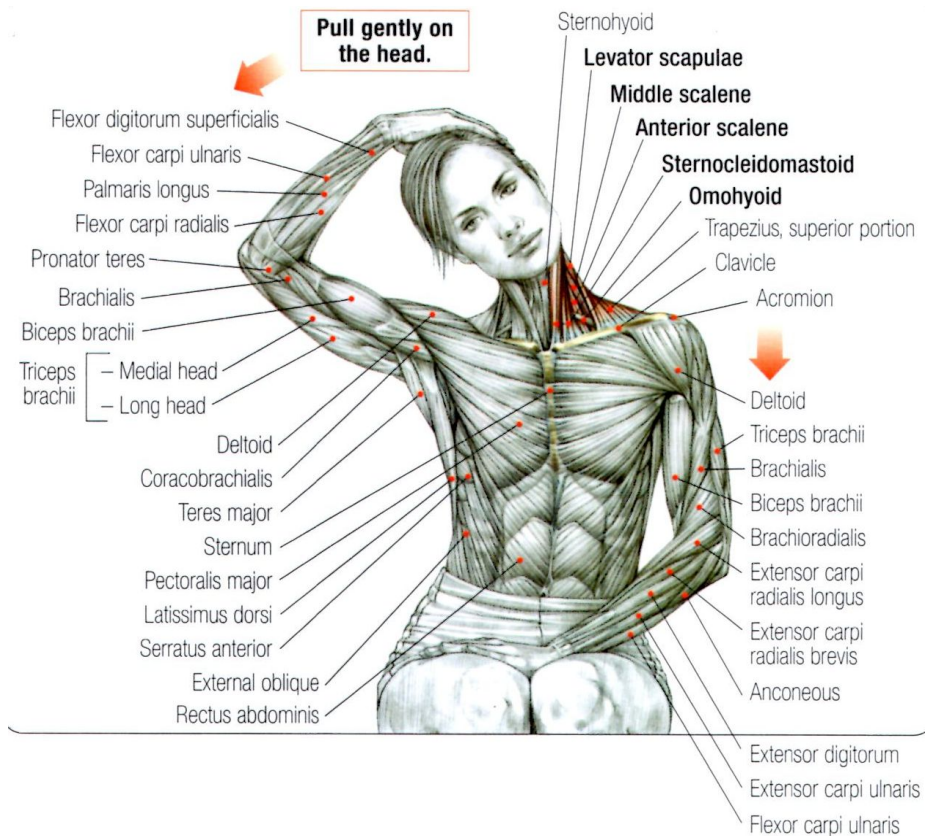


Imagem 3: Alongamento do pescoço

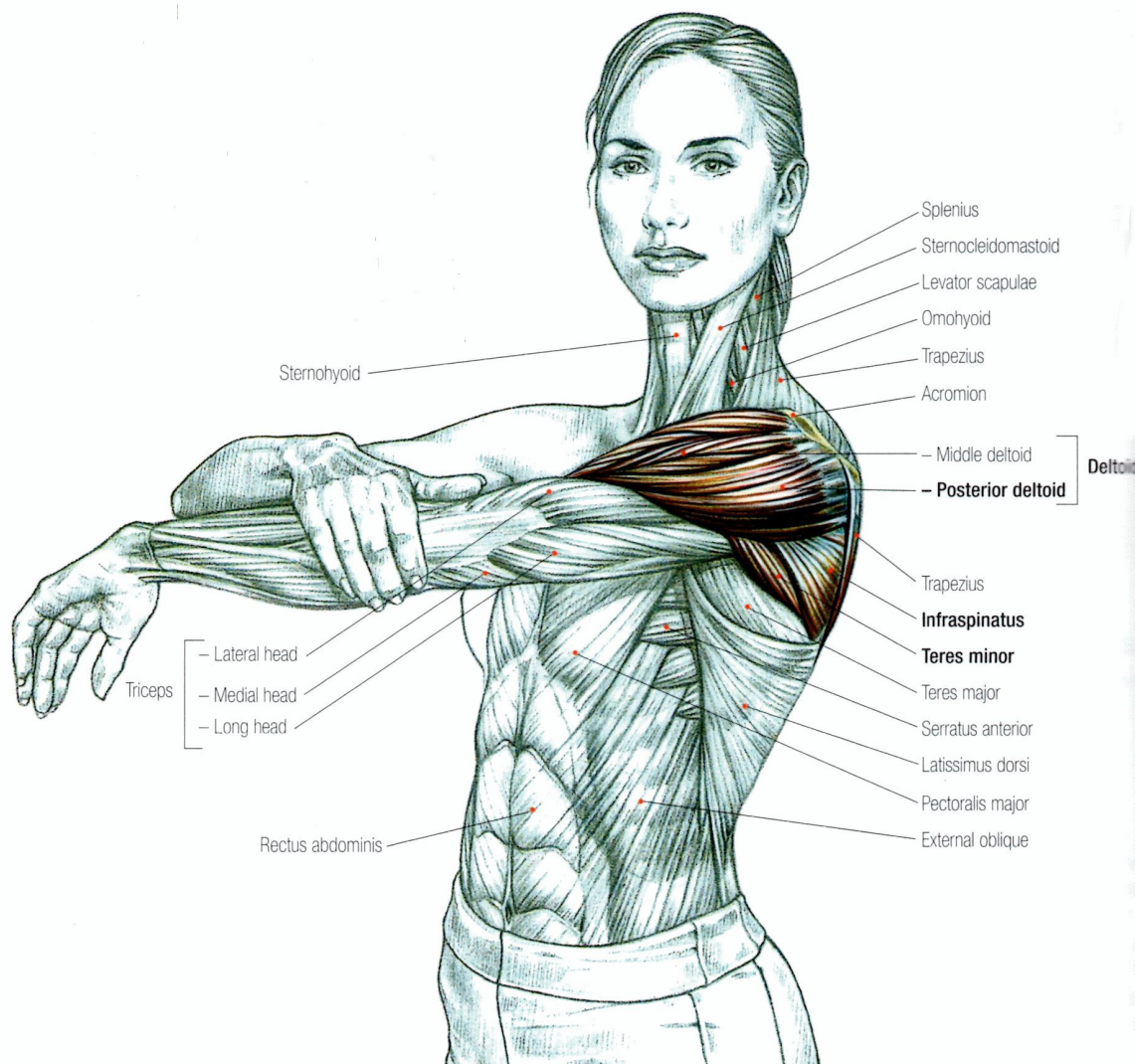


Imagem 4: Alongamento do Ombro

Como método de ensino escalar, o Professor João pediu à aluna para transportar os exercícios que lhe são entregues no início do ano sobre a escala de Dó Maior, para as diferentes escalas. Assim sendo, a aluna nunca recorrerá à partituras para tocar a escala, sabe que a escala maior é constituída pelas permutações 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e altera os graus consoante a escala estudada. Devo afirmar que concordando com esta posição, continuei o trabalho dado pelo meu professor cooperante, que me pareceu bastante positivo, compreendo através da minha experiência pessoal como aluno, que muitas vezes essa leitura é uma prisão, lembro-me perfeitamente enquanto aluno de clássico, que maior parte dos meus colegas tocavam as escalas pelo papel, talvez fosse essa uma das razões pela qual muitos deles não conseguiam improvisar. Parece-me de importância fulcral que um instrumentista de Jazz pense nas escalas de uma forma natural.

5 1A - tocar na extensão do saxofone.

9 1B - tocar na extensão do saxofone.

13 2A - tocar na extensão do saxofone.

17 2B - tocar na extensão do saxofone.

Imagem 5: Grelha de exercícios escalares em C maior

Nesta direcção, pedido à aluna que tocasse a escala pentatónica maior de Sol, desde o Si grave até o Ré agudo, ou seja, aplicada no máximo que a tessitura normal do saxofone permite. A aluna executou o exercício corretamente, mas com um tempo muito oscilante e no meu entender demasiadamente rapidamente, com um cariz trapalhão. Nesse momento encorajei-a dizendo que é visível que estudou a escala, mas que seria importante experimentar a escala lentamente sobre 50bpm à colcheia, e que muitas vezes tocar lento é mais desafiante do que tocar rápido. Naturalmente a aluna mostrou-se com algumas dificuldades em executar o exercício lentamente, o que de certa maneira evidencia alguns maus hábitos que esta tem no estudo do instrumento. Um estudo lento e sistematizado, segundo Wilson (2012) é a chave para um progresso técnico rápido. Segundo este mesmo autor, quando a prática é efectuada de uma maneira rápida e repentina existem poucas hipóteses do material cognitivo ser dominado, e como tal uma performance segura será menos provável de acontecer.

Como se isto não bastasse, o Professor Hugo Teixeira, professor que acompanhou todo o meu percurso académico de saxofonista clássico, sempre me transmitiu que um bom som de saxofone trabalha-se com notas longas, logo existe uma relação proporcional, quanto mais devagar tocarmos mais estamos a trabalhar o som, o domínio do diagrama, o endurance e a subdivisão rítmica, que respectivamente leva à precisão rítmica. Outro factor que reparei foi que a aluna era bastante maquinal na sua abordagem ao saxofone, motivo pelo qual reforcei o conceito de direcção frásica, como um suporte para conseguir sustentar mais o diafragma, mesmo em contexto de exercício escalar.

No seguimento da aula realço um aspecto menos positivo em relação a um mau estar sentido pela aluna, devido a não ter comido de manhã, prontamente oferecemos auxílio à aluna, dizendo-lhe que para parar de tocar e ir respirar um pouco fora da sala de aula, comer ou beber alguma coisa e descansar um pouco. Esta situação ficou resolvida e a aluna sentiu-se novamente melhor, prosseguindo a aula, no entanto, não pude efetuar toda a minha programação, passando da escala Pentatónica maior de Sol diretamente para a improvisação sobre V7 Imaj7 também em Sol maior.

Para esse efeito utilizei um *playalong* feito especialmente para a aula com essa progressão. Foram então tocados os seguintes exercícios:

1) Permutação 1,2,3,5 2) Permutação 1,3,5,7 3) Mixolídio + Jónio

D⁷ G D⁷ G D⁷

4) Pentatónicas maiores

G D⁷ G

5) Pentatónicas maiores 2A

D⁷ G

Imagem 6: Permutações 1235 e 1357 em V7-Imaj7

Tirando o último (exercício 5) a aluna não teve problemas na execução, nesse caso específico, auxiliiei-a tocando saxofone também e reduzindo o tempo de 90bpm para 70bpm. Seguidamente foi proposto à aluna improvisar sobre a progressão livremente, com frases de dois compassos. A aluna não teve grandes problemas em tocar as notas certas, no entanto esporadicamente ainda tinha más resoluções, caindo algumas vezes quarto grau no acorde dominante, o que neste contexto não é de toda a escolha mais feliz, o que prova que a aluna naturalmente pensa em improvisação horizontal, mas pode não estar a pensar na quatríade na resolução. Foi sempre valorizado o esforço e pedido para que pense mais antes de tocar, que cante internamente para evitar erros frásicos, imediatamente a aluna fraseou mais simples, no entanto com o cansaço a aluna tem tendência para enfatizar algumas dos vícios musculares que foram corrigidos previamente.

Como término de aula, efetuei alongamentos com a aluna enquanto resumia o que tinha sido dado, e o que era esperável que estudasse para a próxima aula técnica, e o que deveria estar melhor para a prova de final de período que vinha de seguida. Avançando esse facto o Professor João recapitulou com a aluna o que fez durante o primeiro semestre e fez um balanço da preparação da aluna para o exame. Após a saída da aluna, uma avaliação rápida feita pelo professor cooperante. Segundo o mesmo, a aula correu bastante bem, vincando o facto de ter explicado a matéria com bastante calma e paciência competências que segundo ele são essenciais para alunos iniciantes. No entanto devido a um mau estar da aluna não tive tempo para ver a escala de Blues maior de Sol, tendo o professor João alertando-me que apesar de não ter culpa do incidente, um Professor tem de saber cumprir o horário de aula, e que chegando a tomar decisões em ensinar uma determinada matéria deve optar sempre pela que o aluno necessita mais, e nesse sentido felicitou-me pela escolha da improvisação, porque no exame final a aluna terá de fazer esse exercício e ainda não estava muito confortável.

Notei que vai ser um desafio corrigir a postura tensa da aluna, e a dedicação desta para se tornar melhor, após ter falado com o Professor João foi-me referido que para ela a opção de tirar um curso profissional de Jazz foi um acaso, pois não sonhava ser instrumentista de Jazz, optou por esse curso porque numa sessão de acompanhamento para direção de carreira académica foi-lhe aconselhado seguir artes, e a opção dela foi essa. Creio que a Beatriz ainda não percebeu muito bem o grau de dedicação que tem de exercer para se tornar numa boa instrumentista de Jazz, ainda assim, a aluna estuda alguma coisa e é minimamente aplicada, no entanto, temos de referir que começou a tocar apenas este ano e tem um caminho ainda bastante longo pela frente até conseguir transcrever um solo com o som de saxofone decente. Estes factos fazem-me refletir sobre a melhor maneira de motivá-la para o estudo, repertório específico terá de ser procurado, peças que se adequem ao nível técnico da aluna mas que ainda assim pertençam ao módulo em questão, vincando uma especial atenção ao estudo de uma melhor emissão e controle de som.

2.4.2 SEMANA #5 (Aula Leccionada nº2) 11/02/015

Sendo esta aula a primeira leccionada depois do exame final de 1º Semestre, durante o processo de aquecimento, também dei à aluna um feedback sobre a sua performance no exame, por sinal surpreendentemente bom, com uma transcrição e execução ousada de um solo de dificuldade mediana do Charlie Parker sobre a canção “My Little Suede Shoes”, evidentemente com uma interpretação não muito parecida à do artista, no entanto com as notas certas a 85% da velocidade, o que para uma aluna que começou a tocar recentemente é de facto um feito positivo e por sinal demonstrativo da qualidade de

ensino na Jobra e do Professor João Martins, e demonstrativo de que numa fase inicial interessa tocar, porque a aluna devido ao um nível técnico iniciante ainda não é capaz de interpretar, logo este solo foi montado como um estudo. Nesta direção encorajei-a a prosseguir com a boa conduta feita até então.

Para iniciar o ritmo da aula executamos os aquecimentos e alongamentos musculares já referenciados na aula leccionada nº1, continuando a política de sensibilização da aluna para lesões musculares e educando sempre para o aquecimento e alongamento muscular antes do exercício musical. Nesta aula específica, após reunião prévia com o professor cooperante, foi decidido apresentar a escala menor Harmónica e os seus graus, escalas frequentemente usadas na linguagem Bebop, tópico de estudo pertencente ao segundo semestre que com esta aula se inicia.

Para ensinar a escala, recorri ao conceito das designações numéricas de cada grau e acordes respectivos já amplamente apresentada à aluna, tanto nas aulas de saxofone previamente dadas pelo Professor João Martins, como nas restantes disciplinas Jazz leccionadas na escola. Bergonzi (2002) defende essa posição de ensino de escalas:

L'improvisateur doit en premier lieu examiner les gammes d'accords qui accompagnent la structure harmonique. Tout accord possède sa propre gamme relative. Si vous connaissez les gammes des accords majeurs vous serez capable de vous servir de ce système, si vous l'ignorez référez-vous aux tableaux des accords et des gammes à la fin de cet ouvrage. Assigner un chiffre à chaque degré de la gamme facilite habituellement l'énoncé des accords et des gammes. (Bergonzi, 2002, p.9).

Comecei por ensinar esta escala referenciando as diferenças entre os graus da menor natural e harmónica (apenas o 7º grau da escala, natural 7 harmónica, e bemol 7 na natural) e explicando como apenas uma nota de diferença faz com que tenhamos 7 novos modos para estudar: Escala menor harmónica, T, 2, b3, 4, 5, b6, 7; Lócrio 13, T, b2, b3, 4, b5, 6, b7; Jónio aumentado, T, 2, 3, 4, #5, 6, 7; Dórico #4, T, 2, b3, 4#, 5, 6, b7; Mixolídio b9 b6, T, 2b, 3, 5, 5, b6, b7; Lídio #9, T, 2#, 3, 4#, 5, 6, 7; e por último o modo alterado, T, b2, b3, b4, b5, b6, bb7. Evidentemente que expliquei muito sinteticamente os modos, porque nesta fase interessa que a aluna consiga tocar a escala menor harmónica em todas as tonalidades, e a finalidade da disciplina de saxofone é cumprir esse dever, já que a escola oferece mais disciplinas em que o aprofundamento teórico é prioritário.

Seguindo esta charneira, sugeri à aluna que tocasse a escala de Dó menor harmónica a 50bpm com colcheias, seguido dos exercícios característicos, 1A, 1B, 2A, 2B e 3A, estando este último exercício representado em baixo:

C harmonic minor.



Imagem 7: C menor harmónica, exemplos de exercícios

Este exercício revelou-se um desafio para a aluna, enganando-se muitas vezes no si natural, sem dar conta. Para solucionar este problema, resolvi adoptar uma estratégia, também utilizada pelo professor João Martins nas suas aulas, pedir à aluna para cantar sempre que não conseguisse tocar sistematicamente alguma coisa. Evidentemente a aluna teve imensas dificuldades em cantar a escala, porque ainda não a tinha interiorizado, no entanto após uns minutos conseguiu, e de seguida tocou melhor, apesar de algumas falhas, no entanto, conseguia identificar sempre que se enganava, coisa que não acontecia anteriormente, facto que demonstrou positivamente a materialização de um dos objectivos da aula, ensinar o processo de estudo da escala menor harmónica, para que a aluna em casa possa estudar com autonomia.

Acabada esta fase, foi dado à aluna um ponto de situação, fiz questão de frisar o esforço positivo e cooperação da aluna, vincando o facto de ter conseguido por ela própria identificar os problemas, factor positivo para uma evolução autónoma.

Prosseguindo, introduzimos o conceito de “Jazz blues” numa forma mais simples. A aluna no primeiro semestre executou progressões V7-Imaj7 no exame final, facto que é perfeitamente compreensível dado o cariz iniciante da aluna, lembro ao leitor, que no Curso de instrumentista de Jazz do Conservatório da Jobra frequentam e concorrem alunos com variadíssimos *backgrounds* musicais, uns com experiência no instrumento, até no ensino erudito, mas sem experiência Jazz, e que como tal já dominam suficientemente a técnica instrumento, e outros que descobrem praticamente pela primeira vez o instrumento nesse curso, e a Beatriz é um desses casos, e tem sido ensinada paralelamente a dominar a física do saxofone e a improvisar com os poucos recursos técnicos que tem. Por tudo isto, compreendo que para esta aluna dominar a progressão V7-Imaj7 em todas as tonalidades é um desafio interessante para um semestre. Foi a opção do Professor João, a qual respeito e compreendo.

Apresentei à aluna a seguinte forma do *blues* maior em D, com 12 compassos, também já dada previamente em disciplinas teóricas do curso, já com implementação do VI (b9b13) já para implementar aos poucos a sonoridade do modo mixolídio b9b13 referente à escala menor harmónica:

/D7 / G7 / D7 / Am7 D7 /
 /G7 / G7 / D7 / B7(b9b13) /
 /Em7 / A7 / D7 B7(b9b13) / Em7 A7 /

Seguindo as aulas prévias sobre um V7-Imaj7, sugeri à aluna que começasse por tocar as permutações 1,3,5,7 (quatríade) e depois 1,2,3,5, sem tempo, ao seu ritmo, dado estarmos a ver esta matéria pela primeira vez. A aluna não demonstrou graves dificuldades apesar de algumas hesitações, no entanto foi na permutação 1, 2, 3, 5 que teve dificuldades em adequar o b9 como substituição do 2, dificuldades ultrapassadas com calma. Após a resolução destes problemas com recurso a um playalong, pedi à aluna que improvisasse com essas duas permutações sobre um *blues* em *medium swing*, como seria expectável, apresentou muitas mais dificuldades adicionando o factor tempo, sendo recorrente fugir aos IIm7-V7 e aos b9b13 e omitir som nessa altura. Com o aumento da dificuldades vêm todos os vícios à superfície, foi nítida a mudança de postura da aluna, tendo começado a fazer pressão novamente no ombro esquerdo e por consequente na cervical, essa postura foi imediatamente corrigida, fizemos uma pausa de 2 minutos para respirar e falar sobre outras coisas, e até rir um pouco com algumas piadas para relaxar esse *stress*.

- *A good laugh has great short-term effects. When you start to laugh, it doesn't just lighten your load mentally, it actually induces physical changes in your body. Laughter can:*

- *Stimulate many organs. Laughter enhances your intake of oxygen-rich air, stimulates your heart, lungs and muscles, and increases the endorphins that are released by your brain.*

- *Activate and relieve your stress response. A rollicking laugh fires up and then cools down your stress response and increases your heart rate and blood pressure. The result? A good, relaxed feeling.*

- *Soothe tension. Laughter can also stimulate circulation and aid muscle relaxation, both of which help reduce some of the physical symptoms of stress. (Shermann, 2002, p.1)*

Após breve relaxamento prosseguimos com a improvisação da aluna, que por sinal correu bem melhor. De seguida resolvi fazer trocas de 4 compassos com a aluna sobre o playalong, para implementar algum sentido frásico, sempre com ideias muito simples e frases curtas, para a aluna poder responder e soltar-se um pouco da matemática das permutações. A reação foi ótima, naturalmente o momento de improvisação livre é sempre o momento com menos *stress* e mais criativo da aula.

Seguiu-se então o referente alongamento muscular do final da aula, já justificado na aula leccionada número 1 enquanto recapitulava a aula, o que aprendemos e marcava o TPC, continuar a estudar o Jazz Blues mas desta vez com pulsação, estudar a próxima escala menor sobre o ciclo das quartas (apresentado na figura da página seguinte), Sol menor harmónica com colcheias a 50 bpm e os usuais exercícios.

Após reunião com o professor cooperante no final da aula, disse-me que o balanço tinha sido positivo, e que a aula tinha sido mais segura e mais eficaz em termos temporais do que a aula 1, com os objectivos principais atingidos, felicitando-me também pela boa gestão de *stress* em contexto de aula.

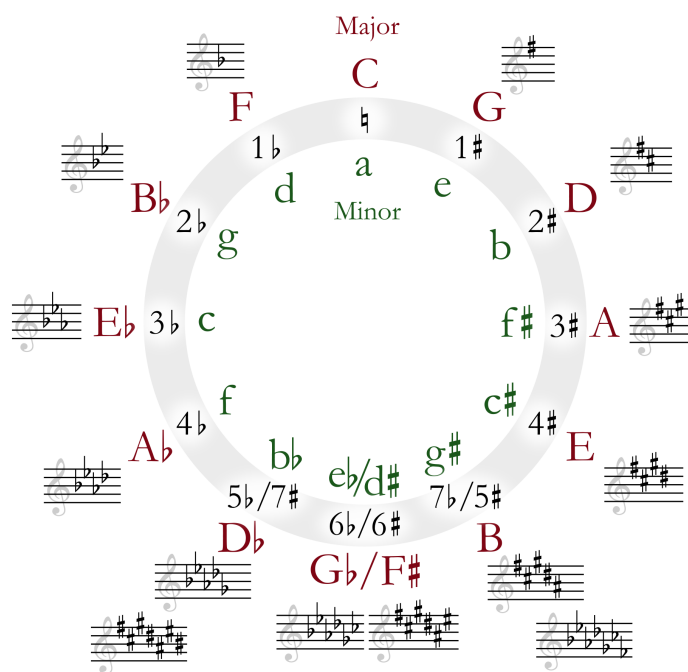


Imagem 8: Ciclo das quartas

2.4.3. SEMANA #6 (Aula Leccionada nº3) 25/02/015

Para esta aula, o Professor João Martins deu-me a hipótese de leccionar uma aula de repertório, visto que as últimas duas foram aulas técnicas, como já anteriormente descrevi, o ciclo de aulas da aluna é dividido em 2 momentos de 90m separados, o professor João organiza esses momentos entre uma aula de técnica e uma aula de repertório, e como tal, havendo de facto incompatibilidades no meu horário e o horário do professor, chegamos à solução de alternar entre duas tipologias, sendo que terei de leccionar pelo menos 2 de cada tipo seguidas para haver continuidade pedagógica e acompanhamento do aluno.

Nesta tipologia, na aula anterior, o professor João continuou a ver alguns temas de blues maiores como estudos, como por exemplo o *Billies Bounce* e o *Now's the Time*, estaria previsto que visse esta matéria novamente com a aula, e que incorporasse mais linguagem nos temas, visto a aluna ter feito um

exame em que tocou de uma forma algo mecânica e sem grande linguagem Jazz, assim como outros assuntos presentes na planificação.

Na chegada a aluna demonstra-se cada vez mais à vontade comigo, noto que já não se esconde tanto como nas primeiras aulas, e que chega muito mais descontraída. Durante o ponto de preparação e montagem do instrumento, fizemos um balanço geral dos trabalhos que o professor cooperante teria sugerido, seguido de um pequeno aquecimento e alongamento muscular, como descrito na aula leccionada 1, noto que a aluna já começa a fazer este processo de uma maneira orgânica, sem pensar muito, o que demonstra que tem feito com regularidade os aquecimentos.

Decidi começar pelos estudos dos temas de *blues* porque não são tecnicamente exigentes e a aluna pode de facto aquecer um pouco com eles. Como já eram uma matéria anteriormente apresentada a aluna não teve grandes dificuldades em tocar o *Now's the Time* (apresentado na figura da página seguinte) com e sem o metrónomo (com a utilização de metrónomo à mínima). Quando confrontada com a colocação do metrónomo no 2º e 4º tempo já demonstrou algumas dificuldades. Face a essas dificuldades, encorajei-a a cantar quando não conseguisse tocar, senti que mesmo a cantar tinha dificuldades em executar os últimos 4 compassos com essa deslocação rítmica, no entanto, ultrapassamos esses problemas atrasando o tempo, estudando devagar e depois aumentando progressivamente de velocidade, quando executou no instrumento não teve quaisquer dificuldades em fazê-lo. Aproveitei esse momento para lhe dizer que a aula pode maximizar o seu tempo de estudo se aproveitar momentos como as viagens de autocarro, ou momentos perdidos na escola para cantar temas com o auxílio de alguma aplicação de metrónomo para o seu telemóvel Android, alertei-a para 10 minutos por dia corresponderem a muitas horas no final do ano.

The image shows a handwritten musical score for the jazz standard "Now's the Time" by Charlie Parker. The score is written on three staves. The first staff is the title "NOW'S THE TIME" in large, bold, handwritten letters, with "CHARLIE PARKER" written in smaller letters to the right. The second staff is the melody, written in treble clef with a 4/4 time signature. The third staff is the bass line, written in bass clef. Chord symbols are written above the notes: D7, G7, G#0, D7, Emi7, A7, D7, and A7. The score is handwritten and appears to be a personal or working manuscript.

Imagem 9: Tema "Now's the Time" de C.Parker, retirado do The Real Book, 2005

Proseguindo nos temas segue-se o *Billies Bounce*, também de C. Parker, um pouco mais complexo como se pode ver na próxima figura. A já apresentou algumas dificuldades na execução do tema, ainda que tocado a uma velocidade média, principalmente no ritmo do 7º compasso, fizemos o processo usual e vimos um pouco mais lento, primeiro com o metrônomo a 70bpm à semínima, a aluna esteve melhor, ainda assim com algumas hesitações, encorajei-a a persistir nunca dizendo que estava mal mas sempre afirmando “ prova-me que consegues tocar bem duas vezes”, expondo que estava progressivamente melhor. Acredito que esta postura positiva tenha motivado a Beatriz. Quando senti que o tema estava executado sem erros técnicos senti que seria a altura de averiguar melhor a linguagem da aluna, tal como o professor João tinha pedido.

24.

(BLUES) **BILLIE'S BOUNCE** CHARLIE PARKER

Imagem 10: Tema "Billie's Bounce" de C. Parker, retirado do The Real Book, 2005

Seria para isso necessário que a aluna compreendesse conceitos como *ghost note*, articulação em “dhu”, “thu” ou simplesmente com ar com auxílio do diafragma. Vejamos a ilustração da primeira linha com algumas articulações escritas:

Imagem 11: Exemplo de escrita com linguagem sobre o tema "Billie's Bounce"

Claro será que essas articulações têm de ser tocadas com alguma suavidade, um dos problemas de muito instrumentista de sopro iniciante no Jazz é que não dominam articulações intermédias, só existe o *legatto* e *stacatto*, e dentro deste último apenas o “thu”. No Jazz ainda que em *stacatto* podemos utiliza o “thu”, o “dhu”, o “pho”, o “vhu” e o “dha” entre outros, no entanto se analisarmos as interpretações de músicos como o Charlie Parker, é tudo bastante subtil, e tratando-se desse artista visado com este tema, é por esse caminho que teria que seguir. Como tal, ensinei precisamente esses vocábulos à aluna e ficamos alguns minutos nesta frase, obviamente como a descrição em Português pode ser algo abstracta, decidi tocar a frase as vezes possíveis para então a aluna imitar imediatamente de seguida, com feedback avaliativo e correções imediatas, para que rapidamente pudesse chegar onde eu pretendia, método que acabou por resultar rapidamente. Sempre neste processo decidi abordar o tema, sempre linha a linha, até chegando ao final, com recurso a um *playalong* a aluna tocou todo o tema. Notei nítidas melhoras imediatamente apesar de algumas vezes a aluna atacar as notas com alguma agressividade, no entanto, percebeu como estudar linguagem, situação que nas aulas de repertório repetirei para que a aluna sistematize o processo de estudo.

Seguiu-se então a parte de improvisação, no seguimento da aula anterior (tanto técnica como de repertório) foi abordado o *major jazz blues* em Ré:

/D7 / G7 / D7 / Am7 D7 /
 /G7 / G7 / D7 / B7(b9b13) /
 /Em7 / A7 / D7 B7(b9b13) / Em7 A7 /

É expectável que a aluna fizesse corretamente as permutações 1,2,3,5 e 1,3,5,7 à colcheia com a última ligada a uma semínima, pois foram TPC de aulas anteriores. A aluna estudou e não teve problemas em executar os exercícios. Foi-lhe felicitado imediatamente o esforço. Prossegui com um exercício de improvisação com um motivo rítmico para que se distanciasse do padrão quadrado do exercício anterior, esse ritmo está presente na próxima figura. A aluna apresentou algumas dificuldades em fazer o primeiro exercício por ser um padrão em espelho, mas ao final de alguns minutos conseguiu. No segundo exercício o objectivo seria “*swingar*” as colcheias, precisamente por estarem no *upbeat*, a aluna percebeu o conceito de subdivisão ternária e acaba para *swingar* as frases, no entanto muitas vezes o *swing* tornava-se num galope, quando acontecia era preciso regredir e explicar a subdivisão outra vez. Numa fase final, a aluna pode improvisar com as notas que quisesse no blues desde que tivesse aquele ritmo, não constringendo mais com as permutações. Foi-lhe explicada que o *swing* deve ser estudado lento para sentir bem a subdivisão.

No final da aula enquanto fazíamos pequenos alongamentos, recapitulamos a matéria dada e marquei os próximos TPC (recapitular as escalas pentatônicas maiores e tocar novamente o Billie's Bounce, mas mais rápido), tendo perguntado à aluna como autoavaliação o que tinha achado da sua performance e quais as maiores dificuldades que enfrentou.



Imagem 12: Exemplo de figuras rítmicas para improvisação Swing

2.4.4. SEMANA #7 (Aula Leccionada nº4) 04/03/015

A aluna entrou no espaço de aula e cumpriram-se os rituais habituais, e após um breve questionário sobre a semana, se tinha estudado, as dificuldades que sentiu e o que ficou de trazer estudado para esta aula, montou o instrumento e procedemos ao aquecimento e alongamentos habituais.

Começamos a aula com o tema Billie's Bounce, a aluna aprendeu na semana passada que deveria começar a incorporar a linguagem Jazz nos temas que lia, e nessa charneira, aprendeu algumas estratégias de articulação para incorporar nos temas abordados. Pediu-se que trouxesse o tema mais sólido, mas com algumas articulações e que referentemente aumentasse a velocidade. Notei logo que a aluna não tinha estudado o pretendido, o tema estava igual, e a articulação tinha melhorado. Nesse sentido tive obrigatoriamente de compensar ensinando outra vez todo o processo descrito na última aula, linha a linha, para depois finalizar. A aluna afirmou que não tinha tido tempo para estudar devido a uns problemas pessoais, e sendo este o primeiro episódio do género, dei-lhe o benefício da dúvida e resolvi não ser duro com a reação.

Seguidamente continuamos a improvisar sobre a grelha harmónica de um blues maior em Ré. Pedi à aluna para trazer as escalas pentatônicas maiores em ordem para podermos avançar na matéria, informo que essas escalas foram dadas pelo Professor João Martins no primeiro módulo e como tal a aluna já está plenamente consciencializada para o que terá de fazer.

Perguntei à aluna se sabia qual era a fórmula para a escala pentatônica maior, pergunta à qual respondeu acertadamente (1,2,3,5,6). Avisei a aluna que poderia fazer esta permutação para todos os acordes maiores do *blues*, nomeadamente o I7, o IV7, o V7.

Com o auxílio do *playalong* sugeri que improvisasse com essa escala apenas nesses graus. Naturalmente a aluna não teve grande dificuldade em tocar a escala pentatônica do I7 e V7, no entanto apresentou algumas dificuldades na do IV7. Paramos, reforcei positivamente o esforço e vimos isso isoladamente. Cumprindo esse processo, voltamos às permutações, e vimos que na verdade 1,2,3,5 é quase uma escala pentatônica, só que nos acordes menores não é a situação mais feliz, motivo pelo qual poderíamos mudar essa permutação para 1,3(b),4,5 (pertencentes à escala pentatônica menor, 1,b3,4,5,b7), vimos com *playalong* essa pequena alteração, a aluna com algumas falhas conseguiu superar e cumprir o exercício. Ainda assim como ainda houve hesitações nos últimos 2 compassos, foram tocados mais de vagar isoladamente.

Exercício com 1235 para acordes maiores e 1345 para acordes menores.

D7 G7 D7 Am7 D7

5
G7 G7 D7 B7(^b13)

9
Em7 A7 D7 B7(^b13) Em7 A7

Imagem 13: Permutações 1234 para acordes maiores e 1345 para acordes menores, sobre a forma de um Blues.

A questão das permutações é francamente defendida por artistas como Bergonzi (2002, p.8): “Because there are unlimited possibilities for playing melodies on any given chord, to make progress learning how to improvise is its necessary to delimit the infinite music solutions”. Evidentemente que este autor apresenta uma justificação mais avançada para estas permutações de 1,2,3,5 e 1,3,4,5 relacionadas com saltos de quintas, e depois comprimidas dentro da mesma oitava, não obstante ambas as soluções são muito equilibradas porque contêm uma terceira menor e duas segundas maiores intrínsecas em cada um deles. Este mesmo autor defende que se numa progressão Im7 V7 se optarmos por alterar a ordem de alguma destas permutações devemos fazê-lo tanto para 1,2,3,5 como para 1,3,4,5. Neste sentido, marquei

como TPC para a próxima aula este mesmo exercício, mas com 2,1,5,3 para acordes maiores e 3,1,5,4 para acordes menores. Na parte final da aula, foi sugerido à aluna ouvir e transcrever o solo de Lou Donaldson no tema *Lous Blues* (Blue Note BN1599B – BN 433, 78rpm). Este tema foi pensado em antemão com o auxílio do professor cooperante, achamos em conjunto que é um dos solos perfeitos para o nível em que a aluna se encontra, é um solo em swing médio, o Lou Donaldson tem ideias simples e altamente criativas que podem ser desenvolvidas também na improvisação da Beatriz, paralelamente, é um bom solo para a aluna cantar e desenvolver a afinação. Na próxima aula de repertório espera-se que a aluna traga pelo menos os 8 primeiros compassos já transcritos (pertencentes ao tema) e consiga cantar o tema e a primeira volta na harmonia de cor, com o auxílio da gravação original como background.

No final da aula, foi recapitulado o que se avançou neste dia, assim como algumas das problemáticas abordadas, marcou-se o TPC, realizamos os referentes alongamentos e despedimo-nos, encorajando a aluna a trabalhar mais para a próxima aula.

2.4.5. SEMANA #8 (Aula Leccionada nº5) 11/03/15

Esta semana e na próxima serão leccionadas aulas técnicas. Como ritual iniciativo de aula, a aluna entrou no espaço de aula, falamos um pouco para quebrar a tensão do espaço de aula e procedemos aos aquecimentos e alongamentos musculares à imagem de aulas esplanadas anteriormente.

Após montagem do instrumento foi sugerido à aluna que tocasse a escala de Mi menor harmónica com semínima igual a 100, com duas oitavas abrangendo todo o registo do saxofone, desde o Si grave até o F# agudo. Imediatamente notei que alguns picos de tensão na embocadura faziam com o registo grave e agudo estivesse menos natural, recapitulei que a aluna teria de pensar em sons mas abertos como “ô” no registo grave e deixar de fazer vocábulos tensos como “á” nesse registo, assim como contrair o queixo contra a garganta abrindo o máximo de caixa de ressonância possível, já no registo agudo, também com a mesma estratégia de ressonância deveria cantar vocábulos mais agudos como “i”. Senti que nesta altura a aluna precisava de aprender alguns exercícios de flexibilidade e resolvi gastar algum espaço de aula focado no som, não discriminei este exercício na planificação, mas compreendo que no universo musical nem tudo possa ser planeado e haja ocasiões em que problemas dos alunos têm de ser tratados imediatamente, senti que este foi um desses momentos.

Só com o tudel fizemos exercícios de *bendings* baixando e subindo meio tom a nota emitida. Imediatamente constatei que a aluna soltava uma nota de aproximadamente um quarto de tom acima da minha, o que podia estar a explicar o porquê de um som tenso. No que diz respeito à flexibilidade de

embocadura, apesar de em contextos diferentes, saxofonistas como Tony Malaby, Claude Delangle disseram-me pessoalmente em workshops que há um ponto de embocadura que nos permite ser flexível, se relaxamos demais não podemos descontrair mais e como tal, notas de afinação alta acabam não ter a compensação de relaxação otimizada, assim como o contrário, embocaduras demasiadamente tensas não permitem o ajuste de notas de afinação baixa, sendo este um problema muito recorrente no registo grave do saxofone, e um dos que a aluna tinha.

Após uns breves minutos pedi à aluna para montar o tudel no saxofone e tocar e a diferença foi imediata, um som muito mais rico e relaxado, a aluna nitidamente ficou satisfeita com a melhoria, e até certo ponto surpreendida com o som que emitiu do saxofone, nessa altura expliquei-lhe mais simplificada o conceito da flexibilidade, fiz uma analogia a um elástico, se estiver demasiadamente livre não consegue ficar mais pequeno, se por outro lado estiver demasiadamente tenso não se conseguirá esticá-lo mais e ficar maior, mas se estiver no meio do jogo entre relaxamento/tensão pode ficar maior ou menor consoante a vontade. Evidentemente que ao longo da aula a aluna progressivamente foi voltando aos velhos hábitos, no entanto, tratei de recordar este conceito várias vezes.

Decidi então continuar com a escala menor harmónica, e efetuar o exercício escalar 1A, 1B, 2A, 2B e 3A. A aluna tinha estudado bem dois primeiros exercícios, nos restantes hesitou bastante. Numa primeira fase determinei que a aluna deveria cantar o exercício, porque por vezes tocava notas e seguia, e como tal, não me dava feedback se sabia que tinha errado, após cantar rectificava imediatamente o erro. No exercício 2B e 3A toquei com a aluna, e no último devido a várias dificuldades tivemos de tocar o exercício à semínima a 50bpm, obrigando a aluna a estudar na sala de aula.

De seguida pedi para tocar a escala cromática, em todo o registo do instrumento, desde o Bb até o F#. A aluna tocou a escala com algumas hesitações e a um ritmo oscilante, motivo pelo qual insisti que tocasse dentro de uma pulsação, mas desta vez pedi tercinas de colcheia a 50bpm à semínima. A aluna executou o exercício melhor, e felicitei-a pelo esforço.

Como último exercício, trouxe alguns *fingerbusters* para serem tocados com metrónomo. Nestes exercícios pretende-se apenas que a aluna toque passagens difíceis em repetição sem parar sempre com o metrónomo a 50bpm, primeiro a colcheia e depois em tercina, subindo gradualmente na tabela de tempo.

Fingerbuster 1



Imagem 14: : Fingerbuster 1

Estes exercícios são puramente técnicos, e existem para garantir a fluidez das passagens e rapidez técnica. Lembro-me que a aluna afirmou fora da aula numa conversa informal, que muitas vezes com o cansaço tinha de um dia escolar intenso não resistia a ver série de TV no tempo livre que dispunha. Nesse sentido, este exercício pode perfeitamente ser tocado num desses momentos, porque não exige um grau de concentração imenso, e dessa forma a aluna poderá aproveitar mais umas horas de estudo por semana.

Descobri este método sozinho enquanto estudante da licenciatura de Jazz na ESMAE, no entanto, curiosamente numa aula que assisti durante este mestrado dada a cargo do Professor António Saiote como convidado da disciplina de Didática do Instrumento leccionada pela Doutora Sofia Lourenço, comentou que recomendava o mesmo estudo aos alunos pelos semelhantes motivos, e por vezes, até para aliviar a tensão de exercícios maquinais e repetitivos, e como tal, enfadonhos e desgastantes. Se o cérebro nesse momento tivesse algo de interessante paralelo o exercício seria mais facilmente suportável. A aluna achou piada ao conceito e afirmou que iria experimentar estudar dessa forma em casa no momento da hora livre. Naturalmente na aula tocamos o exercício até às tercinas de colcheia apenas para exemplificar o poder da repetição na construção de exercícios mecânicos, ajudei a aluna tocando com ela não só para ajudá-la em termos tímbricos a relaxar, mas também para impor mais intensidade na repetição, impondo menos pausas para respirar.

No final da aula, fizemos os habituais alongamentos, desta vez um pouco mais demorados porque o esforço final foi maior, recapitulando o que demos na aula, e o que seriam os TPC para a próxima aula, a escala menor harmónica em Si, quatro *fingerbusters* para tocar até à sexta de semicolcheia e a improvisação com as permutações. Devo afirmar que a improvisação não foi abordada nesta aula porque resolvi gastar mais tempo com a emissão de som e flexibilidade, senti que era uma prioridade absoluta. Após reunião com o professor cooperante, ele achou que estive sereno e direto, atitudes que elogiou bastante e por sinal, concordou com o destaque nos estudos de som do instrumento, no entanto afirmou,

que muitas vezes para alunos iniciantes esse t3pico de estudo deve ser tratado com algum tacto, no sentido de n3o enveredar por um estudo demasiadamente rigoroso do instrumento, porque os alunos sentem-se mais motivados com coisas mais espec3ficas como melodias, e o dom3nio do som 3 sempre abstracto. N3o obstante falou que se impusesse um ritmo mais ligeiro de aula principalmente nas escalas, talvez tivesse tido tempo pra uma pequena improvisa33o na parte final da aula. Confessei-lhe que por vezes 3 dif3cil controlar esse aspecto, porque quando testemunhamos algo negativo gostamos de aperfei3oar ou rectificar imediatamente, e nessa entrega total, acabamos por abandonar o t3pico de estudo mais tarde do que talvez fosse ideal, porque na verdade, na maior parte das situa33es o aluno acaba por n3o o resolver o problema imediatamente e ter de a longo prazo de o trabalhar melhor em casa. Poder3 ser mais vantajoso rectificar mais sinteticamente esses aspectos e avan3ar para outras mat3rias, at3 para n3o frustrar o aluno se n3o conseguir executar corretamente o exerc3cio. Por outro lado, como debati com o professor cooperante, se o aluno n3o estuda em casa, dever3 estudar no espa3o de aula com supervisor, para saber se efetivamente o aluno sabe estudar, e caso n3o saiba, para impor-lhe o ritmo e m3todo de estudo correto. Evidentemente, achei que o que o professor cooperante tocou num assunto totalmente pertinente e para aulas futuras pensarei nesse aspecto com especial aten33o.

2.4.6. SEMANA #9 (Aula Leccionada n36) 18/03/15

Como afirmei na 3ltima reflex3o, tamb3m esta aula tem um cariz t3cnico. Os rituais do costume foram feitos novamente: uma pequena conversa para cortar a tens3o do choque rua/espa3o de aula, assim como os referentes alongamentos e aquecimentos musculares, descritos com mais enf3se em aulas anteriores. Com base nas reflex3es da 3ltima aula, resolvi abordar novamente os exerc3cios de som com tudel, mas desta vez logo como aquecimento no inicio da aula ap3s montagem da aluna, este pequeno exerc3cio teria a dura33o de 3 minutos aproximadamente.

Ap3s este curto exerc3cio e o aquecimento feito, resolvi ensinar-lhe mais uma t3cnica para som, desta feita uma t3cnica que me foi ensinada pelo Mestro e Professor de Clarinete Jos3 Ricardo aquando um est3gio de orquestra. Muitas vezes, o instrumentista de sopro (palheta) n3o envia a linha de ar correta para a zona "dourada" da boquilha, endere3a essa linha de ar ou demasiadamente para cima, ou demasiadamente para baixo, no entanto tamb3m com a l3ngua obstru3mos a passagem do ar. Foi-me ent3o ensinado que puxando a palheta para baixo, de meio cent3metro at3 um cent3metro na boquilha ser3 dif3cil3mo emitir som, no entanto, soprando ainda conseguimos usufruir da sensa33o de uma boquilha com palheta. Ser3 preciso soprar mais, com mais ar quente e melhor direcionado para que consigamos imitar um

pequeno som. O som viaja sobre o ar quente viaja a maior velocidade do que o ar frio, segundo uma descrição da sciencewows.ie:

It does travel faster through warm air (...) the molecules in the warm air are more "excited" and will vibrate more easily. Sound needs vibration in order to work so the sound is carried more easily through the air with the more excited molecules than through air with more "still" molecules (cold air). (Sciencewows.ie, 2014)

Como será óbvio, a física aplica-se ao instrumento, quanto mais ar quente um instrumentista emitir mais rápido emitirá som, está técnica é especialmente útil nas notas mais graves, que precisam de maior rapidez de ar. A aluna experimentou este exercício durante aproximadamente 3 minutos, e de seguida compôs a palheta e tentou imitar som, as diferenças foram imediatas, sem resistência, tocou muito mais forte e com muitos mais harmónicos, mais uma vez a aluna mostrou-se surpreendida consigo mesmo pelos resultados imediatamente alcançados, felicitei-a pelo som que conseguiu alcançar e recomendei que gastasse 5 minutos ao dia com este exercício.

Avançando como habitual escala menor harmónica, desta vez na tonalidade de Si, foi sugerido que a aluna tocasse os exercícios 1A, 2A, e 3B. A figura em baixo exemplifica o exercício 3B:

Escala de Si menor harmónica e o exercício 3b (deverá ser tocado em toda a extensão do instrumento)



Imagem 15: Exemplos de exercícios escalares em B menor harmónica

A aluna executou os exercícios com bons índices de confiança, o único que mereceu constantes reparos foi de facto o que está representado na figura. Considero que o exercício é puxado, não tem um desenho simples com esta escala, e como tal, a aluna apresenta dificuldades nos saltos iniciais do desenho. Resolvi ao invés de rectificar imediatamente os erros de deixar a aluna pensar um pouco, incentivando a primeiro pensar e só depois tocar, quando os erros eram recorrentes aí ajudava e dizia-lhe as notas que estavam mal, mais tarde exemplifiquei o exercício à pulsação, visto a aluna não estar a conseguir tocá-lo todo de seguida com a ajuda do metrónomo. Foram também corrigidas pontualmente algumas más posições, na região da região do apoio no chão e ombros. Notei porem que a aluna melhorou na qualidade

da afinação, e perguntei-lhe se tinha feito os exercícios da semana passada, pelo que me disse que sim e que a tinham ajudado.

Seguidamente verifiquei se tinha estudado os *Fingerbusters* que escrevi como TPC presentes na figura em baixo assinalada:



Imagem 16: Fingerbusters

A aluna executou os dois até à sextina de colcheia a 50bpm à semínima, notei que o primeiro exercício estava bem dominado tecnicamente, mas o segundo a partir das semicolcheias estava um pouco deficitário. Reparei neste momento que a aluna quando deparada com a dificuldade técnica ficava tensa na região das mãos, abria as mãos e tocava com muito mais força, evidentemente aqui temos um contrassenso, velocidade e tensão não coabitam juntas, imediatamente corriji a postura e tensão dos dedos. Nessa altura resolvi dizer à aluna para não pensar na técnica como um conjunto de notas, o exercício era facilmente decorável, e como tal não devia ser pensado nota a nota, mas sim como um gesto, ao fim de algumas repetições notei que a aluna percebeu este conceito e imediatamente reforcei positivamente o seu esforço com vários elogios.

Avançando na matéria decidi averiguar se a aluna tinha estudado as permutações no blues maior dadas numa aula há duas semanas atrás. Recapitulando esse conceito a aluna teria de tocar 2,1,5,3 para acordes maiores e 3,1,5,4 para acordes menores, tal como descrito na próxima figura:

Exercício com 2153 para acordes maiores e 3154 para acordes menores.

The image shows a musical score in 4/4 time, consisting of three staves. Above the staves are chord symbols: D7, G7, D7, Am7, D7 on the first staff; G7, G7, D7, B7(b9) on the second staff; and Em7, A7, D7, B7(b9), Em7, A7 on the third staff. The melody is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#). The first staff contains measures 1-4, the second staff contains measures 5-8, and the third staff contains measures 9-12. The melody consists of eighth and quarter notes, with some accidentals (sharps) indicating the key signature.

Imagem 17: Permutações 2153 e 3145 sobre um Blues.

A aluna cumpriu razoavelmente o pretendido, com bom som e segurança, ainda com alguma hesitações nos dois últimos compassos finais, muitas vezes acabava na terceira nas permutações menores ao invés da quarta. Foi-lhe dado um feedback avaliativo imediato sobre o bom trabalho, incentivando-a a continuar o bom trabalho.

Cumprido o exercício, seria então altura da aluna de avançar na improvisação, desta feita, através de exercícios com a escala menor harmónica, onde assinalada B7(b9b13), o pretendido era que a aluna apenas tocasse a escala onde assinalada e depois resolvesse no acorde seguinte. Este exercício serviria para a aluna ter a certeza na forma onde utilizar essa cor e conseguir resolver imediatamente, no jogo de tensão resolução tão usado na linguagem Jazz.

Exercício de tensão resolução com B7(b9b13) utilizando o modo mixolídio b9b13 e permutações com 1234 ou 1345 assim como referentes inversões.

The image shows a musical score in 4/4 time, consisting of three staves. Above the staves are chord symbols: D7, G7, D7, Am7, D7 on the first staff; G7, G7, D7, B7(b9) on the second staff; and Em7, A7, D7, B7(b9), Em7, A7 on the third staff. The melody is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#). The first staff contains measures 1-4, the second staff contains measures 5-8, and the third staff contains measures 9-12. The melody consists of quarter and eighth notes, with some accidentals (sharps) indicating the key signature.

Imagem 18: Mixolídio b9b13, aplicação no Blues.

A aluna naturalmente teve algumas dificuldade em apenas localizar este problema, nessas situações incentivei-a sempre a tentar novamente, dizendo que a próxima vez iria resultar mais, no entanto após algumas tentativas, começou a localizar perfeitamente onde poderia aplicar estas cores, fazendo-o sem problemas, nesse momento pedi-lhe que repetisse o exercício apenas para me provar que conseguia tocar duas vezes bem, ela assim o fez e com sucesso.

Na parte final da aula pedi-lhe que com os conhecimentos que tem improvisasse livremente sobre os blues escolhido sempre sobre um playalong, para sentir as cores de cada acorde. A aluna mostrou-se mais à vontade na marcação dos exercícios, no entanto, naturalmente enveredava pelas permutações esquecendo muitas vezes o quão poderoso o desenvolvimento motivico pode ser, nessa altura ao invés de estar a confundi-la pedindo que esquecesse por uns momentos o que fizera anteriormente decidi trocar 4 compassos com ela, injetando gradualmente essas frases mais melódicas e menos quadradas. Nitidamente foi uma boa opção porque imediatamente a aluna respondeu, e gradualmente cruzamos informação melódica com exercícios de marcação de cor do acorde. Estes momentos de interação são altamente estimulantes para os alunos por vários motivos: Porque têm um feedback imediato com o instrumento em formato de comparação, porque vêem o professor a exemplificar os conhecimentos na mesma situação, porque podem interagir e desta feita desenvolver ideias que lhe são legadas e que podem não estar preparados para as fazer e é um situação de adrenalina, porque a nível sónico ficam uma referencia maior e por último porque estão a fazer música e não estão a tocar mecanicamente. No final do exercício felicitei-a dizendo que estava a ficar cada vez melhor, com mais segurança e frases mais criativas.

Acabando o exercício a aluna procedeu aos alongamentos sem que eu dissesse nada, prova de que esta rotina está a começar a ficar interiorizada, procedemos a um ponto de situação avaliativo, não sem antes pedir um feedback à aluna sobre a sua própria situação. Marcamos TPC para a próxima aula e a aluna desmontou o saxofone finalizando o processo de aula.

No final da aula em reunião com o professor cooperador, disse-me que geri melhor o tempo na sala de aula e que gradualmente, também eu como professor começa a ficar cada vez mais seguro.

2.4.7. SEMANA #10 (Aula Leccionada nº7) 15/04/15

Esta aula marca o início das aulas de instrumento depois da interrupção lectiva para férias da Páscoa. Esta e a próxima aula serão aulas de repertório.

A aluna ficou de transcrever o tema Lou's Blues do saxofonista Lou Donaldson. Passaram 2 aulas desde que pedi o solo em conjunto com o meu professor cooperante à aluna, e como tal era exequível que trouxesse já escrito o tema e alguns compassos do solo. O professor cooperante avisou-me que a aluna ainda era iniciante, e que nesta fase interessava ver se a aluna sabia cantar o solo de cor, e caso soubesse começar a passar essa informação para o saxofone e só numa fase final com muita calma ensiná-la a solfejar e escrever as notas na pauta. Na verdade, concordo em pleno e sempre ensinei e fui ensinado a transcrever dessa forma, um passo de cada vez.

Com a entrada da aluna no espaço de aula cumpriram-se os rituais preparativos já descritos anteriormente, com um ponto de situação maior devido à paragem das férias. A aluna apresentou a transcrição, que já continha todo o tema escrito, com alguns erros e mais 3 compassos de solo com as notas escritas por extenso e sem ritmo. Felicitei-a pelo trabalho no tema e disse que iríamos continuar este processo. Lembro o leitor que no exame final o aluno é obrigado a apresentar o solo tocado e como tal, este processo terá de ser adiantado para dar à aluna na fase final do ano mais espaço para montar o solo e até examiná-lo.

Numa primeira fase pedi para a aluna cantar o solo, com este tempo todo esperava que cantasse todo o tema e solo completo, coloquei o solo num programa no computador (audacity) e reduzi o tempo para 80% para que notasse mais as afinações e se a aluna compreendeu as frases. A aluna executou o solo bastante bem, cantando a grande maioria das notas, com uma ou outra afinação desajustada, o que é perfeitamente normal pois trata-se de uma saxofonista e não de uma vocalista, com um bom dialeto de Jazz e com precisão rítmica. Imediatamente felicitei-a pela performance, que foi deveras positiva, dizendo que nota-se modelarmente que a aluna ouviu o solo centenas de vezes e como tal o próximo passo seria montá-lo no instrumento.

Como passo seguinte resolvi averiguar se a aluna já tocava bem o tema. Recorri ao programa audacity mais uma vez, com um sistema de escuta que tocasse a um volume razoável numa proporção de 60% som da aluna 40% background do artista transcrito. A aluna não teve problemas técnicos em tocar este solo excepto na parte final. Vejamos o tema:



Imagem 19: Tema “Lou’s Blues” de Lou Donaldson

Como será natural, na parte final do tema, os recursos técnicos são mais exigentes, notei imediatamente que a aluna não conseguia fazer as tercinas, ou se as fazia dava-lhes demasiada importância, para combater isso pedi-lhe que ao invés da tercina tocasse uma colcheia, ou seja despir a música de adornos, quando a aluna executou o tema dessa maneira percebeu os alicerces da frase e foi simples explicar os adornos. Seguidamente tocamos cada uma dessas tercinas isoladamente para melhor proficiência técnica.

Terminado este assunto analisei o início do solo que a aluna tinha trazido parcialmente transcrito. O professor cooperante em reuniões prévias tinha-me alertado para o facto do processo de transcrição ainda estar a ser ensinado, e como tal a aluna ainda não é autónoma para ouvir, tocar e transcrever tudo por ela própria, logo o professor deverá sobretudo ensinar o método de transcrição.

Reparei que como método a aluna tinha escrito sobre comando do professor cooperante, os compassos e dentro deles escrevia o nome das notas, ainda que desprovidas de ritmo. Averigui se essas notas estavam corretas e muitas vezes não estavam. Com muita calma rectifiquei este problema obrigando a aluna a solfejar um 4/4 e a refletir sobre o seu próprio trabalho. Rectificando este assunto tratei de escrever em pauta o ritmo, sempre questionando a aluna sobre a figura que se tratava. Obviamente devido ao seu conhecimento limitado de solfejo tinha de recorrer a perguntas como: “Achas que esta figura é maior do que um tempo ou menor”? É metade de um tempo, mas então como se chama a figura que é metade de um tempo? Conta 1, 2 3, 4, a frase começa entre que números?”, etc. Tentei sempre explicar o processo de audição, e de treino auditivo obrigando a uma escuta mais esforçada e mais atenta. No final da escrita dos primeiros 4 compassos pedi à aluna para tocar, evidentemente a aluna teve algumas dificuldades em fazê-lo até porque o início do solo começa com a mesma frase do final do tema, e como tal

tecnicamente é mais exigente, no entanto, notei imediatamente que a aluna procurou compensar alguns enganos com as frases que tinha no ouvido, prova de que está a interiorizar o solo corretamente e de que a pauta é apenas um auxílio.

Nos últimos 10 minutos resolvi deixar a aluna improvisar sobre um blues maior em D, frequentemente utilizado previamente. Deixei a aluna tocar livremente e quando senti fiz trocas de quatro compassos com ela. Como disse anteriormente este exercício é muito bom para motivar a aluna, senti que neste dia especial a aluna esforçou-se para fazer mímica das frases que tocava, e como tal treinar a intuição e o ouvido de uma frase natural. Imediatamente reforcei positivamente o esforço e os bons resultados mímicos.

A aula termina com os habituais alongamentos, a marcação do TPC, a recapitulação da matéria dada, e por último uma análise auto-avaliativa da aluna sobre a sua performance, seguida de uma análise feita também por mim, expondo estratégias para otimizar o estudo da aluna.

Após reunião com o professor cooperante, foi-me dito que abordei muito bem o tema da transcrição, expliquei com muita calma o solfejo, e pus sempre a aluna a pensar para ganhar autonomia, e assim sendo, estava no caminho certo.

2.4.8. SEMANA #11 (Aula Leccionada nº8) 22/04/15

Esta aula segue as diretrizes da anterior, neste sentido, foi pedido à aluna para transcrever pelo menos mais quatro compassos do tema *Lou's Blues*, montar o que foi transcrito e para trazer estudado a melodia do tema *Sandu* de Clifford Brown, assim como, improvisar sobre um *blues* maior. Esta parte da improvisação é de facto transversal à temática de repertório ou técnica, em ambas as aulas semanais a aluna aborda a improvisação, portanto após um feedback com o professor coordenador podemos conciliar esta matéria e complementar em ambas as aulas.

A aula iniciou-se muito à imagem das anteriores, com a breve conversa de quebra tensão, os aquecimentos e alongamentos respectivos. No entanto, houve uma grande diferença, foi oferecido pelos pais à aluna um saxofone novo. Creio que este factor vai ser importantíssimo até em termos motivacionais, não é um saxofone especial, é um modelo de iniciação, no entanto é o saxofone da aluna, e espero que este facto traga um maior compromisso entre aluna e pais sobre a sua performance na escola, e motive a aluna para conseguir estudar mais e alcançar melhores resultados.

Para iniciar o ritmo de aula pedi à aluna para cantar o tema e o solo sobre a gravação original, desta vez no tempo original, a aluna não teve problemas em fazê-lo (já o tinha feito na semana passada), no entanto, noto que em termos tímbricos enquanto canta está a aproximar-se muito do autor o que significa que tem ouvido mais o solo. Foi-lhe dado um *feedback* positivo imediato sobre este assunto.

Partimos então para a execução do solo transcrito (à exceção do que transcreveu para esta semana), desta feita, à velocidade original do artista. A aluna tocou o tema sem grandes problemas mas na parte da entrada do solo notei que ainda estava insegura ritmicamente, porque o artista desloca uma frase ritmicamente com um pequeno adorno, e a aluna continua a concentrar-se neste pormenor e a esquecer a parte mais importância, o esqueleto da frase. Foi-lhe então pedido que deixasse os adornos e cantasse a frase sem as tercinas de semicolcheia. Imediatamente conseguiu tocar o ritmo, no entanto disse-lhe que à imagem dos *fingbusters* dados nas aulas técnicas deveria estudar estes pequenos adornos sempre em repetição até ser natural, sempre no processo devagar para mais rápido.

Lou Donaldson on "Lous Blues" - SWING.



Imagem 20: Tema "Lou's Blues" de Lou Donaldson, primeiros compassos de solo

Proseguimos então para a continuação da transcrição. Já foi explicado anteriormente que a aluna ficou de trazer os próximos 4 compassos correspondentes aos últimos 4 da figura em cima representada. Como processo usual já explicado na aula anterior, a aluna divide compassos e escreve as notas por extenso dentro de cada compasso. Verifiquei então se as notas estavam corretas, as iniciais de cada compasso estavam, mas havia algumas que não estavam, tratamos de as corrigir para então passar à fase da escrita. Como relatado na aula anterior obrigava a aluna a solfejar e a chegar às próprias conclusões e apenas a ajudava quando sentia que estava muito distante sempre com perguntas muito básicas e simples. Quando acabamos de desenhar as figuras solicitei que tocasse esse excerto, naturalmente teve algumas dificuldades nas tercinas do penúltimo compasso e no último tempo do último compasso, nessa altura

pedi-lhe que tocasse a base das frase e tirasse os adornos, quando pensou desta forma conseguiu tocar a frase, novamente disse-lhe para ver isoladamente a técnica de cada compasso, e para tocar centenas de vezes o tema mais estes 8 compassos sempre por cima da gravação do Lou Donaldson, tentando imitar todos os aspectos que ouvisse. Vinco novamente que no processo de transcrição é fundamental desenvolver a autonomia da aluna, quanto mais se comprometer com as transcrições que efetua, maior linguagem terá.

Avançando, foi pedido na última aula que estudasse o tema a melodia do tema *Sandu* descrito na figura em baixo representada:

SANDU CLIFFORD BROWN
arr. Pete Churchill

Medium swing

Intro

HEAD

CODA

Solos on form (12-bar blues in C)
After solos, D.S. al Coda

Imagem 21: : Tema "Sandu" de Clifford Brown, retirado de <http://www.onlinesheetmusic.com/>

A grande dificuldade deste tema é a linguagem, o swing e um ou dois drops e glissandos. Para ver a uma velocidade confortável, coloquei o metrónomo no segundo e quarto tempo a 90bpm. E resolvi tocar o tema com a aluna para exercitar um pouco mais de linguagem. Sem surpresas a aluna tocou de uma forma estática, sem grandes dinâmicas e com um *swing* ainda muito arcaico. Resolvi como método de estudo mais uma vez recorrer à mímica, mas desta vez frase a frase, eu tocava e a aluna mimetizava sempre em repetição, quando achasse que a aluna se tinha aproximado passava para a frase seguinte e assim sucessivamente. Continuando este conceito fui tocando todas as frases do tema. No final montamos tudo e

tocamos novamente, pelo que o feedback foi imediato, ainda que não fosse perfeito a aluna encarou o tema já de maneira diferente, não obstante aproximou-se mais do meu timbre e como tal relaxou mais na posição da embocadura.

Na parte final, mais uma vez improvisamos sobre um blues maior, desta vez com um objectivo utilizar a frase inicial do solo do Lou Donaldson previamente transcrita transpondo de sol maior para ré maior. Para isso percebemos a contextualização harmónica e depois transpusemos para a tonalidade do blues inicial, e pedimos à aluna para fazer a frase no meio dos seus solos sempre que tivesse I7 ou o IV7. A aluna fez evidentemente que de uma forma quadrada, no entanto, numa ou outra parte conseguiu fazer direcções de solo muitíssimo interessantes, surpreendendo ainda que com simplicidade. Foi-lhe dado imediatamente um feedback positivo e passada a mensagem de que deveria ver a transcrição também como uma rampa criativa para a sua improvisação.

No final da aula, foi recapitulado o que se avançou neste dia, assim como algumas das problemáticas abordadas, marcou-se o TPC, realizamos os referentes alongamentos e despedimo-nos, encorajando a aluna a trabalhar mais para a próxima aula.

2.4.9. SEMANA #12 (Aula Leccionada nº9) 29/04/15

Nestas próximas duas semanas retomarei as aulas técnicas e o professor cooperante dará as aulas de repertório, como justificado previamente.

Como habitual, fizemos os rituais descritos anteriormente, incluindo alongamentos e um pequeno aquecimento muscular, seguido de um pequeno balanço sobre a semana de estudo.

Após este breve momento, e por sentir que nas últimas duas aulas que dei a aluna não tinha melhorado aspectos relacionados com o som, resolvi ensinar um pequeno e simples exercício de respiração, e fluidez de linha de ar. Com uma folha A4 colocada na parede, o aluno à distância de um palmo deveria aguentar a folha na parede sem lhe tocar, apenas com a direcção de ar. Este aspecto da direcção é fundamental num bom som, e quando estamos a falar em direcção não estamos a falar em quantidade, mas velocidade, e para isso precisamos de direccionar o ar para um pequeno orifício, um pouco à imagem de um assobio, e depois exercer pressão sobre o diagrama.

A aluna achou alguma piada ao exercício mas cometeu precisamente esse erro, enviou força em vez de direcção e aguentou a folha apenas um segundo, exemplifiquei de seguida que se ela mudasse a posição da embocadura conseguiria alcançar resultados de 4 segundos. De seguida repetiu após

exemplificação minha e superou os 2 segundos. Disse-lhe então que é um exercício meramente de forma física, e que deveria ser feito em repetições, tal como os desportistas fazem em ginásios, com calma e gradualmente porque o diafragma também se trabalha. Numa fase inicial fizemos então 2 ciclos de 5 vezes, espaçadas apenas por uma respiração, onde no final do segundo ciclo a aluna teve de se sentar um pouco, e relaxar um minuto, naturalmente porque é um exercício muscularmente cansativo. Recomendei que fizesse estes dois ciclos 1 vez por dia depois do aquecimento muscular.

Quando passou para o saxofone houve nítidas melhorias no som, de muita mais fácil emissão, e foi visível a satisfação da aluna. Creio que estes exercícios são importantíssimos numa fase inicial, é de facto verdade que são maçadores, psicologicamente e fisicamente, no entanto, correspondem imediatamente a melhorias no som, e como tal, devem ser praticados, creio que a aluna tem de ficar consciencializada que na sua rotina de estudo, há momentos para ser criativa, há momentos para surpreender com o estudo de temáticas novas, mas no saxofone, há um conjunto de normas e práticas que devem ser feitas religiosamente todos os dias durante uns breves minutos, mas que fazem toda a diferença a longo prazo. Para ela compreender, expliquei sobre a analogia de um desporto, para um atleta praticar um determinado desporto em forma de jogo, tem de praticar isoladamente corrida, salto, controle do objecto com que joga, assim como variadíssimos factores diferentes, se não o fizer não poderá jogar como deveria porque não estará no topo da sua forma física. Creio que com esta analogia a aluna percebeu o que fazer e teve uma resposta positiva a todo este processo.

Partimos então para as escalas, nesta semana deveria apresentar a escala de sol susenido menor harmónica. Fizemos então os exercícios usuais com o metrónomo a 50bpm para tocar com a subdivisão que sugerisse mas inicialmente à colcheia: 1A, 1B, 2A, 2B e 3A. Logo de início senti que a aluna não estava segura, é muito fácil para ela voltar a velhos hábitos de posturas tensas, logo na base estava apoiada apenas numa perna, com a outra perna dobrada quase em formato de quatro, ainda que com o pé no chão. O ombro esquerdo estava demasiadamente subido e a escala foi tocada com algumas falhas graves. Nessa altura disse-lhe para relaxar, estender os braços e antes de tocar pensar e só tocar quando mentalmente estivesse a ver a escala, após uns breves momentos a aluna tocou bem a escala ainda que com algumas hesitações. O exercício 1A, 1B, 2A foram bem tocados no entanto a aluna teve dificuldades em tocar o exercício 3A. Novamente disse para parar para pensar e tocar novamente, infelizmente os erros persistiam e rematei tocando com a aluna à semínima em 50bpm a escala para forçar na aluna o hábito do estudo. Evidentemente esse estudo escalar foi pouco trabalhado esta semana, e como tal dei-lhe um feedback imediato a expondo que poderia estar bem melhor, e que acreditava que a aluna conseguia mais, e nessa direcção pedi-lhe para a próxima aula técnica recapitular esta escala menor em sol susenido e trazer a seguinte, pois ser-lhe-iam pedidos exercícios das duas escalas.

Seguiram-se então os *Fingerbusters*, devido a já ter gasto algum tempo com as escalas resolvi apenas averiguar rapidamente se a aluna tinha estudado os exercícios. Os exercícios não estavam excelentes mas conseguia tocá-los à sextina de semicolcheia, ainda que com algumas hesitações. Felicitei-a pelo estudo e sugeri que estudasse os 2 seguintes.

No que diz respeito à improvisação, hoje avançaríamos com a matéria com as escalas de bebop dominante. A aluna já conhecia a escala, pois sendo este módulo precisamente bebop foi uma das matérias exploradas nas aulas de teoria, no entanto, gostava que paralelamente explorasse essa matéria na disciplina de saxofone também e no *blues*, principalmente para encaixar frases à colcheia metricamente corretas. Senti em aulas anteriores que a aluna é capaz de improvisar horizontalmente desenvolvendo bons motivos, no entanto quando deveria improvisar à colcheia sobre o tema esconde esses recursos com pausas estratégicas ou notas longas. Por isso mesmo propus um exercício em que deveria utilizar esta escala no I7, no IV7 e no V7, começando ou na tônica ou na quinta de forma a resolver no próximo acorde numa das notas da tríade, no resto da harmonia poderia utilizar toda a matéria dada, permutações, harpejos, etc.

Aplicação da escala dominante bebop no I7, IV7 e V7

D7 G7 D7 Am7 D7

G7 G7 D7 B7(^b₉¹³)

5

Em7 A7 D7 B7(^b₉¹³) Em7 A7

9

Imagem 22: Aplicação da escala Bebop Dominante sobre um Blues.

Muito calmamente começamos por tocar a escala *bebop* a começar em cada acorde, percebendo nesta grelha específica qual podiam ser as notas em que poderia resolver. Tentava nunca dar a resposta para obrigar a aluna a pensar e tocar para perceber. No acorde B7(b9b13) resolvemos cair na 3b mas para fazer uma dupla aproximação cromática à 3. Nos restantes era mais fácil resolver. Toquei então com a aluna as possibilidades, primeiro sem preencher os restantes compassos, apenas tocando uma nota da resolução para que aluna percebesse, imediatamente a seguir deixei a aluna tocar sozinha, preenchendo os

restantes acordes também. No final do exercício perguntei-lhe o que sentia, e ela referiu que assim era mais fácil encaixar as frases na métrica, e que tocava nos compassos maiores com mais segurança, e foi precisamente isso que senti da parte dela, cumprindo então o objectivo deste exercício.

Continuamos desta vez com a improvisação da aluna, sem regras, a que somaríamos as trocas de quatro compassos comigo para trabalhar a intuição e o mimetismo em tempo real. Como expliquei anteriormente é um momento relaxado para os alunos, e por sinal um momento em que o aluno se esforça para tocar como o professor e fazer música. Na troca desta semana decidi usar a matéria abordada e utilizar a escala de bebop, a aluna rapidamente entrou no jogo, brincando também com a frase e os cromatismos entre b7, 7 e tónica, prova de que sistematizou e compreendeu o pretendido.

Cumprimos os rituais finais comuns já descritos em aulas anteriores e demos como finalizada a aula. Após reunião com o professor cooperante, disse que estive bem na forma como expliquei a escala de bebop, mas que no entanto, deveria ser mais agressivo quando a aluna não estudasse. Nessa altura disse-lhe que o castigo que a aluna teria seria uma próxima aula, com uma programação mais centrada nas escalas, e por sinal menos divertida, e que dessa forma já seria um castigo e um incentivo em não acumular matéria para a aula seguinte.

2.4.10. SEMANA #13 (Aula Leccionada nº10) 13/05/15

Como afirmado anteriormente, esta aula terá um carácter técnico. A aluna entrou no espaço de aula e demos início aos rituais habituais, já descritos anteriormente: Breve conversa enquanto aparelha o material musical seguido de um aquecimento e alongamento muscular.

Após esse momento fizemos breves exercícios de flexibilidade com o tudel, como descrito em aulas anteriores. Notei que a aluna já está a melhorar no que diz respeito a colocar menos pressão na boquilha para poder ser mais flexível. Nesta altura decidi que poderia partir para o próximo nível que seria fazer exercícios apenas com a boquilha. Numa primeira fase fiz exercícios de saltos de oitava (suster uma nota e alargar a cavidade bucal para tocar uma oitava abaixo, manter uns segundos e regressar à nota inicial), nestes a aluna conseguiu baixar bastante mas tinha imensas dificuldades em manter a nota mais grave sem oscilar muito a afinação. O problema está evidentemente no diafragma, ao aperceber-me da frustração da aluna em não conseguir fazer corretamente essa oitava disse-lhe que o exercício da folha na parede (descrito na aula anterior) iria complementar este. Seguidamente executei umas melodias simples com a boquilha, com tons próximos que a aluna imitou sem problemas.

Passando às escalas, na última aula a aluna estudou mal a lição, e como TPC ficou de recapitular a escala de sol sustenido menor harmónica já abordada na semana passada mas também de ver uma escala nova a de Mi bemol menor harmónica. Devido a esta falha da aluna resolvi dar especial foco às escalas nestas aulas e como tal vou observar o exercício 1B, 2A, 2B e 3A, da escala em sol sustenido e o exercício 1B, 2A, 2B e 3B da escala em Mi bemol.

Lembrei a aluna antes de tocar, para manter uma postura relaxada, mas bem segura na terra com os dos pés seguros como se fosse um tronco de árvores, mas com o tronco e braços flexíveis como se de ramos se tratasses, ao sabor do vento. Alertei-a para pensar sempre antes de tocar.

A aluna tocou bastante bem a escala de Sol sustenido, sem grandes falhas e com um registo melhor, fruto também de começar a conhecer melhor o seu instrumento recentemente comprado. Nos exercícios dentro desta escala utilizei um metrónomo a 80 bpm à semínima. A aluna mostrou-se bastante segura na execução, apenas no 3A mostrou alguma dificuldade em tocar o exercício sem pausas de grande relevância, ainda assim não foi grave. Em ambos os exercícios provou tocar a escala a diferentes pulsações e como tal felicitei-a pelo esforço dizendo que estava bem melhor, e que notava-se que a aluna tinha estudado.

Segue-se então a escala do dia Eb menor harmónica, com muita calma repetimos todo o processo também com o metrónomo a 80bpm. A aluna executou todos os exercícios sem grandes problemas, com pequenas hesitações. Sempre que se enganou, à imagem do que tem sido feito, foi-lhe pedido para pensar e depois tocar. Quando finalizou o exercício 3B, com algumas dificuldades faltavam apenas 5 minutos para o final da aula. Neste momento a aluna comentou que a aula tinha sido bastante dura, e nesse mesmo momento, aproveitei para lhe dizer que sempre que ela não estudar a escala assim será, e por isso mesmo, deverá estudar para cada aula para não acumular matéria, e para que consequentemente, a aula seja mais divertida.

Como processo final fizemos alongamentos musculares, recapitulamos a matéria dada, marcamos TPC e falamos um pouco sobre a performance da aluna. Numa reunião com o professor coordenador no final da aula, deu-me um feedback muito positivo em relação à resposta que dei à aluna no final de aula, dizendo que por mais que um professor queira ser flexível e bem disposto, algumas vezes tem de ser justo, e como tal deve sujeitar a aluna também a posições menos confortáveis e educa-la para o conceito de que cada ação tem uma consequência, e se não estudou em casa estudar na sala de aula, e o estudo na sala de aula é sempre mais desconfortável do que em casa.

2.4.11. SEMANA #14 (Aula Leccionada nº11) 20/05/15

Estas próximas duas aulas serão aulas de repertório. Em reunião prévia com o professor cooperante, foi-me explanado que a aluna continua a transcrever o tema, e este processo deverá ser continuado.

Foram cumpridos os rituais de aula normais já descritos anteriormente. E foi dado início ao ritmo de aula com um pequeno exercício de flexibilidade com o tudel. A aluna prova-se cada vez mais flexível, e sem problemas em baixar meio tom na nota de referência, no entanto tem dificuldades em manter essa nota estável, pelo que deverá trabalhar mais a pressão no diafragma. Foi-lhe dado um feedback avaliativo positivo imediatamente a seguir à execução do exercício.

Seguidamente abordamos o tema Blues for Alice de Charlie Parker, TPC pedido pelo professor cooperante na última aula técnica, podemos observar esse tema na próxima figura. A prestação da aluna foi mediana, com muitas hesitações no final do 5 compasso, muitas vezes com pausas que excediam uma duração estipulada, assim como, situações semelhantes no compasso 7 para 8. Reparei que a aluna nunca parava para verificar os erros, e em certo ponto podia não estar consciente sobre os estar a fazer, e como tal, abordamos cada um desses compassos isoladamente, em repetição como ensinado previamente, imprimindo à aluna o hábito de estudar os problemas e dificuldade com especial ênfase. Após essa situação resolvemos continuar com uma abordagem integral ao tema. Seria então momento de explicar as acentuações da peça. Evidentemente que se num cenário imaginário confrontássemos um músico de clássico e um músico de Jazz com a leitura à primeira desta tipologia de música os resultados seriam francamente diferentes, o músico de clássico tocaria sem acentuações, provavelmente em stacatto por não haver ligaduras de articulação, e de uma forma muito lírica, como manda a linguagem clássica. Por outro lado, o músico de Jazz tocaria o mesmo tema mais ligado com algumas acentuações de mais dinâmica e complexidade de articulação, omitir notas e aproveitar mudanças de registo como articulação, tudo isso é linguagem Jazz. A aluna deverá de facto começar a instaurar essa dinâmica na sua interpretação, e tudo isso começa por ouvir muitas vezes os autores originais, e perceber *chichets* de articulação.

55
- CHARLIE PARKER

BLUES FOR ALICE

(MED. SWING)

Imagem 23: Tema "Blues for Alice" de Charlie Parker, retirado do The Eb Real Book (2005)

Foi pedido à aluna para bater palmas nas acentuações características na parte fraca do tempo, foi também escrito sobre a pauta das alunas ligaduras de articulação para que fizesse e compreendesse melhor o pretendido como a figura em baixo ilustra.

Imagem 24: Exemplo de linguagem sobre o tema "Blues for Alice"

Deste modo a aluna percebeu como poderia articular melhor a frase descrita previamente, no entanto na primeira abordagem fez toda a articulação de uma maneira muito agressiva, o que é natural dado que expliquei as acentuações de uma forma muito minimal e isolada. No final da prestação felicitei-a por já compreender o conceito, dizendo-lhe que para ficar melhor teria de tirar a língua de todas as acentuações e quando a usasse, utilizar a parte central ao invés da ponta, para efetuar um staccato que não interrompesse tanto o fluxo do ar, expliquei-lhe também que muitas as articulações podem também não advir da articulação mas da omissão de notas, as chamadas *ghostnotes*, e que poderia fazer também este conceito em algumas notas como a frase da figura anterior explica. Como a aluna não conseguiu efetuar o exercício como deveria, foi-lhe recomendado trazê-lo novamente para a semana.

Findo este processo, partimos para a continuação da transcrição. Numa primeira fase como anteriormente pedi à aluna para cantar o solo sobre o tempo original, exercício que fez sem problemas. Seguidamente pedi como de costume para a aluna tocar o que já tinha estudado, com auxílio de um

computador, com o *software Transcribe* para alterar o pitch do artista que sendo uma gravação antiga está bem abaixo dos 440Hz, e para alterar a velocidade de execução para 80% para ser mais fácil para a aluna tocar, e por sinal para o contraste entre o artista e a aluna ser mais cristalino. A aluna tocou o tema bem, assim como a maior parte da primeira volta na grelha harmónica, já com alguns efeitos abordados anteriormente como os glissandos nas notas iniciais, o que prova que tem trabalhado este aspecto, no início do solo tocou as frases com tercinas de colcheias reduzidas ao esqueleto.

Antes da aula na reunião com o professor cooperante, foi-me passada a mensagem de que, neste momento, não era importante que a aluna fizesse os efeitos corretamente, mas sim, que aparelhasse o resto do solo. Assim sendo resolvi avançar com a transcrição nunca diligenciando em demasia o tema. Transcrevemos então os primeiros 4 compassos da segunda volta, com a metodologia habitual: A aluna interioriza o solo (canta), para depois materializar o solo no saxofone e aprende a tocar o que ouve mentalmente, apenas depois coloca as notas por extenso dentro de um compasso. Numa primeira fase o professor averiguar se estão corretas, a aluna toca o que transcreveu e apenas depois vem o processo da escrita em pauta. Esse processo será o máximo reflexivo possível, sendo o objectivo que a aluna transcreva cada vez melhor e com mais autonomia. Neste sentido, auxiliei-a ajudando quando chegasse a algum beco sem saída ou não identificasse algum ritmo. Nos dois primeiros compassos o artista faz uma citação nitidamente em “even’8”, neste sentido expliquei-lhe que deveria escrever essa expressão para que o leitor identificasse facilmente que a subdivisão era binária. Continuamos a transcrição e no final dos quatro compassos tentamos tocar a frase para que a aluna pudesse estudar em casa. Vejamos o progresso na figura em baixo:

Lou Donaldson on "Lous Blues" - SWING.

4

12 even 8's swing

Imagem 25: Tema "Lou's Blues" de Lou Donaldson, primeira volta de solo

Após este processo analisamos o progresso sobre o Blues maior em Ré, com auxílio de um software de playalong, chamado IrealPro, que garantiu que a aluna tocasse acompanhada por uma secção rítmica com a possibilidade de alterar o tempo do playalong MIDI. Notei que a aluna estava melhor, a inclusão da escala de *blues* fez com encaixasse melhor as frases à colcheia, e os exercícios de permutações, trabalhados também pelo professor cooperante paralelamente tinham ajudado na marcação da cor de cada compasso.

Na parte musical ainda havia muito a trabalhar, e uma boa solução para desenvolver frases características e evoluir musicalmente é utilizar repertório que o artista usa no solo e aplicá-lo em contextos diferentes. Neste sentido, resolvi sugerir à aluna que tocasse a frase do sexto compasso, para o I7, o IV7 e o V7, estudamos a transposição para essas tonalidades. A aluna demorou um pouco a conseguir interiorizar a frase mas após alguns minutos conseguiu aplicar a frase em contexto musical, facto que achei muito positivo. A aluna foi imediatamente elogiada e valorizado o esforço para alcançar o objectivo.

Quando a aula acabou, foi recapitulado o que se avançou neste dia, assim como algumas das problemáticas abordadas, marcou-se o TPC, realizamos os referentes alongamentos e despedimo-nos, encorajando a aluna a continuar o bom trabalho, foi também referido que na aula da próxima semana o Professor Supervisor Mário Santos estaria presente, mas para estar sossegada porque o avaliado seria eu e nunca a aluna.

2.4.12. SEMANA #15 (Aula Leccionada nº12) 27/05/15 com a assistência do Professor Supervisor Mário Santos

Esta aula tem a particularidade de contar com a presença do professor supervisor Mário Santos. É uma aula de repertório e será metodizada a matéria dada anteriormente.

Começamos o ritmo de aula dando as boas vindas à aluna, desde cedo compreendi que a aluna estaria particularmente nervosa dada a presença do professor supervisor Mário Santos. Para quebrar este estigma de tensão falamos um pouco os 4 no início da aula num ambiente informal colocando a aluna à vontade. Recordo que esta situação é sempre complexa por vários motivos: A aluna pode estar frágil nos conhecimentos e como tal, estar particularmente nervosa com a presença do professor extra, por outro lado, o Professor Mário Santos, como professor titular de Saxofone Jazz na ESMAE é admirado e respeitado por estes jovens que aspiram entrar nesta Universidade e ficar à sua tutela.

Comecei por pedir à aluna para aquecer um pouco com os habituais exercícios de flexibilidade com boquilha e tudel. Tratando-se de uma matéria que já tem sido abordada pela aluna, não houve grandes problemas na execução do exercício. No entanto, notei que a aluna estava a fazer muita força para tocar e

estava a pressionar com demasia a palheta comprometendo o som. Nesta altura decidi ensinar à aluna um exercício muito fácil, que consiste simplesmente em levantar o lábio superior ao mesmo tempo que se sopra. Esta ação fará com que mais ar seja desperdiçado no orifício bucal, e consequentemente, a aluna como compensação seja forçada a remeter ar de uma forma mais centrada e com uma linha de ar mais otimizada. Apesar deste exercício parecer fácil, numa primeira instância não é tão simples quanto isso, a aluna terá de pensar isoladamente nos conjuntos dos músculos labiais superiores, o próprio movimento de soprar e levantar uma parte do lábio é contranatura porque durante meses a aluna associou soprar a fechar o lábio, como tal evidenciou alguns problemas na execução do exercício e na manutenção da emissão de som, no entanto, conseguiu aproximar-se do pretendido, foi encorajado o esforço e incentivou-se a aluna a continuar com este processo para a próxima semana.

Depois de um bom aquecimento de diafragma partimos para o tema Blues for Alice. Este tema já tinha sido abordado na última aula e como tal espera que a aluna já o tivesse estudado com a linguagem característica já esplanada, mas tal não aconteceu. Notei que estava no mesmo ponto da aula anterior, as notas estavam bem tocadas mas a aluna não percebeu ainda as acentuações, motivo pelo qual tornei a explicar todo o processo descrito na aula anterior. Começamos por bater palmas apenas nas acentuações do tema para depois tocar o tudo. Pressenti que a aluna já tinha essas acentuações minimamente dominadas, e como tal conseguiu tocar melhor, no entanto, não aplicava *ghostnotes* nos locais estratégicos. Por esse motivo, decidi tocar o tema em repetição com a aluna, para que esta fosse interiorizando a linguagem sem que tivesse sem pensar muito nisso. Justifico esta posição através da minha experiência pessoal como docente por averiguar existirem tipologias de alunos diferentes, para alguns o processo racional é o mais compreensível, com estratégias de interpretação, para outros, mimetizar o que o professor faz é o mais fácil, porque é mais natural procurarem auditivamente os conceitos e executarem no saxofone. Acredito que a aluna um destes casos, em que resulta melhor mostrar do que explicar. No final do exercício reforcei positivamente o esforço, no entanto explanei que a aluna seria capaz de muito melhor e deveria esforçar-se mais um pouco.

Concluindo este processo seguiu-se a prossecução da transcrição do tema Lou's Blues de Lou Donaldson. Como processo habitual, primeiro a aluna cantou o solo sobre a gravação original, nesse aspecto esteve muito bem, é perfeitamente visível que já incorpora alguma linguagem comum com o artista visado e pelo reverso da moeda, o registo do saxofone alto é muito idêntico à voz da aluna, facto que dá um interesse redobrado ao exercício. Findado este processo resolvi começar pelo contrário e continuar o processo de transcrição com a aluna. Esperava-se que trouxesse mais 4 compassos transcritos da segunda volta de solo, sem ritmo, com as notas colocadas por extenso sobre um compasso, sobre as quais recairia a minha análise, para depois ajudar a aluna a escrever na folha, entenda-se que é exigido à aluna que saiba tocar o que transcreveu, mas pode não o saber escrever, no entanto esse será o último

passo. Nesta análise observei que haviam bastantes erros, e como tal, pedi à aluna compasso a compasso que me dissesse as notas musicais respectivas. Para as encontrar, teve de tocá-las com o instrumento, só depois a aluna escreveu o ritmo sobre a minha tutela, sempre com perguntas reflexivas. Já expliquei previamente, que o processo de transcrição é importantíssimo no Jazz, vejamos a opinião do seguinte autor:

The one aspect of transcription that vastly improves your musicianship is the process of figuring out the solo by ear. Truly hearing the intervals, chords, and articulation of a solo and internalizing them. (...) Not only will you immediately begin to memorize the solo, but you'll begin to improve your ears; learning to hear chord tones, progressions and intervals along the way. Essentially, developing a skill necessary to all improvisers: learning how to play what you're hearing. (...)

Learning the jazz language should be approached in the same way. Jazz is essentially a second language that you are learning to improvise with. The most effective way to learn a new language, whether it's a musical language or a spoken one, is to listen to it and repeat it. (Ken, 2011)

Finalizada a transcrição da matéria pretendida decidimos tocar o solo todo para começar a aprofundar a interpretação. Fisicamente a aluna tocou bem o tema, houve hesitações na parte de solos, mas conseguiu tocar a primeira volta sem parar, facto que ainda não tinha sido alcançado. Claro será que ainda há muito a trabalhar, mas creio que o caminho e o processo de transcrição foi ensinada à aluna da forma correta, ouvir, cantar, visualizar uma melodia e tocar, e apenas depois escrever. Neste sentido noto que já o faz naturalmente, e por tudo isso dei-lhe um feedback positivo e um reforço para continuar com o bom trabalho que tinha feito, vincando que a honestidade e o esforço são chaves para o sucesso.

Terminando esta tarefa, com apenas 5 minutos de tempo útil de aula restante, fizemos os caraterísticos alongamentos, seguidos de uma recapitulação da matéria dada, uma breve autoavaliação da aluna, seguido da marcação dos TPC, despedimo-nos e finalizamos a aula

Em reunião posterior com o professor supervisor, foi-me perguntado o porquê de não abordar a improvisação nesta aula específica, pelo qual respondi que tratando-se de uma aula de instrumento, há factores que têm de ser priorizados relacionados com o domínio físico do instrumento, no entanto há disciplinas que complementam a improvisação como combo ou técnicas de improvisação onde esse assunto pode ser tratado melhor, ainda assim, compreendendo que a aluna deve trabalhar a improvisação na aula de instrumento, a aula reparte-se por dois momentos distintos durante o dia, cada um com uma hora, e se a aluna abordou com especial atenção esse assunto na aula da manhã, não faz sentido fazê-lo também à tarde, podendo por exemplo estudar mais linguagem da parte da tarde. Tendo este factor explicado, elogiou a calma e segurança na transmissão de conhecimento, elogios dados também pelo professor cooperador.

2.5. PLANIFICAÇÕES

2.5.1. SEMANA #4 (Aula lecionada nº1) 4/2/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10.º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Última aula do módulo 1.
Duração da aula	60 minutos
Data	4 Fevereiro 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2
Unidade temática	<u>Aula Técnica</u>
Estilo período	Swing
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	1

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.

Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.
--------------------	---

Objectivos

Gerais	Recapitular a matéria escalar dada previamente pelo professor cooperante.
Específicos: técnico	Dominar escala de blues e pentatónica maior em todas as tonalidades assim como exercícios da lista de permutações/inversões escalares previamente entregue à aluna. Devido a problemas técnicos no instrumento ainda não é espectável que execute
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar as escalas e os exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrónomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC (estudo das mesmas escalas seguindo o círculo das quartas).</p>

Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Escala G Pentatónica maior. 3.1) Escala ascendente e descendente tendo D como nota mais aguda e B como a mais grave. 3.2) Exercício escalar 1B; exercício escalar 2A; exercício escalar 2B. 4) Escala G Blues maior. 4.1) Escala ascendente e descendente tendo D como nota mais aguda e B como a mais grave. 4.2) Exercício escalar 2^A; exercício escalar 2^B; exercício escalar 3^A; exercício escalar 3^B. 5) Rápida recapitulação de outras escalas. <ol style="list-style-type: none"> 5.1) C menor pentatónica menor. 5.2) Bb blues 6) V I em D. <ol style="list-style-type: none"> 6.1) Permutações 1235 e 1357. 7) Alongamentos musculares, Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Escalas em G	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução e percepção cognitiva.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação		X	
V I em D	O aluno não consegue perceber o ritmo harmónico. Não consegue executar os exercícios propostos, tem muitas dificuldades em improvisar, quer a nível rítmico, quer a nível escolar.	O aluno compreende a o ciclo harmónico, executou sem grandes problemas os exercícios, improvisação básica, noção de ritmo mediana mas segura.	O aluno fez os exercícios sem problemas, improvisa seguro e coerentemente no II V. Boa noção rítmica e harmónica.
Classificação		X	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e insegurança.	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
-----------------	---

Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada, no entanto, não se cumpriu toda a programação devido a problemas físicos da aluna. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Foi proposto recapitular todas as escalas para a prova final do período a acontecer dia 9 de Fevereiro de 2015.

2.5.2. SEMANA #5 (Aula lecionada nº2) 11/2/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10.º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 1 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	11 Fevereiro 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula Técnica</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

--	--

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Gerais	Compreender a escala menor harmónica, compreender e improvisar sobre a forma de um Jazz Blues.
Específicos: técnico	Dominar a escala de C menor harmónica, compreender o uso do modo mixolídio b9b13, compreender a forma de um Jazz Blues, e aplicar o uso de permutações básicas sobre a harmonia.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar as escalas e os exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrónomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor</p>

	<p>de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC (estudo das mesmas escalas seguindo o círculo das quartas).</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Introdução da escala menor harmónica. <ol style="list-style-type: none"> 3.1) Escala ascendente e descendente em C. 3.2) Exercício escalar 2A,1B; 2A; 2B e 3A. 4) Jazz Blues. <ol style="list-style-type: none"> 4.1) Compreensão da harmonia. 4.2) 1235 e 1357 4.3) B7 (b9b13) 4.4) Improvisação livre sobre a harmonia. 4.5) Improvisação com trocas de 4 compassos com o professor. 5) <ol style="list-style-type: none"> 5.1) Alongamentos musculares, 5.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho:

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Escala Menor Harmónica	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução e percepção cognitiva.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação		X	
Jazz Blues	O aluno não consegue perceber o ritmo harmónico. Não consegue executar os exercícios propostos, tem muitas dificuldades em improvisar, quer a nível rítmico, quer a nível escolar.	O aluno compreende a o ciclo harmónico, executou sem grandes problemas os exercícios, improvisação básica, noção de ritmo mediana mas segura.	O aluno fez os exercícios sem problemas, improvisa seguro e coerentemente. Boa noção rítmica e harmónica. Surpreende.
Classificação		X	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e insegurança.	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna seguirá o estudo da próxima escala segundo o ciclo das quartas, e sistematizará melhor o Jazz Blues e as permutações estudadas.

2.5.3. SEMANA #6 (Aula lecionada nº3) 25/2/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10.º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 2 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	25 Fevereiro 2015

conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula de Repertório</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Gerais	Compreender e executar melhor a linguagem Jazz, explorar a improvisação sobre um Jazz Blues.
Específicos: técnico	Aprofundar a linguagem executando o tema "Now's the Time" e "Billie's Bounce" de Charlie Parker. Explorar as permutações básicas sobre o Jazz Blues, improvisar sobre a grelha harmónica utilizando padrões rítmicos.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar temas/exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um bom som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrónomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na</p>
-----------------------	---

	<p>embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Melodia e Linguagem. <ol style="list-style-type: none"> 3.1) Now's the Time 3.2) Billie's Bounce 4) Jazz Blues. <ol style="list-style-type: none"> 4.1) 1235 e 1357. 4.2) Padrões rítmicos. 5) <ol style="list-style-type: none"> 5.1) Alongamentos musculares, 5.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Now's the Time	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação		X	
Billies Bounce	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação	X		
Jazz Blues	O aluno não consegue perceber o ritmo harmónico. Não consegue executar os exercícios propostos, tem muitas dificuldades em improvisar, quer a nível rítmico, quer a nível escolar.	O aluno compreende a o ciclo harmónico, executou sem grandes problemas os exercícios, improvisação básica, noção de ritmo mediana mas segura.	O aluno fez os exercícios sem problemas, improvisa seguro e coerentemente. Boa noção rítmica e harmónica. Surpreende.
Classificação		x	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de

	insegurança.	autonomia.	problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna continuará o estudo do tema Billie's Bounce, e recapitulará as escalas pentatónicas maiores a começar em D, G e A, para utilizar no Jazz Blues.

2.5.4. SEMANA #7 (Aula lecionada nº4) 4/03/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10 º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 3 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	4 Março 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula de Repertório</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante

Nº aulas previstas	11
--------------------	----

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Generais	Compreender e executar melhor a linguagem Jazz, explorar a improvisação sobre um Jazz Blues.
Específicos: técnico	Aprofundar a linguagem executando o tema “Billie’s Bounce” de Charlie Parker. Explorar as permutações básicas sobre o Jazz Blues desta vez separando os acordes maiores e menores, aplicar as escalas pentatónicas maiores.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar os temas/exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um bom som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrónomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.
-----------------------	--

	<p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Melodia e Linguagem. <ol style="list-style-type: none"> 3.1) Billie's Bounce 4) Jazz Blues. <ol style="list-style-type: none"> 4.1) 1235 para acordes maiores e 1345 para menores. 4.2) Pparentatónicas. 5) <ol style="list-style-type: none"> 5.1) Alongamentos musculares, 5.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Billies Bounce	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação		x	
Jazz Blues	O aluno não consegue perceber o ritmo harmónico. Não consegue executar os exercícios propostos, tem muitas dificuldades em improvisar, quer a nível rítmico, quer a nível escolar.	O aluno compreende a o ciclo harmónico, executou sem grandes problemas os exercícios, improvisação básica, noção de ritmo mediana mas segura.	O aluno fez os exercícios sem problemas, improvisa seguro e coerentemente. Boa noção rítmica e harmónica. Surpreende.
Classificação		x	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de

	insegurança.		problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna continuará o estudo do tema Billie's Bounce, recapitulará as permutações novamente e terá de improvisar com mais 3 motivos rítmicos.

2.5.5. SEMANA #8 (Aula lecionada nº5) 11/03/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10.º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 4 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	11 Março 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula de Repertório</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Gerais	Compreender e executar melhor a linguagem Jazz, explorar a improvisação sobre um Jazz Blues.
Específicos: técnico	Aprofundar a linguagem executando o tema “Billie’s Bounce” de Charlie Parker. Explorar as permutações básicas sobre o Jazz Blues desta vez separando os acordes maiores e menores, aplicar as escalas pentatónicas maiores.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar os temas/exercícios respectivos auxiliada ou não por metrófono ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um bom som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrófono implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia</p>
-----------------------	---

	<p>neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Melodia e Linguagem. <ol style="list-style-type: none"> 3.1) Billie's Bounce 4) Jazz Blues. <ol style="list-style-type: none"> 4.1) 1235 para acordes maiores e 1345 para menores. 4.2) Papentónicas. 5) <ol style="list-style-type: none"> 5.1) Alongamentos musculares, 5.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Billies Bounce	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação		x	
Jazz Blues	O aluno não consegue perceber o ritmo harmónico. Não consegue executar os exercícios propostos, tem muitas dificuldades em improvisar, quer a nível rítmico, quer a nível escolar.	O aluno compreende a o ciclo harmónico, executou sem grandes problemas os exercícios, improvisação básica, noção de ritmo mediana mas segura.	O aluno fez os exercícios sem problemas, improvisa seguro e coerentemente. Boa noção rítmica e harmónica. Surpreende.
Classificação		x	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e insegurança.	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna continuará o estudo do tema Billie's Bounce, recapitulará as permutações novamente e terá de improvisar com mais 3 motivos rítmicos.

2.5 .6. SEMANA #9 (Aula lecionada nº6) 18/3/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10.º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 5 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	18 Março 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula Técnica</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Gerais	Compreender a escala menor harmónica, compreender e improvisar sobre a forma de um Jazz Blues, compreender o conceito de flexibilidade no som do instrumento, e compreender o potencial da repetição como exercício técnico.
Específicos: técnico	Dominar a escala de E menor harmónica e escala cromática. Aumentar a técnica através de <i>fingerbusters</i> , Improvisar com mais certeza e confiança no Jazz Blues.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar as escalas e os exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrónomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p>
-----------------------	--

	<p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Será utilizado o metrónomo como auxílio de tempo.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC (estudo das mesmas escalas seguindo o círculo das quartas).</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Escalas. <ol style="list-style-type: none"> 3.1) Exercício menor harmónica e exercícios 2A,1B; 2A; 2B e 3A. 3.2) Escala Cromática. 4) FingerBusters <ol style="list-style-type: none"> 4.1) Execução. 5) Jazz Blues <ol style="list-style-type: none"> 5.1) Improvisação livre sobre a harmonia. 5.2) Improvisação com trocas de 4 compassos com o professor. 6) <ol style="list-style-type: none"> 6.1) Alongamentos musculares, 6.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Escala Menor Harmónica	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução e percepção cognitiva.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação		X	
Fingerbuster	Não foi conseguido, demonstra dificuldades em tocar os exercícios na tabela do tempo.	Conseguido parcialmente, com pequenas hesitações.	Plenamente conseguido com um bom grau de confiança.
Classificação		X	
Jazz Blues	O aluno não consegue perceber o ritmo harmónico. Não consegue executar os exercícios propostos, tem muitas dificuldades em improvisar, quer a nível rítmico, quer a nível	O aluno compreende a o ciclo harmónico, executou sem grandes problemas os exercícios, improvisação básica, noção de ritmo mediana mas segura.	O aluno fez os exercícios sem problemas, improvisa seguro e coerentemente. Boa noção rítmica e harmónica. Surpreende.

	escolar.		
Classificação		X	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e insegurança.	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna seguirá o estudo da próxima escala segundo o ciclo das quartas, e sistematizará melhor o Jazz Blues e as permutações estudadas.

2.5.7. SEMANA #10 (Aula lecionada nº7) 15/4/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10 º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 6 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	15 Abril 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.

Unidade temática	<u>Aula de Repertório</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Gerais	Compreender a metodologia certa no processo de transcrição; Improvisar sobre um Jazz Blues.
Específicos: técnico	Perceber como transcrever: cantar o solo sobre o artista, visualizar as notas e passar para o instrumento, escrever. Trocar 4 compassos com o Professor sobre um Jazz blues de uma maneira intuitiva e natural.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar as escalas e os exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrônomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Será utilizado o metrônomo como auxílio de tempo.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC (estudo das mesmas escalas seguindo o círculo das quartas).</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Transcrição <ol style="list-style-type: none"> 3.1) Execução vocal do solo transcrito. 3.2) Execução instrumental do solo transcrito. 3.3) Processo de transcrição do solo em tempo real. 3.4) Execução do material transcrito na aula. 4) Jazz Blues <ol style="list-style-type: none"> 4.1) Improvisação livre. 4.2) trocas de 4 compassos com o professor. 5) <ol style="list-style-type: none"> 6.1) Alongamentos musculares, 6.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrônomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Transcrição	Não trabalhou mais na transcrição, e tem imensas dificuldades em tocar o que tem.	Trabalhou na transcrição adiantando compassos, e já toca satisfatoriamente o que transcreveu.	Trabalhou na transcrição e toca muito colado ao artista com todos os efeitos que este usa.
Classificação		X	
Jazz Blues	O aluno não consegue perceber o ritmo harmónico. Não consegue executar os exercícios propostos, tem	O aluno compreende a o ciclo harmónico, executou sem grandes problemas os exercícios, improvisação básica,	O aluno fez os exercícios sem problemas, improvisa seguro e coerentemente. Boa noção rítmica e

	muitas dificuldades em improvisar, quer a nível rítmico, quer a nível escolar.	noção de ritmo mediana mas segura.	harmónica. Surpreende.
Classificação		X	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e insegurança.	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna deverá continuar a transcrição do tema Lou's Blues. Deverá também sistematizar melhor a matéria dada anteriormente.

2.5.8. SEMANA #11 (Aula lecionada nº8) 22/4/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10.º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 7 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	15 Abril 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula de Repertório</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Gerais	Compreender a metodologia certa no processo de transcrição; Improvisar sobre um Jazz Blues.
Específicos: técnico	Perceber como transcrever: cantar o solo sobre o artista, visualizar as notas e passar para o instrumento, escrever. Trocar 4 compassos com o Professor sobre um Jazz blues de uma maneira intuitiva e natural.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar as escalas e os exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrônomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Será utilizado o metrônomo como auxílio de tempo.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC (estudo das mesmas escalas seguindo o círculo das quartas).</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Transcrição <ol style="list-style-type: none"> 3.1) Execução vocal do solo transcrito. 3.2) Execução instrumental do solo transcrito. 3.3) Processo de transcrição do solo em tempo real. 3.4) Execução do material transcrito na aula. 4) Melodias e Linguagem. <ol style="list-style-type: none"> 4.1) Sandu Clifford Brown. 5) Jazz Blues <ol style="list-style-type: none"> 4.1) Improvisação com aplicação de motivos do solo transcrito. 6) <ol style="list-style-type: none"> 6.1) Alongamentos musculares, 6.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrônomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Transcrição	Não trabalhou mais na transcrição, e tem imensas dificuldades em tocar o que tem.	Trabalhou na transcrição adiantando compassos, e já toca satisfatoriamente o que transcreveu.	Trabalhou na transcrição e toca muito colado ao artista com todos os efeitos que este usa.
Classificação		X	

Execução do tema Sandu	Com imensas hesitações, sem linguagem e com notas erradas.	Com leves hesitações sem paragens mas sem linguagem.	Sem hesitações, com linguagem.
Classificação		X	
Jazz Blues	O aluno não consegue perceber o ritmo harmónico. Não consegue executar os exercícios propostos, tem muitas dificuldades em improvisar, quer a nível rítmico, quer a nível escolar.	O aluno compreende a o ciclo harmónico, executou sem grandes problemas os exercícios, improvisação básica, noção de ritmo mediana mas segura.	O aluno fez os exercícios sem problemas, improvisa seguro e coerentemente. Boa noção rítmica e harmónica. Surpreende.
Classificação		X	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e insegurança.	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna deverá continuar a transcrição do tema Lou's Blues. Estudar som, nomeadamente notas longas para trabalhar o saxofone novo que lhe foi dado nesta aula, e trabalhar sempre com afinador para não semitonar o instrumento. Estudar a improvisação no blues com alguns padrões do artista transcrito.

2.5.9. SEMANA #12 (Aula lecionada nº9) 29/04/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 8 – módulo 2.

Duração da aula	60 minutos
Data	29 Abril 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula Técnica</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Gerais	Compreender a escala de G#menor harmónica, compreender e improvisar sobre a forma de um Jazz Blues, compreender o conceito de flexibilidade no som do instrumento, e compreender o potencial da repetição como exercício técnico. Compreender o conceito da repetição como forma de estudar técnica.
Específicos: técnico	Dominar a escala de G# menor harmónica. Aumentar a técnica através de <i>fingerbusters</i> , Improvisar com mais certeza e confiança no Jazz Blues. Aplicar a escala de Bebop dominante no I7, IV7 e V7.
Específicos:	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura

expressivo	mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar as escalas e os exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrónomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Será utilizado o metrónomo como auxílio de tempo.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC (estudo das mesmas escalas seguindo o círculo das quartas).</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Exercícios de Som. <ol style="list-style-type: none"> 3.1) Boquilha. 3.2) Tudel. 4) Escalas. <ol style="list-style-type: none"> 3.1) G# Menor harmónica e exercícios 2A,1B; 2A; 2B e 3A. 3.2) Escala Cromática. 5) Fingerbusters <ol style="list-style-type: none"> 4.1) Execução. 6) Jazz Blues <ol style="list-style-type: none"> 5.1) Bebop Dominante. 7) <ol style="list-style-type: none"> 6.1) Alongamentos musculares. 6.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Escala Menor Harmónica	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução e percepção cognitiva.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação	X		
Fingerbuster	Não foi conseguido, demonstra dificuldades em tocar os exercícios na tabela do tempo.	Conseguido parcialmente, com pequenas hesitações.	Plenamente conseguido com um bom grau de confiança.
Classificação		X	
Jazz Blues	O aluno não consegue perceber o ritmo harmónico. Não consegue executar os exercícios propostos, tem muitas dificuldades em improvisar, quer a nível rítmico, quer a nível escolar.	O aluno compreende a o ciclo harmónico, executou sem grandes problemas os exercícios, improvisação básica, noção de ritmo mediana mas segura.	O aluno fez os exercícios sem problemas, improvisa seguro e coerentemente. Boa noção rítmica e harmónica. Surpreende.
Classificação		X	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e insegurança.	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna seguirá o estudo da mesma escala e da próxima segundo o ciclo das quartas, Fingerbusters e improvisação sobre o Jazz Blues.

2.5.10. SEMANA #13 (Aula lecionada nº10) 13/5/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10.º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 9 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	13 Maio 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula Técnica</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Gerais	Compreender a escala de G# e Eb menor harmónica, compreender o conceito de flexibilidade no som do instrumento.
Específicos: técnico	Dominar a escala de G# e Eb menor harmónica.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar as escalas e os exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrónomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Será utilizado o metrónomo como auxílio de tempo.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC (estudo das mesmas escalas seguindo o círculo das quartas).</p>
Atividades de	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Exercícios de Som.

aprendizagem	<p>3.1) Boquilha.</p> <p>3.2) Tudel.</p> <p>4) Escalas.</p> <p>4.1) G# Menor harmónica e exercícios 2A,1B; 2A; 2B e 3A.</p> <p>4.2) Eb Menor harmónica e exercícios 2A,1B; 2A; 2B e 3A.</p> <p>5) 5.1) Alongamentos musculares.</p> <p>5.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.</p>
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Escala G# Menor Harmónica	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução e percepção cognitiva.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação			X
Escala Eb Menor Harmónica	Não foi conseguida, revelando muitas dificuldades durante a sua execução e percepção cognitiva.	Conseguida parcialmente, com algumas dificuldades que precisam de aperfeiçoamento.	Plenamente conseguida, já sem demonstração de dificuldades na sua execução.
Classificação		x	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e insegurança.	O aluno tem alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos propostos na matéria explorada. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna seguirá o estudo da próxima segundo o ciclo das quartas, Fingerbusters e improvisação sobre o Jazz Blues.

2.5.11. SEMANA #14 (Aula lecionada nº11) 20/5/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10.º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 10 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	20 Maio 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula de Repertório</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração.

Objectivos

Gerais	Compreender do processo de transcrição de solo. Domínio da linguagem através da interpretação de melodias características. Improvisação tendo como inspiração frases do solo transcrito. Compreender o conceito de flexibilidade no instrumento.
Específicos: técnico	Dominar o tema Blues for Alice, executar os exercícios de flexibilidade, continuar o processo de transcrição do tema Lou's Blues e utilizar frases características como inspiração para improvisar no Jazz Blues.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar as escalas e os exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrónomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Será utilizado o metrónomo como auxílio de tempo.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC (estudo das mesmas escalas seguindo o círculo das quartas).</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Exercícios de Som.

	3.1) Boquilha. 3.2) Tudel. 4) Melodia e Linguagem. 4.1) Blues for Alice. 5) Transcrição. 5.1) Execução vocal do solo transcrito. 5.2) Execução instrumental do solo transcrito. 5.3) Continuação do processo de transcrição auxiliado pelo professor. 5.4) Execução do material transcrito na aula. 6) Jazz Blues 6.1) Improvisação com frases do artista transcrito. 7) 7.1) Alongamentos musculares. 7.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Exercícios de som	Graves problemas em atingir os objectivos.	Cumprir os objectivos ainda assim revelando alguma falta de consistência.	É consistente em todos os exercícios de som e flexibilidade.
Classificação			X
Blues for Alice	Graves dificuldades na execução e sem linguagem.	Algumas dificuldades na execução e pontualmente já com linguagem.	Plenamente conseguido, execução e linguagem.
Classificação	X		
Transcrição do solo	Não adiantou trabalho, não consegue cantar e cantar o que transcreveu e não consegue ter autonomia para transcrever.	Adiantou trabalho, consegue cantar e tocar o solo, apesar de evidenciar algumas dificuldades esporádicas.	Adiantou trabalho, consegue cantar e tocar o solo muito colado ao autor transcrito, com excelentes índices de confiança.
Classificação		X	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de problemas, confiança e insegurança.	O aluno tem apenas alguns momentos de insegurança e de pouca autonomia.	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de	O aluno atingiu com sucesso a maioria dos objectivos traçados, no entanto poderia ter

desenvolvimento curricular realizado	estado melhor na melodia Blues for Alice. Foi traçado para aluno um plano de estudo individual, de modo a que ele se torne mais autónomo, tendo em vista a apresentação pública da parte improvisada numa disciplina paralela de Combo Jazz.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna continuará a transcrição, sistematizando o que já fez, e transcrevendo mais 4 compassos. Estudará também melhor as permutações já abordadas podendo ser-lhe pedido qualquer uma delas. Estudará também melhor o tema Blues for Alice.

2.5.12- SEMANA #15 (Aula lecionada nº12) 29/5/2015

Disciplina	Instrumento - Saxofone
Módulo ou grau	10.º ano (Curso profissional Instrumentista Jazz)
Nome aluno	ALUNA A
Nível do aluno	Iniciante
Nº da lição	Aula 10 – módulo 2.
Duração da aula	60 minutos
Data	20 Maio 2015

Conteúdo

Unidade didática	Módulo 2.
Unidade temática	<u>Aula de Repertório</u>
Estilo período	Bebop
Nível	Iniciante
Nº aulas previstas	11

Situação da aluna

Perfil: Formação	Aluna iniciante encontra-se no primeiro ano do curso profissional de instrumentista Jazz.
------------------	---

Dificuldades	Apresenta dificuldades normais para o seu nível. Dificuldades técnicas, algumas de emissão de som e afinação. É uma aluna com uma postura física algo tensa, principalmente na região dos ombros.
Interesse/postura	Aluna com uma atitude positiva e estudo mediano.
Notas de interesse	Aluna revela algumas dificuldades na afinação e correta colocação da voz. Trabalhar esse aspecto vocal poderá melhorar a sua afinação e respiração. Esta aula será assistida pelo Professor Supervisor Mário Santos.

Objectivos

Generais	Compreender do processo de transcrição de solo. Domínio da linguagem através da interpretação de melodias características. Improvisação tendo como inspiração frases do solo transcrito. Compreender o conceito de flexibilidade no instrumento.
Específicos: técnico	Dominar o tema Blues for Alice, executar os exercícios de flexibilidade, continuar o processo de transcrição do tema Lou's Blues e utilizar frases características como inspiração para improvisar no Jazz Blues.
Específicos: expressivo	Complexificar e desenvolver o conceito de som e articulação, desenvolver uma embocadura mais flexível, ter uma postura física mais relaxada enquanto estiver a tocar, desenvolver segurança no controle do sentido de tempo.
Específicos: Competências a desenvolver	A aluna deverá ser capaz de tocar as escalas e os exercícios respectivos auxiliada ou não por metrónomo ou playalong, mantendo um tempo seguro, emitindo um som e uma noção de afinação mais segura.
Factores sócio-afectivos	Pretende-se continuar incentivar o aluno a valorizar atitudes como: confiança, segurança, autonomia e responsabilidade.

Desenvolvimento da aula

Estratégias de ensino	<p>Será recapitulada a matéria anteriormente dada implementando sentido de continuidade à aluna. A escala será tocada preferencialmente com o auxílio do metrónomo implementando o estudo do tempo. Poderá ser pedido à aluna que explique conceptualmente como são construídas as escalas.</p> <p>Será pedido à aluna sempre que não conseguir tocar/afinar corretamente um determinado intervalo para o cantar, situação que melhorará a afinação mas também o treino auditivo e a internalização do que está a tocar.</p> <p>Será valorizada o uso correto da respiração e corrigida imediatamente qualquer anomalia neste campo, apresentando exercícios próprios.</p> <p>Será utilizado o metrónomo como auxílio de tempo.</p> <p>Serão corrigidas imediatamente má posturas por parte da aluna, seja ela tensão na</p>

	<p>embocadura ou nas mãos, seja ela de postura física geral.</p> <p>Sempre que um exercício terminar será dado um ponto de situação imediato pelo professor de cariz qualitativo, no entanto previamente será valorizado o esforço sobre o resultado e utilizado o reforço positivo como factor de motivação.</p> <p>No final da aula será feita uma síntese da aula. A aluna fará uma autoavaliação do seu desempenho e o professor fará um balanço final indicando o rumo do estudo posterior e o respectivos TPC (estudo das mesmas escalas seguindo o círculo das quartas).</p>
Atividades de aprendizagem	<ol style="list-style-type: none"> 1) Montagem, preparação, aquecimento e alongamentos musculares. 2) Recapitulação dos TPC anteriores. 3) Exercícios de Som. <ol style="list-style-type: none"> 3.1) Boquilha. 3.2) Tudel. 3.3) Libertação do lábio superior. 4) Melodia e Linguagem. <ol style="list-style-type: none"> 4.1) Blues for Alice. 5) Transcrição. <ol style="list-style-type: none"> 5.1) Execução vocal do solo transcrito. 5.2) Execução instrumental do solo transcrito. 5.3) Continuação do processo de transcrição auxiliado pelo professor. 5.4) Execução do material transcrito na aula. 6) <ol style="list-style-type: none"> 6.1) Alongamentos musculares. 6.2) Recapitulação e marcação dos TPC. Balanço avaliativo.
Recursos Educativos	Saxofone, Ireal /playalong, metrónomo, playalong, colunas.

Descritores de nível de desempenho

Parâmetros de avaliação	Insuficiente	Suficiente	Bom
Exercícios de som	Graves problemas em atingir os objectivos.	Cumpe os objectivos ainda assim revelando alguma falta de consistência.	É consistente em todos os exercícios de som e flexibilidade.
Classificação			X
Blues for Alice	Graves dificuldades na execução e sem linguagem.	Algumas dificuldades na execução e pontualmente já com linguagem.	Plenamente conseguido, execução e linguagem.
Classificação		X	
Transcrição do solo	Não adiantou trabalho, não consegue cantar e cantar o que transcreveu e não consegue ter autonomia para transcrever.	Adiantou trabalho, consegue cantar e tocar o solo, apesar de evidenciar algumas dificuldades esporádicas.	Adiantou trabalho, consegue cantar e tocar o solo muito colado ao autor transcrito, com excelentes índices de confiança.
Classificação		X	
Autonomia e resolução de problemas	O aluno mostra-se com problemas de autonomia na resolução de	O aluno tem apenas alguns momentos de insegurança e de pouca	O aluno demonstra-se confiante e seguro e com capacidades autónomas

	problemas, confiança e insegurança.	autonomia.	de resolução de problemas.
Classificação		X	

Heteroavaliação	Terá um carácter formativo e informal; será dado ao longo da aula feedbacks imediatos que acompanhem o progresso do aluno; será baseado nos parâmetros acima definidos.
Avaliação de desenvolvimento curricular realizado	O aluno atingiu com sucesso os objectivos traçados. No tema Blues for Alice apesar de não ter estado bem, esteve suficiente pois evidenciou algumas melhorias já previamente estudadas.
Propostas de atividades de enriquecimento para aluno como TPC	Como TPC a aluna continuará a transcrição, sistematizando o que já fez, e transcrevendo mais 4 compassos. Estudará também melhor as permutações já abordadas podendo ser-lhe pedido qualquer uma delas em qualquer aula. Estudará também melhor o tema Blues for Alice.

2.6. RELATÓRIOS DAS AULAS ASSISTIDAS

2.6.1. ALUNA A

REFLEXÃO DA AULA #1 - 7/01/2015

A aula da Aluna A segue-se imediatamente à do Aluno B. Esta jovem aluna é iniciante, apenas este ano descobriu o saxofone, e como tal, segundo o Professor João, é uma aluna mais sensível em termos motivacionais.

Ao entrar na sala de aula, a aluna mostra-se nervosa, uma postura radicalmente diferente do Aluno B, o professor repete a estratégia perguntando-lhe como correu a semana, comprovando-se o que disse previamente, a aluna queixou-se que não teve tempo para estudar como gostaria. O professor conta uma piada para quebrar o ambiente, algo tenso, resultando num pequenino momento de gargalhadas entre professor e aluna, que relaxou a aluna antes de iniciar a aula. Finalizando essa fase inicial o professor pede à aluna para tocar a escala de Fá sustenido maior. Para o sistema de ensino escalar o professor João entrega aos alunos no início de atividades lectivas uma grelha com diversos exercícios apresentada em C maior. Os alunos posteriormente terão de transpor ou até adequar aos desafios propostos.

A aluna mostra-se tensa na execução, a começar na embocadura, algo deslocada da parte central, com excesso de tensão nos lábios, que resulta num som pequeno e com poucos harmónicos. Essa tensão reflete-se no ombro esquerdo, ligeiramente subido, que pode germinar vários problemas a nível cervical. É interessante constatar que o professor decide não abordar esta má postura de uma forma direta, pede-lhe ao invés para pensar num som mais “redondo”, “rico” e “naturalmente relaxado”, a aluna mostra algumas dificuldades em adequar o seu som a essa adjectivação, motivo pelo qual o professor, sempre valorizando o seu esforço, resolve então corrigir a embocadura que estava ligeiramente descentrada e a aluna imediatamente toca melhor, mas não dura muito, pois volta seguidamente aos mesmos vícios musculares. Parece-me então evidente que o professor deverá nesta aula corrigir esses detalhes várias vezes até a aluna estar mais atenta a esses pormenores, e é isso que o Professor João faz, sempre que possível corrige a postura na parte da embocadura, e ombros.

Ex: Di. Nave

Exercícios com Escalas Maiores

joão martins

ESCALA Nº 1
 PASSO TO DO
 DO SAX:

TÔNICA (Do)

Nota + Aguda DA ESCALA (Fa)

Nota (Si) DA ESCALA (Si)

Quarta (Dó)

11

2a

2b

3a

3b

3c

Nota: os exercícios 1 e 3 poderão ser tocados à tercina!

Ex: 1a

2010

Imagem 26: Grelha de exercícios de escalas em C maior da Aluna A

No que diz respeito à execução técnica da escala, o professor opta por não usar metrónomo, o que em certo ponto é compreensível, dado a aluna ainda procurar as posições no instrumento e como tal, oscilar fortemente no tempo; por outro lado creio que a inclusão do tempo nesta fase pode ser interessante para habituar a aluna a tocar não segundo o seu tempo, que ainda é frágil, mas segundo o tempo absoluto, o que será particularmente útil em contexto de improvisação, pois tocará escalas e padrões sobre um baterista. O professor mais uma vez utiliza a grelha de terminologias de exercícios escalares apresentada previamente para pedir à aluna para tocar o exercício 2 A. A aluna mostra algumas dificuldades, motivo pelo qual o professor pede para a aluna cantar o exercício; a aluna também mostra dificuldades em cantar o exercício afinada, facto que achei particularmente importante, pois improvisar não é apenas um jogo técnico, é de facto cantar melodias com o instrumento, e esse factor de visualização e audição é interna, é crucial, e se a aluna não é capaz de cantar o exercício minimamente afinado não o irá tocar afinado, pois como instrumento de sopro, a afinação do saxofone não é absoluta, é muito vocal, cada nota tem a sua compensação muscular. A aluna mostra-se um pouco tímida no início, no entanto, o

professor canta com ela, mostrando como se faz, sendo permitido à aluna avançar quando consegue cantar o exercício.

Segue-se um momentinho de improvisação, sobre uma cadência C#7– F#maj7. O professor utiliza o programa IrealPro para Iphone com umas pequenas colunas para fazer uma backingtrack da cadência, numa primeira instância a aluna executa um exercício permutativo 1, 3, 5, 7, seguidamente 1, 2, 3, 5, prosseguindo com os modos característicos, mixolídio e Jónio. A aluna mostra-se segura em qualquer um dos exercícios e com alguma segurança de tempo, o que é positivamente surpreendente. Segue-se então uma improvisação mais livre, com a condicionante de ser dividida num exercício com frases de 2 compassos. A aluna improvisa corretamente mas utiliza a escala maior de uma maneira pouco musical, e sempre não resolutive, muitas vezes assentando no quarto grau, o que é particularmente infeliz, o professor mais uma vez com exemplar calma, valoriza o esforço e diz que sabe que a aluna é capaz de melhorar, dizendo-lhe para fazer coisas simples mas musicais, exemplificando no saxofone. A aluna imediatamente melhora a sua performance.

É de realçar um aspeto que vinha a prever: no final da aula, devido ao excesso de tensão, a aluna queixa-se do pescoço e da mão direita (que apoia o peso do saxofone), ao que o professor responde que deverá tocar mais descontraída, no entanto não ensinou à aluna aquecimento muscular, nem nesta fase final realizou alongamentos para minimizar as consequências do cansaço muscular.

Com o aproximar do final de aula, o professor revê em formato avaliativo o que aconteceu de melhor e de pior, atribuindo os TPC à aluna, reforçando sempre, positivamente, o esforço e a visível evolução da aluna, dizendo também paralelamente que acredita que a aluna consegue fazer melhor.

A Aluna A representa outro universo de estudo radicalmente diferente do Hugo. É uma aluna que se encontra a descobrir o saxofone e como tal é preciso implementar o fascínio pelo estudo do instrumento, sempre com reforço positivo, implementando-lhe a noção de esforço como meio de alcançar objectivos. O professor João foi exemplar neste aspecto, conseguiu sempre manter um ambiente moderado, com momentos pontuais de diversão, fazendo de alguns erros piadas, e sempre elogiando o progresso da aluna. As más posturas foram constantemente corrigidas, no entanto não foram ensinados exercícios de aquecimento e relaxamento muscular, e será esse um dos pontos que não achei tão positivo. Creio que a aluna queixando-se desde já dessas dores deverá ter especial cuidado em aquecer muscularmente sem instrumento no início da aula, e no final fazer alongamentos para relaxar os músculos, e fazer essa rotina diariamente no estudo do instrumento. A gestão temporal do professor João foi exemplar, conseguiu de uma forma natural, sem nunca olhar para o relógio gerir o tempo de aula, fazendo os exercícios previstos que falara comigo previamente, o que prova que é um professor muito experiente e que sabe gerir os conteúdos que leciona.

REFLEXÃO DA AULA #2 - 14/01/2015

Esta aula foi leccionada na direção da anterior. Muitas das estratégias foram semelhantes e descritas na grelha de observação apresentada em anexo. O professor João dá as boas vindas à aluna, faz umas breves perguntas para aliviar a tensão da aula, montam os instrumentos e pede à aluna para tocar uma escala. A aluna cumpriu os exercícios propostos ainda que de uma forma muito rudimentar, o Professor João dá espaço à aluna para procurar as notas, o que não deixa de ser interessante porque trata-se de treino auditivo, no entanto, acho que devia implementar o uso do metrónomo para impor mais limites à aluna.

Outra particularidade interessante é a ausência de aquecimento muscular, acho que nesta fase a aluna faz muita pressão desnecessária para tocar o instrumento, que pode até causar lesões, como método preventivo a meu ver devia incentivar a aluna aquecer como ritual de início de aula. Quanto à motivação acho que o Professor João fez um excelente trabalho, consegue ser informal em certos registos de aula e muito exigente quando acha que o aluno pode dar mais, ainda assim valoriza sempre o esforço e não critica quando sabe que a aluna está a dar o máximo, ou simplesmente não percebe os exercícios. Muitas vezes estes problemas na Aluna A resolvem-se simplesmente cantando o que é pretendido, a aluna deve começar a visualizar mais as melodias internamente, muitas vezes a razão para não as conseguir tocar é de facto não pensar nelas. O professor João Martins apresenta sempre uma postura calma, ainda assim exigente, de facto um exemplo a seguir.

REFLEXÃO DA AULA #3 - 21/01/2015

Dadas as boas vindas, o Professor iniciou a aula tocando a escala cromática lentamente com a aluna, auxiliado por um metrónomo. Este exercício é muito benéfico, tenho notado que a aluna tem uma tendência para ser tranqüilberneira e tocar tudo bastante rápido, com bastantes hesitações, é de facto necessário inculcar-lhe o culto do estudo lento. Tentarei fazê-lo nas aulas que leccionarei. Posteriormente a aluna tocou o tema "Now's the Time", apesar de tocar as notas corretas, nota-se que não se tem preocupado em ouvir a gravação original e incorporar alguns efeitos. Noto que o Professor João não está muito preocupado com este aspecto, talvez porque nesta fase interessa mais que a aluna toque as notas corretas do que desenvolva a musicalidade (até porque a aluna tem uma vida para a desenvolver), não criticando esta posição porque me parece uma solução plausível dado a falta de background musical da aluna. Com esta situação explanada futuramente de poder abordar com calma este assunto em futuras

aulas leccionadas, ensinando direção frásica e flexibilidade tímbrica. O solo do Parker é um colosso para o nível em que a aluna se encontra, muito honestamente fiquei surpreendido por conseguir tocar a maioria das frases a 70%. O facto de o conseguir é a prova de que o Professor João é um excelente pedagogo. Em termos de motivação o professor esteve muito bem, oferecendo um feedback calmo à aluna, sem nunca duvidar das suas capacidades, encorajando sempre a fazer melhor.

2.6.2 ALUNO B

REFLEXÃO DA AULA #1 - 04/01/2015

O Aluno B mostra-se um aluno muito seguro, com um excelente domínio do saxofone, com um bom som e com um excelente conhecimento teórico. Desde cedo percebi que a relação entre professor e aluno, neste caso, era muito próxima. Como finalista já conhece e trabalha com o Professor João Martins há alguns anos. Tudo isto, reflete-se na linguagem próxima e informal que o professor usa. Quanto ao espaço de aula, este, irá variar, no entanto o de hoje é contraplacado, bastante humilde nas condições acústicas e nas dimensões e a sala não está equipada com piano, facto que fará com que o professor recorra às novas tecnologias para leccionar, com colunas portáteis e playalongs midi incorporados no programa IrealPro.

O aluno é imediatamente saudado quando entra no espaço de aula e enquanto prepara o saxofone o professor pergunta como correu a semana e se o aluno se encontra bem. Evidentemente este é sempre um momento importante porque o aluno costuma evidenciar algumas fragilidades de estudo neste primeiro contacto, dizendo muitas vezes que não teve muito tempo para estudar a matéria... que não foi o caso; o professor pergunta também ao aluno assuntos não musicais, desviando-o muitas vezes do *stress* de entrada de aula, neste caso fala-se muito brevemente de futebol...

Para aquecer é pedido ao aluno para tocar a escala de Mi bemol Super Lócrio (pertencente à escala de Mi menor melódica), sem metrónomo a uma velocidade moderada, no entanto, o professor pede ao aluno para "pensar antes de tocar", conceito que acentuará bastante nesta aula. O aluno não demonstra dificuldades em executar o exercício. É então aí que o professor mostra uma das especificidades da Jobra no ensino das escalas, fundamentando as permutações todas numa grelha com uma nomenclatura específica, como por exemplo: 1A, correspondendo a segundas menores com desenho ascendente, tocadas ascendentemente; 3C, tríades ascendentes e descendentes ligadas pela última nota tocadas de forma ascendente.

De realçar a maneira muito sintética como o professor dava as indicações do que tocar, de uma forma muito exigente e às vezes até fria, contrastando com momentos de aula informais, no entanto sobre algumas hesitações ou momentos em que o aluno tocava o modo de forma errada, uma das coisas que o professor sempre evidenciou foi nunca tocar antes de pensar, perguntando ao aluno o que achava do que tinha feito previamente, e a verdade é que o aluno muitas vezes, imediatamente seguido do erro, pensava e de facto acertava, o que comprova que tecnicamente o aluno sabe de facto a escala, mas não a está a visualizar ou ouvir internamente. Sempre que as hesitações persistiam o professor encorajava o aluno a pensar, nunca o repreendendo negativamente, muito pelo contrário, muitas vezes encorajando-o dizendo que sabia que o aluno conseguia tocar a escala bem. Pontualmente o professor tocava alguns exercícios para ajudar o aluno, sempre com segurança e mestria no domínio científico da matéria. O Aluno B ainda teve oportunidade de tocar a escala de Mi bemol Lídio Dominante, Fá suspenido Super Lócrio e Dó suspenido Tons Inteiros.

Durante a escala de Dó Tons Inteiros, é exemplificado ao aluno alguns patterns do saxofonista Kenny Garrett (uma das grandes referencias do Professor João) potenciando o carácter expressivo e forte dessa sonoridade, sendo posteriormente dito ao aluno que ele deveria escrever as suas próprias frases com essas escalas como charneira, reforçando a sua criatividade e identidade musical.

Com o aproximar do final da aula, é feito um pequeno resumo avaliativo do que o aluno fez, evidenciando aspectos positivos e o que deverá ser estudado para a próxima aula técnica. É também resumida a matéria que será explorada na aula de repertório da tarde, que abordará Cannonball Adderley, mais precisamente os seus solos no Autumn Leaves.

Como balanço geral fiquei bastante impressionado com o aluno em questão: com o conhecimento seguro das escalas, com o som que consegue emitir do saxofone e com a sua postura autocrítica. O professor João coloca-se numa posição mista. Existe de facto essa relação próxima, no entanto, em situações de exigência, o professor é objetivo e exigente quanto ao sistema escalar, acho que é uma maneira de ensinar escalas, os alunos sabem objectivamente o que fazer, transpor e estudar, o que é de facto uma mais valia, no entanto, por vezes perde-se o factor surpresa no desenho escalar, e isso por si só é um desafio que deve ser colocado pontualmente ao aluno, veremos no futuro se isso será feito. Por outro lado, não foi usado o metrónomo na aula, penso que podia ter sido interessante a implementação de jogos rítmicos nos estudos de escalas, no entanto devo sublinhar que o Aluno B tem uma noção de tempo razoavelmente segura que ainda assim pode ser mais trabalhada.

REFLEXÃO DA AULA #2 - 14/01/2015

Esta segunda aula, tratando-se de uma aula técnica, foi leccionada nas mesmas diretrizes da aula passada. O aluno chega ao espaço de aula e é-lhe dado as boas vindas, monta o saxofone e dá início aos exercícios escalares pedidos pelo professor. Noto que não há uma ordem sobre as escalas que lhe são pedidas, o aluno domina os modos da escala menor melódica e como tal executa-os com grande nível de segurança, complementado pelo reforço positivo do aluno. Ainda assim houve pequenas hesitações, mas o aluno esteve excelente, muitas vezes identificando e rectificando os próprios erros, quando isso não aconteceu, o professor apenas facultou a solução quando o aluno não estava a conseguir alcançar o objectivo, caso contrário, fazia perguntas reflexivas. Houve um acréscimo de uma matéria que ainda não tinha observado “Coltrane Changes”. É uma matéria que não é fácil, e para um aluno de secundário não esperava que fosse abordada, no entanto, o professor João aplica as permutações idênticas aos que vai ensinando nos Blues, e como tal, transforma um exercício difícil num exercício de matemática, e por sinal, de mais fácil estudo, e que serve o propósito de marcação da harmonia. No final da aula recapitulou a matéria dada e marcou os TPC seguintes.

REFLEXÃO DA AULA #3 - 21/01/2015

Esta foi a primeira aula de repertório que assisti, nitidamente uma aula com mais programa Jazz e menos direccionada para o controlo escalar do instrumento. O aluno provou que sabe improvisar sobre os temas abordados, no entanto, ainda poderá trabalhar mais dinâmicas, condução de solo e a implementação de mais linguagem característica. Observo que muitas vezes desaba sobre um estigma de cliché sonoro da música pop, com um som brilhante e um vibrato cerrado, situação que o professor cooperante aponta frequentemente. Na transcrição de solo esteve muito bem, com maior parte das frases do autor transcrito bem tocadas e sem o auxílio da pauta. O professor reforçou sempre positivamente o esforço do aluno.

REFLEXÃO DA AULA #4 - 04/02/2015

Esta foi a última aula do semestre, e como tal, também a última aula antes da prova de instrumento. Durante toda aula o Professor João permaneceu calmo e direto nas críticas avaliativas, facto que elogio fortemente. Paralelamente motivou o aluno e em certo modo descansando-o sobre o facto de estar seguro no domínio da matéria. Os temas abordados na última aula foram outra vez revistos, com algumas melhorias visíveis na improvisação do aluno. A transcrição estava mais segura e bastante colada com o autor original prova de que tem estudado sob a gravação original. O aluno B, de facto encontra-se num patamar técnico muito interessante, em termos mímicos consegue imitar bem o artista transcrito, concordo com a posição do professor ao afirmar que pode fazer uma boa prova.

REFLEXÃO DA AULA #5 - 11/02/2015

Esta aula marca o início do novo módulo. Foi feito um balanço do último semestre onde o aluno foi excelente. Planearam-se novas metas, falou-se do projeto final, onde o aluno decidiu abordar o universo de Cannonball Adderley e como tal terá de transcrever e tocar mais temas deste autor nas aulas. Apresentou-se a escala diminuta, e procedeu-se à sua execução. O professor sabia que o aluno estaria numa situação desconfortável, mas deixou-o procurar as notas, porque afinal de contas, isso também é treino auditivo, no entanto foi claro que na próxima aula queria que o aluno dominasse estes exercícios. Mais uma vez apreciei a abordagem do professor, ora benevolente, ora exigente, mas sempre consciente da sua postura.

REFLEXÃO DA AULA #6 - 25/02/2015

Esta aula de cariz técnico segue as diretrizes da última. Foi muitíssimo bem explorada a escala diminuta, com exercícios diferentes. O aluno demonstrou que tinha estudado as escalas, mas com algumas hesitações. O professor João tratou de corrigir os problemas que aparecessem ao aluno, muitas vezes sem instrumento visualizando a escala, o que prova que mentalmente está muitíssimo seguro do conhecimento científico leccionado. Notei que foi uma aula particularmente exigente para o aluno, achei que estive à altura, e aulas como estas explicam a técnica e o bom controlo do instrumento do Aluno B. O professor foi de facto perfeccionista, e isso fez com que não explorasse a improvisação por falta de tempo, creio que

teria sido um factor positivo principalmente na redução de *stress* do aluno. Ainda assim o espaço de aula foi sempre muito bem gerido, no final fez recapitulações e marcou os TPC elogiando o aluno.

REFLEXÃO DA AULA #7 - 04/03/2015

Nesta aula de repertório foi ensinada uma abordagem triádica ao tema “What is This Thing Called Love”. O aluno teve de fazer uma grelha com pares de tríades para cada acorde, para começar a usar uma linguagem mais aberta, apresentada esta grelha improvisou, mas não conseguiu usar esta nova linguagem de uma forma natural, facto que é compreensível porque são cores novas. Creio que que é uma abordagem discreta ao Free, e até certo ponto camuflada, que é interessante. Ao invés de ensinar tríades usadas em contexto inarmónico, utilizam-se sobre harmonias, e como tal, trabalha-se o ouvido na música tonal/modal e ao mesmo tempo constrói-se já uma base de linguagem moderna para trabalhar estilos diferente. Os estudos do Bob Mintzer são muito interessantes, e contêm muita desta informação triádica, e constituindo um bom desafio para o Aluno B. De realçar a prestação irrepreensível do Professor na execução do estudo.

REFLEXÃO DA AULA #8 - 11/03/2015

Nesta aula de repertório foi continuada a matéria dada na aula anterior, como tal, o professor abordou novamente o tema “What is This Thing Called Love”, com uma abordagem improvisada livre e depois centrada no conjunto de tríades. O aluno foi sempre recompensado pelo esforço, apesar de serem corrigidos defeitos sempre que foram encontrados. O aluno apresentou a transcrição do solo do Cannonball Adderley no tema “Corcovado”, com uma boa execução do solo, no entanto, na transcrição foram corrigidos vários erros de solfejo. O professor encorajou o aluno a prosseguir com o projeto recomendando o estudo de temas compostos por Cannonball. Como TPC o aluno ficou de trazer 3 sugestões de temas do artista, um conjunto de 3 frases identificativas em II-V-I e o estudo nº5 do B. Mintzer.

REFLEXÃO DA AULA #9 - 18/03/2015

Fiquei surpreso com o domínio que o aluno apresentou no pares de tríades solicitados. Ainda que com algumas falhas tocou a maioria do exercício, o que prova que o Professor João fez um excelente trabalho neste aspecto. A postura do professor mantém-se francamente coerente ao longo destas aulas. Observei que com este aluno é muito rigoroso, apesar de uma relação de amizade e compreensão mútua, sinto que essa tomada de posição motiva o aluno, porque acaba por se sentir na obrigação moral de corresponder às expectativas de um professor e também de um amigo. Obviamente que esta postura só funciona com alunos com o nível de maturidade do Aluno B. Em relação ao tema o professor esteve muito bem, ouvindo o aluno e comentando objectivamente, exemplificando de seguida. Boa síntese no final da aula.

REFLEXÃO DA AULA #10 - 15/04/2015

Para esta aula o Professor resolveu explorar mais pares de tríades assim como, recapitular algumas escalas diminutas. Achei este exercício de valor, porque na improvisação estamos constantemente a precisar de conhecimento anteriormente aprendido e como tal, fazer um ponto de situação de alguns tópicos académicos, ainda que rápidos pode ser uma ferramenta útil para combater o esquecimento. Foi tocado o tema “Work Song” novamente, curiosamente numa altura temporal da aula semelhante ao da observada na semana passada, prova de que, o professor em questão é muito organizado e planeia as aulas com consistência. Boa demonstração de conhecimentos nas trocas das voltas sobre a harmonia com o aluno. Senti que o aluno gosta particularmente destes momentos na aula, contato esta direcção também na ALUNA A, improvisar com o professor é sempre altamente aliciante.

REFLEXÃO DA AULA #11 - 22/04/2015

O Aluno B foi de facto audacioso, o solo do C. Adderley no Dancing in a Dark é tecnicamente e expressivamente exigente, no entanto, é de facto um dos solos mais famosos do artista em baladas, e será um complemento interessante aos solos transcritos até agora como o Corcovado ou o Autumn Leaves,

mostrando uma faceta diferente do artista. O Professor esteve muito bem, exemplificando tecnicamente as passagens e efeitos que o aluno não compreendia, dando sempre estratégias para superar esses obstáculos. Na parte dos II-V-I foi feita uma transposição para várias tonalidades. O aluno esteve bem e o professor encorajou e reforçou positivamente o esforço.

REFLEXÃO DA AULA #12 - 29/04/2015

Esta aula foi uma aula centrada no Cannonball Adderley. O aluno apresentou o que tinha trabalhado no “Dancing in the Dark” e “Corcovado”. A primeira também por ser a transcrição mais recente ainda está um pouco rudimentar, e está incompleta, no entanto, o aluno tem-se focado na linguagem, porque é o aspecto mais árduo, fazer os drops e articulação exigente como o artista faz. Este factor tem sido trabalhado pelo professor cooperador, exemplificando com mestria estas técnicas. O solo do Corcovado estava mais desenvolvido e o Professor apenas fez um ponto de situação para motivar o aluno para continuar. Os II-V-I foram abordados como anteriormente. Nesta aula especialmente o Professor tocou com o aluno, e no final, foram recapituladas os desafios encontrados e soluções para os ultrapassar, assim como os TPC, que incluíam um padrão II-V-I parcialmente feito pelo C. Adderley, mas que o aluno de alguma maneira modificasse, para tornar esse padrão num padrão do aluno.

REFLEXÃO DA AULA #13 - 13/05/2015

Esta aula foi uma aula puramente técnica, tocaram-se apenas escalas. Mais uma vez em conformidade com o que tinha dito anteriormente, um instrumentista de Jazz precisa de dominar todos os recursos escalares que conheça porque compõe em tempo real, e interage com instrumentistas que lhe legam ideias e como tal tem de estar preparado para tudo. Pontualmente o Professor Cooperante pede ao aluno escalas que leccionou anteriormente, obrigando-o a estudar novas escalas mas simultaneamente não esquecer o que estudou previamente, acho esta direção muito interessante. Por outro lado, inverteu a frase cliché na escala diminuta que surpreendeu o Aluno B, outra grande lição, este deverá ser criativo, e como tal pensar sempre em todas as possibilidades. O aluno procurou as notas no instrumento e o Professor recompensou com reforço positivo sempre que alcançava os resultados. Neste sentido, pediu ao

aluno para pensar criativamente num padrão do C. Adderley, manipulando-o com pequenas mudanças de direção.

REFLEXÃO DA AULA #14 - 22/05/2015

Esta aula foi uma aula puramente técnica. Iniciou-se a aula com a explanação do conceito de *overtones*. Creio que este tipo de exercícios são importantíssimos para o aluno, porque apesar de ter uma boa técnica nota-se que necessita de aprofundar o conceito de flexibilidade, afinação e domínio de harmônicos no instrumento. O domínio das escalas com o tubo fechado complementa este conceito. Posteriormente o Professor averiguou se a matéria mais frágil da semana passada estava dominada, com a frase cliché ensinada com o desenho inverso, o aluno mostrou que sim. Acho que esta aula foi singular durante o ano e de extrema importância para o aluno. Muitas vezes quando deparados com desafios mais aliciantes, como bons solos, é natural que os alunos desprezem outros exercícios mais fastidiosos, é sempre importante voltar e rever este tipo de práticas. O Professor João esteve bem como sempre, incentivando o aluno a continuar implementando boas práticas, e exemplificando com o instrumento sempre que o aluno tinha dúvidas.

REFLEXÃO DA AULA #15 - 29/05/2015

Esta aula iniciou-se com a prática de exercícios de som, com importância já esplanada também anteriormente. Os *overtones* são exercícios fantásticos para o controle do instrumento. Foram também vistos os dois solos do C. Adderley, “Corcovado” e “Dancing in the Dark”, com melhorarias na interpretação principalmente no último solo. Foi abordado pela primeira vez o tema Jeannine também de Adderley. O aluno mostrou algumas dificuldades na improvisação, mas o professor esperando já esta situação fez um quadro de escalas para o aluno, o que prova que programa a aula e antecede problemas que o aluno terá, facto que também comprova que conhece bem o aluno.

2.7. BALANÇO FINAL DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.

O Professor prático e reflexivo nunca se satisfaz com a sua prática, jamais a julga perfeita, concluída, sem possibilidade de aprimoramento. Está sempre em contato com outros profissionais, lê, observa, analisa para poder atender sempre melhor ao aluno, sujeito e objeto de sua acção docente. Se isso sempre foi verdade e exigência, hoje, mais do que nunca, não atualizar-se é estagnar e retroceder. (Hypolitto, 1999, p.1)

Estes meses constituíram uma experiência inesquecível, desde o momento em que entrei no CMJ e me deparei com o ambiente maravilhoso que por lá se vive, com jovens instrumentistas de vários géneros musicais a conviverem, tocarem ou debaterem música nos corredores, até à forma como fui recebido pelo corpo docente, com um ambiente muito acolhedor.

Parece-me mais do que evidente que o CMJ não é simplesmente um Conservatório, é muito mais do que isso, é uma referência para o ensino artístico em Portugal. Acho que a polivalência de ensino artístico que oferece deveria ser replicada por todo o País, e um exemplo a ser seguido por outras tantas Academias, que se intitulam de abertas artisticamente mas que no fundo secundarizam as vontades dos alunos e optam por um estudo artístico especializado afunilado em termos de variedade.

Apresentado este panorama, segue-se especificamente o Curso Profissional de Instrumentista de Jazz. Foi no CMJ que nasceu e curiosamente pelas mãos do professor cooperador que acompanhou a minha prática pedagógica, o Professor João Martins, como tal, é com orgulho que afirmou que estagiei na Academia com o mais antigo curso profissional de formação Jazz de Portugal, sendo de facto este um dos motivos que levou a que escolhesse esta instituição para efectuar o estágio.

Será evidente que muita coisa poderá ser dita sobre o elenco modular deste curso, confesso que tinha imensas dúvidas sobre como seriam dadas aulas tão específicas como Bebop ou Free Jazz apenas em um módulo. Um semestre para aprender o que génios aprenderam numa vida inteira parece-me no mínimo utópico, e na verdade é. Após conversas com docentes, compreendi que o grande objectivo de um curso profissional será preparar um Jovem para uma profissão, e evidentemente um músico não é preparado para nada em três anos. Mas será que o Pasteleiro é? Será que o electricista é? Parece-me que também não. Evidentemente o objectivo fundamental, será disponibilizar as ferramentas cognitivas para que estes Jovens consigam executar uma profissão, mas a partir daí a vida e as experiências profissionais em contexto de trabalho ensinarão a crescer mais, e quem sabe deixar de executar uma profissão para passar a ser um artista. Sabemos todos que a melhor escola de Jazz é tocar com grandes músicos, comparecer em *Jams*, frequentar *workshops* com os mestres, e conviver, porque para ser artista é preciso viver. Creio que nesse aspecto é possível disponibilizar as ferramentas de compreensão harmónica, técnica

e expressiva para que estes jovens improvisadores consigam desenvolver-se cada vez mais, abordando superficialmente todos estes assuntos com metodologia adequada, posteriormente caso algum deles se queira especializar num desses módulos, terá uma vida toda para o fazer.

Neste estágio tive oportunidade de acompanhar dois alunos interessantes, a aluna A, uma aluna iniciante ainda confusa em relação ao futuro profissional, ainda a descobrir o que é o Jazz e o que é o Saxofone, e por oposição, o Aluno B, proficiente tecnicamente e teoricamente, com excelentes níveis de maturidade e com certezas sobre ser um futuro saxofonista profissional, e inclusive ingressar no Ensino Superior. Este universo de observação polarizado constituiu uma paleta panorâmica refletiva dos vários níveis dos alunos deste tipo de Curso, e como tal pude comparar o que observava com alguns autores das ciências educativas previamente estudados durante o Mestrado.

Lembro-me que numa das perguntas que me foi colocada na entrevista de admissão neste mestrado foi: Qual é a razão do teu concurso para este Mestrado? À qual respondi: Conseguir perceber como motivar os alunos. Vejamos então o que aprendi sobre a motivação.

As metas desencadeiam a conduta motivada, formam parte do núcleo imprescindível para considerar uma ação como motivada ou não. Portanto, sem desejos e metas, não há motivação. No entanto, para haver aprendizagem é preciso haver a motivação. O papel do professor não é o de influenciar o aluno quanto às suas habilidades, conhecimentos e atitudes, mas o de facilitar a construção por parte deles no processo de formação. Frente a essa ideia, o professor influenciará o aluno no desenvolvimento da motivação da aprendizagem. (...) quanto mais consciente for o professor com relação à motivação, melhor será aprendizagem do seu aluno. (Huertas, 2001 cit. Knuppe, 2006)

Na educação escolar, a motivação parece ser a palavra mais utilizada pelos professores para justificar o sucesso ou insucesso escolar. A falta de motivação é vista como um dos principais obstáculos à aprendizagem e à compreensão dos conteúdos programáticos das diferentes disciplinas (Campos, 1986 citado por Ribeiro, 2011). Desta forma, pode dizer-se que a ausência de motivação coloca em risco a qualidade da aprendizagem (Raasch, 1999). Será puro conformismo justificar o sucesso escolar segundo uma perspectiva centrada em conceitos como sorte ou talento. Este erro segundo Pinto, é uma das principais falácias cometida pelos professores, que conduziria a que estes, “alunos (...) e demais agentes se demitissem dos seus papéis” (Pinto, p.33). Segundo este mesmo autor, o objectivo será inverso, identificar as potencialidades do aluno e a sua maximização.

Seja qual for a visão, verifica-se a existência de dois tipos de motivação: intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca é aquela que é satisfeita por reforços internos, não estando dependente de reforços externos. A motivação extrínseca depende da necessidade de reforços externos (Sprinthall & Sprinthall, 1993). Numa fase inicial, o aluno pode necessitar de motivos extrínsecos para iniciar determinada tarefa

que, uma vez começada, é melhorada por motivos intrínsecos (Bruner, 1966, cit.Sprinthal & Sprinthal, 1993). A respeito deste assunto, O'Neill (1999, cit.Pinto, 2004), defende que os fatores extrínsecos têm de ser moderados de forma a não criarem dependência. Ou seja, a recompensa deverá ser o prazer obtido com as atividades musicais e a partilha de experiências com os outros de uma forma não competitiva. Caso contrário, os alunos estarão mais suscetíveis a sofrer de baixa autoconfiança.

Numa aula, quando o professor valoriza o esforço do aluno e estimula a sua potencialidade, está a contribuir para elevar a sua autoestima e motivação. Antes de uma audição ou de um concerto, basta uma palavra de incentivo para encorajar o aluno na sua performance. Todavia, a motivação extrínseca não deve ser aplicada excessivamente. Segundo Sprinthal & Sprinthal (1993), um sacrifício excessivo por parte do aluno para receber a aprovação pode criar um efeito contrário. O aluno pode achar que para o seu trabalho ser reconhecido é preciso trabalhar de forma excessiva e a um custo elevado, levando-o a desistir desse objectivo. Sousa (2004) completa esta ideia quando observa que o conflito entre aquilo que a escola propõe e as expectativas que o aluno ambiciona pode conduzi-lo a um estado de ansiedade, à desmotivação e ao conseqüente abandono. Assim sendo, é fundamental que o professor colabore nesse processo, promovendo o desenvolvimento destas experiências significativas (Sloboda, 1994, cit.Pinto, 2004).

Segundo um estudo realizado por Sousa (2004), quanto maior o apoio dos professores de instrumento no processo de aprendizagem dos alunos mais elevado foi o nível alcançado, mais tarde desistiram e mais persistente e duradouro foi o tempo de estudo. Ao escolher o material pedagógico que o aluno vai trabalhar, os professores devem tentar que este permaneça em *flow*, isto é, que promova o envolvimento e a motivação do aluno. Para isso, deve ser atingido um equilíbrio entre o desafio da tarefa e a capacidade do executante (Sousa, 2004 & O'NEILL, 1999). A principal função dos professores é então apoiar a aprendizagem dos alunos e desenvolver metodologias que promovam a motivação. Quando um aluno ultrapassa com sucesso um objectivo, este refletir-se-á positivamente na sua autoestima, confiança e motivação. Inversamente, quando os resultados não são concretizados, a motivação é, geralmente, comprometida (Hallam, 2012).

Senti que no caso dos dois alunos referidos anteriormente, ambos necessitavam de tipos diferentes de motivação, a Aluna A necessitava de um feedback avaliativo imediato, de metas fáceis, de mais melodia e menos teoria, de uma maneira de falar mais calma e serena, com um ritmo de aula médio e simpático, e sempre de incentivo ao esforço. Por contradição, o Aluno B era muito reflexivo, ele próprio autoavalia-se constantemente, e como tal o que mais o motiva era ritmos de aula mais agressivos, com grandes desafios técnicos e teóricos, com um reforço positivo com uma atitude exigente assim como, demonstrações musicais irrepreensíveis. Senti que de certa forma, o aluno avançado necessita de um instrumentista altamente

dotado como inspiração motivacional, e o aluno iniciante, de um professor que apoie, e que tenha competências humanas positivas, para que a experiência da música seja agradável.

Esta posição é afirmada também por Davidson (1995/6, cit. Pinto, 2004) numa fase inicial os professores serão avaliados pelas suas capacidades pessoais, posteriormente serão avaliados pelas suas capacidades musicais. Numa fase mais avançada os alunos irão sentir-se motivados pela prática instrumental e a consequente resolução de todos os problemas inerentes. Os conhecimentos transmitidos pelo professor serão a base da sustentação da motivação para a performance. Este facto foi comprovado num estudo realizado por Howe & Sloboda, (1991, cit. Pinto, 2004), numa escola especializada, onde os alunos questionados foram unânimes em atribuir ao primeiro professor características como: simpático, encorajador e amigo, conclusões já encontradas por Sosniak (1985, cit. Pinto, 2004). Pinto defende que, “se o professor acumular as qualidades inicialmente necessárias ao aluno, com as sentidas posteriormente poderá colmatar uma das causas de instabilidade na motivação” (Pinto, 2004, p.37).

Ultrapassando o factor motivacional, observei aulas com um excelente método, o Professor João é muito regular na exposição da matéria e nos objectivos. A prova disso é o excelente nível técnico do Aluno B, que arriscando-me a dizer, domina melhor os modos das escalas do que muito estudante do Ensino Superior. Fiquei de certa forma espantado com o sistema escalar, com os exercícios descritos previamente, confesso que nunca tinha usado esta técnica, talvez por nunca ter dado aulas neste registo, no entanto, de facto faz sentido, porque os alunos contextualizam as permutações em diferentes escalas, e talvez dessa forma as aprendam mais rápido. Acho que estes exercícios definidos podem e devem ser complementados com pequenas surpresas, incluindo desenhos diferentes, para colocarem o aluno numa situação de descoberta, e consequentemente treino auditivo.

No entanto, não concordei com tudo o que o Professor Cooperante leccionava e tratei de implementar alguns conceitos que achei pertinentes, como o do aquecimento e alongamentos musculares. Compreendo que muitos músicos não saibam o que é isso e não tenham sofrido de lesões musculares, como eu já sofri leve muito a sério quando o aluno se queixa dum pulso ou do pescoço. No caso específico da aluna A, eram recorrentes as dores e a má postura, portanto decidi incorporar esse ritual já previamente descrito. Noutra direção, senti que a aluna muitas vezes estava preocupada com executar, e não com a qualidade de som, se fosse um aluno de 10 anos ou menos concordaria, mas a aluna já tem 15 anos e como tal, creio que poderá aprender mais técnicas de controlo do instrumento e som porque tem mais maturidade. Neste sentido ensinei várias técnicas que aprendi ao longo da minha carreira musical, como os overtones, a técnica da folha na parede, a da palheta deslocada ou a da abertura do lábio superior.

Quanto ao resto, fui ensinando aula a aula o que o Professor Cooperante me recomendou ensinar após entrega das programações. Segui sempre o elenco modular da ANQ porque nunca me foi facultado

pelo Conservatório um plano modular da disciplina de Saxofone, detalhado e feito pelo CMJ, como tal fui leccionando com indicações aula a aula. Deparei-me com vários desafios como a gestão do tempo de aula, sendo esta uma das minhas principais dificuldades. No entanto, existiram outras tais como: Motivar a aluna a médio prazo ou simplesmente ter a calma e paciência necessária e esperar pelo ritmo de compreensão dos alunos. Nesse aspecto o professor cooperante esteve sempre muito bem, com uma planificação muito panorâmica, com objectivos grandes e às vezes tecnicamente avançados para o grau da aluna (como o solo do C. Parker na canção “My Little Suede Shoes”) que apenas foram cumpridos porque ensina com método.

Aprendi também outras estratégias interessantes com o Professor João, uma das quais colocar os alunos a cantar os exercícios regularmente, melhorando a afinação e a certeza do que se está a visualizar internamente, e outra não menos importante, pedir ao aluno sempre que se engane para pensar antes de tocar e definir estratégias e visualizar a escala antes de a executar. Na verdade, apliquei estes ensinamentos nas aulas que leccionei e de facto comprovei que são técnicas interessantes.

Quanto à divisão das aulas por temáticas de repertório e técnicas, acho totalmente pertinente. Os alunos têm 2 horas de acompanhamento individual de Instrumento por semana, correspondendo a mais carga horária semanal do que um aluno do Ensino Superior beneficia. Como tal, podem ser perfeitamente divididas, uma centrada mais no controle do instrumento e conhecimento teórico de escalas, e outra centrada na transcrição de solos e linguagem, aparecendo a improvisação como área transversal, abordada em ambas as temáticas.

Cheguei portanto ao remate de que, o Professor um pouco à imagem de um estudante numa escola profissional que se forma para exercer uma profissão, não aprende tudo num curso, terá de aprender com experiência de vida, e se for reflexivo como Kemp (1995) afirma “desenvolve a capacidade de observar os alunos e a si próprio e que, mediante as necessidades e as respostas (...) adapta a sua própria conduta” (Kemp 1995, cit. Pinto 2004, pg.37) e adaptando-se evolui e transforma-se num melhor professor. Creio que aprendi ferramentas teóricas para olhar e refletir sobre a minha docência e os meus alunos de outra maneira, complementadas pela prática, reflexões essas que nunca teria pensado se não passasse por esta experiência.

CAPITULO III – A Disciplina de Laboratório de Improvisação Musical: um contributo didático de implementação do estudo da improvisação como oferta complementar para alunos do 6º grau do ensino articulado e supletivo

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Observei durante todo o meu percurso pessoal e musical uma mudança positiva no ensino da música em Portugal. Cresci numa altura em que estudar um curso de um qualquer instrumento, num conservatório não público, significaria um encargo de centenas de euros ao aluno, encarregados de educação ou instituição que apadrinhasse o aluno como por exemplo as bandas filarmónicas, situação que afastou milhares de alunos dos conservatórios e do ensino musical sério. Hoje, com a implementação do regime articulado e cursos profissionais financiados pelo POPH, e não só, a música tornou-se acessível também àqueles que não poderiam pagar essas mensalidades. No entanto, há factos que permanecem quase inalterados desde o início deste percurso como na generalidade a ausência de disciplinas relacionadas com a improvisação, apesar de muitas vezes nos planos de avaliação de recitais finais da disciplina de instrumento já constar matéria relacionada com a criatividade e improvisação e existirem estudos que comprovam os seus benefícios.

Neste ano lectivo, após um ano de negociação com o Conservatório Regional de Vila Real, foi-me permitido implementar uma disciplina de oferta complementar aberta a todos os instrumentos chamada de “Laboratório de Improvisação”, mas apenas para alunos do 6º grau supletivo e complementar. Realizei testes diagnósticos no início do ano e percebi que a grande maioria não sabia definir o conceito de improvisação, que nunca se tinham centrado nessa questão e que curiosamente apesar de uma destreza razoável no instrumento não conheciam qualquer improvisador, muitas vezes centravam-se apenas em músicos do próprio instrumento de índole clássica, e que referentemente, não ouviam muita música a não ser a que tocavam, apresentando uma concepção sobre a performance improvisada como algo menos nobre do que a performance centrada na leitura. Pude também rapidamente observar que muitos dos alunos apesar do nível avançado de controlo do instrumento apresentam graves dificuldades no que diz respeito a sentir uma forma, seja ela um simples *blues* de 12 compassos, até um AABA de 32 compassos, que de facto pode revelar que por norma sentem cada compasso individualmente, numa espécie de micro-tempo, contrastando com a noção de ciclo de compassos a noção de macro-tempo. Apresentam também dificuldades a desenvolver ritmicamente e melodicamente motivos mais simples sejam eles em contexto harmónico ou em improvisação livre, não interagindo, entrando muitas vezes em pânico quando confrontados com uma situação em que individualmente têm de criar algo sem recurso a uma pauta. Por outro lado o domínio da harmonia não abunda principalmente em instrumentistas não-harmónicos que muito raramente são confrontados seriamente com a contextualização harmónica do que fazem no resto das disciplinas musicais.

Estudos e opiniões que apresentarei posteriormente neste projeto apontam para o quão benéfico o ensino da improvisação pode ser quando aliado ao ensino do instrumento clássico, desde o nível neurofisiológico, ativando estímulos cerebrais diferentes dos ativados pela leitura, ao nível emocional, pelo desafio da procura do desconhecido e pela grande recompensa do encontro da individualidade e identidade própria e referente sedução pelo instrumento, ao domínio da intuição no sentido de compreender o tempo e formas complexas de uma forma natural para depois poder compor em tempo real sobre elas, ao campo esotérico quando em contexto de grupo coincidências e química e sinergia musical acontece até no campo da própria relação com os colegas expondo-se a situações em que os pares podem participar, influenciar ou até controlar a direção do solista, campos que na generalidade a música clássica não costuma preencher.

O ensino da improvisação, e mais especificamente do Jazz (como uma das linguagens da improvisação) foi de facto marginal durante décadas, estando apenas agora a ser mais respeitado com a implementação das escolas profissionais e constatação das exigências de um mercado musical moderno onde o músico profissional precisa cada vez mais de ser mais completo e polivalente. Existem neste momento dezenas de músicos profissionais com formação superior em Jazz e no entanto, ainda existem conservatórios que não incluem o estudo da improvisação na oferta das suas disciplinas e alguns incluem mas leccionados por pessoas sem formação na área. Creio que, se for feito um esforço da parte dos dirigentes destas instituições em perceber este paradigma, o ensino da música em Portugal será nitidamente melhorado, tanto não seja apenas pela alargada panorâmica de oferta musical/intelectual que poderá seduzir mais alunos ou direcionar alunos que não se enquadravam no sistema vigente.

Não será embuste asseverar que o estudo da improvisação é salutar para os alunos de música clássica (e não só). Nos dias correntes, é expectável que um músico com uma educação artística mediana/avançada saiba improvisar coerentemente a um nível pelo menos meio (pois este deverá estudar escalas, frequentar formação musical, composição, etc...) no entanto, muitos são aqueles que se formam mesmo a nível superior e que quando confrontados com uma mera progressão harmónica numa forma muito simples entram em pânico, bloqueiam ou simplesmente improvisam de uma forma amadora e imprudente, muito aquém do seu grau de maturidade a tocar peças escritas. Esse tem sido verdadeiramente um drama, ser capaz de recitar o mais belo dos poemas mas ser incapaz de falar, de usar a música como uma linguagem ou uma forma de comunicação/interação.

Perceber este quadro faz com que pelo menos considere que poderá haver uma lacuna no ensino de música atual. Essa observação, ligada a muitos outros factores, como por exemplo o facto de já haver muitos licenciados em Jazz e peritos em estratégias de improvisação escalar sem trabalho em academias oficiais aguçam-me a curiosidade em saber porque ainda tardam a ser tomadas as medidas necessárias de

implementação séria do estudo da improvisação se a massa humana para leccionar e ser leccionada existe. Por outro lado, na cidade onde lecciono e onde vivi toda a minha infância, Vila Real sempre foi um palco para inúmeras bandas de Rock que brotaram entre a década de 90 e 2000, era frequente acompanhar o meu irmão mais velho a vários concertos de bandas de garagem, que entretanto desapareceram. Havia de facto esse legado, legado tão forte que mais tarde originou o festival Rock Nordeste que ainda se mantêm, tirando situações pontuais e muitíssimo raras, não nasceram muitas mais, curiosamente deixou-se de fazer música de garagem a partir do momento em que o conservatório nasceu, curiosidade ou não. Será plausível ponderar a hipótese de que o ensino clássico, aliado a uma estrutura filarmónica demasiadamente marcial para o bem ou para o mal moldam as crianças desde cedo, a um género musical com a leitura como colossal pilar; a música pop, ligeira, Jazz, world, e de tradição auditiva, onde muitas vezes existe forma e improviso são consideradas por muitos alunos e professores que por lá andam como géneros menos nobres, e como tal depreciadas junto dos jovens, mesmo que estes mostrem curiosidade em aprender essas linguagens, os professores muitas vezes não incentivam, direta ou indiretamente.

Pude comprovar esse mesmo cenário, quando pedi uma resposta simples no teste diagnóstico no início do ano: “Enumera um artista/banda de qualquer estilo musical onde habite o improviso”. Provavelmente há milhares de respostas validas, senão milhões, mas maior parte dos alunos deixou em branco, facto que me surpreendeu visto a música contemporânea (presente nos programas de alguns instrumentos) contemplar também esporadicamente o improviso, aliás o termo “Impromptu” significa precisamente improviso e está presente em variadíssimas peças românticas compostas precisamente ao sabor do momento. É de facto necessário aculturar mais estes jovens, dar-lhe uma perspectiva mais abrangente do que poderão fazer artisticamente, porque sendo um músico tudo aquilo que escuta, quanto maior a biblioteca, maior o músico, para depois criar formas de materializar essa biblioteca na performance.

3.2. OBJECTIVO

Através da circunstância privilegiada em que me encontro, de ter concluído o curso clássico de saxofone no Conservatório Regional de Gaia (CGR), de possuir uma licenciatura em Jazz e leccionar no CRMVR uma disciplina de improvisação, no sistema educativo oficial como oferta complementar, turma essa do ensino erudito de média dimensão, mais precisamente, 13 alunos de vários instrumentos em nível médio-avançado (6º grau), adindo o facto de ter efetivamente abundante autonomia e flexibilidade para experimentar estratégias de improvisação (não se chamasse ela “Laboratório de Improvisação”), coloco-me numa situação salutífera para ensinar várias estratégias de improvisação que percorrerão desde o universo clássico até à linguagem Jazz, mas atribuindo especial ênfase a esta última (2/3 da matéria dada). Para contextualizar todo o meu envolvimento na criação desta disciplina descrevo o programa geral da disciplina, objectivos, métodos e critérios de avaliação, assim como sumários.

Com esta disciplina, pretendo que os alunos ouçam e experimentem mais, e sobretudo, que consigam fazer música sem pauta recorrendo a estratégias ensinadas durante a aula. A improvisação começará a um nível genérico com pequenas experiências de interação, implementação de centros tonais e de zonas sem tonalidade definida, mas viajará até as formas mais simples de Jazz, implementando a partir do segundo período alguma linguagem e estratégias tonais de improvisação em *blues* maior e menor, contextualizando sempre as progressões com treino auditivo e contextualização teórica. Pretende-se que no primeiro período se desmistifiquem alguns conceitos relacionados com a improvisação, e que desenvolva a improvisação com linguagens que os alunos dominem, para depois implementar a linguagem do Jazz.

Apesar de ser um disciplina de oferta complementar, e com um peso reduzido no plano de estudos, pretendo perceber o quão significativa ela é para os alunos. Creio que para observar pessoalmente este aspecto seja importante efetuar questionários mistos (de resposta direta e de resposta desenvolvida) para recolha de alguns dados gerais significativos. Paralelamente como professor tenciono também perceber pontos de vista individuais significativos que podem ser relevantes para a melhoria desta disciplinas em anos posteriores. Com estes dados intento perceber se os alunos sentem-se curiosos em relação a instruir-se mais na música improvisada, e também se acham que a disciplina apareceu na vida deles numa altura salutífera, ou se sentem que deveria aparecer mais cedo no programa do CRMVR.

Com base nesse trabalho anual, programarei também uma audição final com toda a turma, incluindo experiências com números diferentes de intervenientes, onde abordarei experimentações mais minimais abordadas ao longo do ano e de definição de génese da improvisação, assim como outras, onde os alunos poderão improvisar com linguagens mais eruditas atendendo a conceitos como desenvolvimento

motívico, desenvolvimento rítmico e desenvolvimento textural, e por fim, implementando algum repertório de Jazz, algumas experiências com forma e linguagem deste estilo, também ensinadas durante as aulas.

Creio que esta experiência poderá servir de incentivo para que turmas semelhantes abram nas centenas de conservatórios e academias Portuguesas, pelo significado da disciplina, pelos benefícios que poderá trazer aos instrumentistas clássico, pela esperança que poderá trazer ao aluno que não se enquadre com percurso académico vigente e pelo reverso da moeda, por ser uma forma de empregar vários músicos de Jazz licenciados e sem hipótese de emprego nas pouquíssimas escolas profissionais especializadas, incentivando alunos, professores e diretores a olhar e ouvir música de uma maneira mais expansiva, e talvez quem sabe dar o próximo passo, que será expandir o ensino da improvisação. A verdade é que a improvisação ainda não é leccionada na grande maioria dos conservatórios, muito menos por pessoal especializado, no entanto, muitas vezes faz parte dos programas, é evidentemente um paradoxo. Com o número de desempregados de entre os licenciados de Jazz, muitos deles obrigados a mudar de profissão e redefinir estratégias de vida, este tipo de consciencialização poderá salvar músicos, não só o professor, mas também o aluno criativo que não era brilhante no ensino erudito vigente mas tinha imensa criatividade para ser desenvolvida como improvisador. Creio que a missão da minha geração de músicos ligados à improvisação será batalhar por um lugar ao sol como os restantes instrumentistas clássicos, com uma pequena diferença, temos a necessidade de criar os nossos próprios postos de trabalho através desta consciencialização, muito ainda está por ser feito.

Um exemplo perfeito dessa filosofia foi a criação do Curso Profissional de Instrumentista de Jazz que felizmente já começa a estar implementado num punhado de cidades, com os primeiros alunos já ingressados no ensino superior posterior. Se o Professor João Martins (formado em Jazz variante saxofone na ESMAE) não efetuasse e materializasse o projeto para o Conservatório da Jobra, o Jazz ainda seria um género musical na sombra. O mesmo em relação à disciplina de Bateria no ensino erudito, que apenas abriu porque o professor Filipe, Director Pedagógico do Conservatório de Gulpilhares (formado em Jazz variante Bateria na ESMAE) achou que o ensino demasiado centrado nas lâminas nos conservatórios não formava devidamente os bateristas e que deveria existir uma disciplina própria. Essa atitude fez com que dezenas de licenciados em Bateria ficassem com emprego de um ano para o outro. Evidentemente que para que tudo seja materializado há um ponto comum, A direção administrativa e pedagógica dos conservatórios tem de estar em concordância com as vontades dos visionários, e acho que o objectivo secundário de disciplinas como o “Laboratório de Improvisação” é também esse, aproximar pontos de vista distantes.

3.3. REVISÃO DE LITERATURA

Começamos por afirmar que o verbo “improvisar” e o respectivo substantivo improvisação, são palavras que surgiram em variadas línguas no séc XIX (Bloom, 1998, cit. Aguiar, 2012, p.18). Dentro de um espectro musical, Aguiar (2012) reúne várias citações sobre improvisação musical que reúnem com mais ou menos complexidade o conceito de criar enquanto executando:

The creation of music in the course of performance. (Nettl,1986, p.392 cit. Aguiar, 2012, p.21)

Improvisation is the intention to create unique musical utterances in the act of performance. (Baily, 1998, p.11 cit. Aguiar, 2012, p.21)

Création d'un énoncé musical, ou forme finale d'un énoncé musical déjà composé, au moment de sa réalisation en performance. (Erlmann, 1998, p.11, cit. Aguiar, 2012, p. 22)

Acção de realizar sem prévia preparação, no piano ou no órgão, uma peça de música de regular construção. (Borba e Graça, 1996, p.4, cit. Aguiar, 2012, p.20)

Improvisation besteht musikalisch im Erfinden und gleichzeitigen klanglichen Realisieren von Musik; sie schliesst die schriftliche Fixierung (Komposition) ebenso aus wie das Realisieren eines Werkes (Aufführung, Wiedergrabe, Interpretation)” (Gurlitt e Eggebrecht, 1967, p.390 cit. Aguiar, 2012, p.21)

The process of Creative interaction (in private or in public; consciously or unconsciously) between the performing musician and a musical model which may be more or less fixed. (O'Suilleabhain, 1998, p.11, cit. Aguiar, 2012, p.22)

Au sens strict, interprétation d'une musique au moment même de sa Conception. (Arom, 1998, p.11, cit. Aguiar, 2012, p.22)

Extemporization is the primitive act of music making, existing from the moment that the untutored individual obeys the impulse to relieve his feelings by bursting into song. Accordingly, therefore, amongst all primitive peoples musical composition consists of extemporization subsequently memorized. (Colles, 1935, p.184, cit. Aguiar 2012, p.23)

Desde definições mais simples como a de Nettel (1988, cit. Aguiar, 2012) em que a improvisação é criar durante a performance, somando a definição de Borba e Graça (1996, cit. Aguiar, 2012) que assumem essa posição acrescentando um instrumento musical, passando por Eggebrecht (1967, cit. Aguiar, 2012) que foca o constrangimento de executar as tarefas mentais e motoras simultaneamente e separa inequivocamente interpretar de improvisar; referindo paralelamente Earlmann, que acrescenta que pode ser ou não um trabalho previamente pensado/composto, chegando a definições mais complexas como a de Colles (1935, cit. Aguiar, 2012), com um conceito mais profundo defendendo que a capacidade de improvisar será uma das bases iniciais de todas as composições, podemos confirmar que de facto é difícil

de definir com precisão o que é improvisar, e por isso mesmo, segundo Netts (1998, cit. Aguiar, 2012)) o conceito de improvisar é mais amplo e criativo do que o conceito de composição, que envolve apenas um indivíduo a escrever uma partitura, no entanto é Schoenberg (1975, cit. Aguiar, 2012)) que avança com uma definição curiosa:

[...] composing is a slowed-down improvisation; often one cannot write fast enough to keep up with the stream of ideas. (Schoenberg, 1975, p.439, cit. Aguiar, 2012, p.24).

Deparamo-nos com um contraponto entre composição e improvisação, sendo que para o autor, composição é uma forma lenta de improvisação, que acontece porque fisicamente o compositor não pode materializar todas as ideias que lhe surgem em tempo real, no entanto, não define improvisação, mas sim composição. Segundo Aguiar (2012) grande parte do estudo da improvisação ronda o contraponto entre composição e improvisação, nesta direção, Dahlhaus (1987), afirma *“Nothing is certain except the trivial fact that the basic trait which distinguishes improvisation from composition is the lack of notation.”* (Dahlhaus, 1987, p.268, cit. Aguiar, 2012, p.25), Como será natural, esta definição será errônea, a notação existe em várias formas de improvisação, seja ela contemporânea, através das referentes notações características, ou Jazz através de cifras e grelhas de solo impostas. Segundo Aguiar (2012) “não é a ausência de uma notação que distingue o processo de composição da improvisação”.

Caspurro acrescenta mais, e baseado no conceito de tempo, separa improvisação de composição.

Na improvisação, a predição da sintaxe musical é feita espontaneamente em ‘tempo real’; na composição, a predição da sintaxe musical é feita em tempo ‘virtual’, ou seja, no contexto de um tempo ideal em que o imaginário musical, pela evocação de situações ‘reais’ de performance em ‘câmara lenta’, se pode perpetuar, se se quiser, infinitamente. (Caspurro, 2006, p.68, cit. Aguiar, 2012, p.26)

Por outro lado, muitas vezes a palavra improvisar tem significados depreciativos, relacionados com a falta de preparação, ou o “momento”, segundo Bailey (1992, cit. Aguiar, 2012)) o termo “improvisar” não costuma ser usado por profissionais da improvisação, como músicos de Flamenco ou Jazz, maior parte desses músicos falam em conceitos como linguagem ou simplesmente tocar, porventura já conscientes da conotação negativa da palavra improvisar, no entanto, sabem que essas concepções são errôneas.

They know that there is no musical activity which requires greater skill and devotion, preparation, training and commitment. And so they reject the word, and show a reluctance to be identified by what is generally understood, it completely misrepresents the depth and complexity of their work.” (Bailey, 1992, p.xii, cit. Aguiar, 2012, p.26).

A questão da música improvisada é de veras profunda, e na charneira do seu valor, recentemente colaborações entre *Imperial College of London* e *Guildhall School of Music and Drama* examinaram os sinais cerebrais de músicos e ouvintes. Começamos por afirmar que a improvisação não está apenas ligada ao

Jazz, mesmo durante a prestação em música clássica este estudo sugere que a utilização da improvisação pode aumentar a entrega da escuta do público. Dolan & Sloboda et al. (2013) realizaram esse estudo, ligando quer pessoas, quer músicos, a eletroencefalógrafos que medem o registo dos impulsos eléctricos entre cérebro e as células. O mesmo grupo de música de câmara executou um repertório idêntico em dois concertos, um com improvisação e o outro sem, e durante as duas performances, quer nos músicos, quer nos ouvintes, havia níveis diferentes de atividade cerebral. A área do cérebro conhecida como “Brodmann 9” que controla a atenção prolongada, a memória e a inibição de respostas de trabalho, estavam mais ativas sempre na parte improvisada do repertório musical. Prova de que, não só os músicos, mas também a audiência, estaria muito mais atenta e entregue quando ouvia música clássica com improvisação. A ausência deste aspecto pode ser um dos motivos pelo qual a música clássica está recentemente a perder público.

According to a certain view of what music is, it is an art form that, like architecture, aspires in a more or less premeditated way towards achieving the status of a lasting cultural monument (as in the great works of classical composers), but is also just as essentially one that functions, like dance, as a formalisation of the ways in which ordinary people express themselves spontaneously and naturally on a daily basis. If that view is correct, then it suggests that improvisation can play an important role, at least at certain moments in the history of a musical culture, in helping to maintain a necessary balance between the two sides of music that, when properly elaborated together, are responsible for its potentially unique richness and power – namely its character as an art of construction on the one hand, and as an art of performance on the other. Introducing students of classical music to improvisation might be one way in which it could play this role today. (Humphries, p.22)

Bailey (1992) defende que a improvisação existe “because it meets the creative appetite that is a natural part of being a performing musician and because it invites complete involvement, to a degree otherwise unobtainable, in the act of music-making.” (Bailey, 1992, p.142, cit. Aguiar, 2012, p.26), e assim sendo, está em conformidade com os resultados obtidos na experiência anteriormente descrita.

Evidentemente esta questão sobre o ensino da performance improvisada é mais profundo do que parece. Como Baker-Sennett & Matusov (1997) sublinham, examinar o desenvolvimento sobre contexto de discussão de uma performance com base na improvisação será, de certa forma compatível, com perspectivas contemporâneas da atividade humana, onde a mente não será um receptor passivo de conhecimento, mas ao invés, os processos cognitivos desencadeados com o desenrolar das atividades diárias. Mais do que isso, os autores afirmam que a Improvisação será o processo de criar significado (Baker-Sennett & Matusov, 1997, p.200).

Learning how to improvise may be rather more than just getting used to botching things up, or doing something “on the spur of the moment.” It may even be something like a skill for living. Not just doing anything in the moment, but learning how to make use of as much of ourselves and as much of the “context” as possible; learning how to fill the moment (Frost & Yarrow, 1990 cit. Baker-Sennett & Matusov, 1997, p.209).

Frisk (2011) no newsletter do evento *(re)thinking improvisation – International sessions on artistic research in music* na *Malmö Academy of Music* define dois grandes objectivos para o improvisador:

- *To delimit the research topic by defining what musical improvisation is. Although sometimes described as the creation of music in the course of performance, it is obvious that improvisation is no creation ‘ex nihilo’: every improvisation is always already (in)formed by the musical background of the performer and therefore in some sense already restricted.*

- *To achieve a (re)examination of improvisation as an aspect of (social) interaction (within which listening, freedom, power, fear, and play are taken into account). Improvisation, to the extent that it is founded on interactive performance, emerges as an important medium for exhibiting as well as a means of conceiving and (re) enacting interpersonal relationships. Furthermore, improvisation also implies the musicians’ interaction with their muse, sometimes referred to as intermusicality, and their audiences. (Henrik Frisk 2011 cit. Malmö Academy of Music, 2011).*

Jamie Baum, flautista internacional, professora de improvisação para flautistas “clássicos” da *New School* e *Long Island University* com formação mista, tanto na música clássica como na improvisação, é perentória sobre os benefícios da improvisação e sobre o facto do ensino do mesmo não ser uma competência inata, mas que deverá ser propriamente ensinada:

Classical musicians are mainly taught visually, not aurally. They learn to read music, developing an incredible ability to look at notes and transfer them immediately into correct fingerings. I believe that same skill can be learned aurally, so that players who hear a tune will know intuitively what pitches to finger. The ability to improvise comes from hearing melodies in your head and being able to execute them on the instrument. Many call this playing-by-ear, although I refer to it as knowledgeably’ playing by ear. To develop the skill, players need ear training and an awareness of the intervallic relationship between what they hear, what they can sing, and where the fingers go. Contrary to popular belief, playing-by-ear is not a gift. It is skill to develop in the same way that music reading is a skill.

When players combine listening skills, harmonic awareness, and knowledge of the compositional form, their confidence rises and playing improves. Nobody sings Happy Birthday incorrectly because they have sung it so many times. The lesson is that players who listen carefully and can sing a piece will never play it wrong. There is so much value to the way classical music is taught, but I wish the traditional education door could open just a bit. (Bauer cit. Jicha, 2015).

Martan Mann (1989), autor do livro *Jazz Improvisation for the Piano Classical Pianist* conta-nos no prólogo que, quando tinha quatro anos, o seu professor de piano (clássico) batia-lhe com um lápis na mão sempre que punha o dedo errado na nota certa, desde esse professor foram constantes as batalhas travadas com outros sempre que como aluna alterava notas, fraseado e finais diferentes nas sonatas. Segundo o autor, a vontade de criar a sua própria música era insaciável.

Após vários episódios semelhantes, foi encaminhado para o ensino do Jazz onde singrou. Tendo sido

com professores da área que pela primeira vez analisou harmonicamente as peças clássicas previamente tocadas. Vejamos o que a autora afirma sobre as influências mútuas do Jazz e clássico.

My playing has grown in different directions with each Jazz instructor. I think that the main difference with studying classic and Jazz is that in classical you learn to perform the music in the manner that the composer intended.

In Jazz, you explore yourself, and in so doing, discover what you intend. I feel that by studying classical I have learned to play music in a precise manner, and this has helped my Jazz so that I can perform Jazz in the style that I wish. Jazz and improvisation, have in turn, helped me to see classical pieces freshly (Mann 1989, p.4).

É plenamente evidente que para Martan Mann o ensino paralelo das duas artes o tornou-o num músico mais completo. Atentemos à maneira como este autor descreve as diferenças entre a performance do músico clássico e de jazz:

The Jazz performer actually thinks differently than the classic performer. His music perspective is totally different. The classical performer's main attention is toward performing the music with a specific interpretation. The Jazz improviser is creating the music as he plays and therefore is musically conversing freely with himself, with the other musicians in the band and emotionally with the audience. As he plays, the music pours of him and he has little time to think. Just as in a conversation, he acts and reacts instantly (Mann 1989, p.6).

Os caminhos entre o clássico e o jazz para o autor separam-se por objectivos, a interpretação e criação respectivamente. Desvendando aspectos como a introspectividade quando o improvisador comunica consigo mesmo, a extrospecção quando comunica com os restantes membros da banda, e a entrega emocional ao público, factores que muitas vezes influenciam o rumo da performance, tamanho o grau da interatividade.

Uma das dúvidas que colocamos no início deste projeto seria se o professor de instrumento clássico com uma formação indigente em improvisação poderia ensinar improvisação aos alunos. Mann é perentório na sua posição:

I truly feel that if children were taught to improvise as they studied their first lessons they would become natural improvisers. Children love to experiment and love to explore and should quickly learn to improvise with the right approach. The problem is that in most classical lessons, the teacher is not an improviser, and wasn't encouraged to be one as a student, and therefore does not encourage or know how to teach improvisation. Improvisation can only be effectively taught by an improviser because improvisation by its very nature is not specific and not easily defined and must be taught as a mental/physical exercise by someone who can do it. (Mann 1989, p.6).

Também para Mann é evidente que o ensino da improvisação não deve ser banalizado e ensinado por pessoas que desconhecem realmente o que é improvisação, deve pelo contrário, ser ensinada por profissionais treinados nessa arte de pensar e agir e que consigam verdadeiramente exemplificar.

3.4. DISCIPLINA “LABORATÓRIO DE IMPROVISAÇÃO”

3.4.1. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

A disciplina de Laboratório de improvisação, como apresentada previamente, nasce da necessidade de implementação do estudo da improvisação como oferta complementar, para alunos do 6º grau do Conservatório Regional de Vila Real. Esta disciplina é constituída por aluno do ensino articulado e supletivo, com os seguintes instrumentistas: 1 trompetista, 2 clarinetistas (sendo que uma aluna simultaneamente é cantora), 3 pianistas, 1 percussionista, 1 saxofonista, 3 flautista e 2 violetistas.

Esta disciplina, tratando-se de um Laboratório, é maioritariamente prática, no entanto, para uma improvisação contextualizada e sóbria, será necessário explicar o conceito teórico, seja ele em treino auditivo ou historicamente. Será portanto uma disciplina em que se dará um pouco de tudo, sendo o seu principal objectivo aculturar mais o aluno, fazer com que se submeta à experiência de improvisar dando-lhe ferramentas para que alcance com sucesso os objectivos, e que paralelamente, procure ganhar mais maturidade, ouvindo música de uma forma diferente. Para organizar diretrizes comuns dividi os conhecimentos específicos de cada área dessa simbiose de universos de estudo:

TREINO AUDITIVO

Conteúdos

- a) Associar resoluções melódicas e condução de vozes a progressões harmónicas simples.
- b) Praticar a memória musical em frases longas.
- c) Prática da improvisação condicionada pelas progressões estudadas.
- d) Estudar as sonoridades dos modos das escalas maior, menor harmónica e melódica.
- e) Identificar acordes com uma extensão.
- f) Desenvolver a intuição sobre uma forma métrica/harmónica.

Competências

- Capacidade de relacionar condução de vozes com progressões harmônicas simples.
- Desenvolver a capacidade de memorizar trechos melódicos longos.
- Compreender e identificar acordes com uma extensão.
- Compreender o conceito de forma na improvisação.
- Compreender a importância do fraseado enquanto fundação do idioma jazz.
- Capacidade de identificar e memorizar trechos melódicos.
- Compreender as estruturas superiores dos acordes/modos provenientes das escalas maior, menor harmônica, menor melódica e simétrica dominante.
- Compreender as relações entre a presença/ausência de graus em diferentes contextos harmônicos.

HISTÓRIA DA MÚSICA

Conteúdos

- a) Improvisação: Definição do conceito e origem.
- b) Improvisação na música clássica.
- c) Improvisação contemporânea.
- d) A identidade cultural e musical do Jazz. Progressão histórica do Jazz.
- e) Apresentação de trechos de improvisação e estilos Rock, Pop, Reggae, World Music, etc.

Competências

- Solidificar os conhecimentos de improvisação através da contextualização histórica da matéria estudada, aprofundar o leque de conhecimentos musicais do aluno.

IMPROVISACÃO

Conteúdos

- a) Interação
- b) Exploração tímbrica.
- c) Desenvolvimento motivico e rítmico.
- d) Desenvolvimento do conceito de direção de solo.
- e) Solidificação do conceito de forma.
- f) Introdução à improvisação contemporânea.
- g) Introdução ao Jazz, blues maior e menor, execução de jazz standards nessas harmonias

Competências

- Aumento da confiança na performance.
- Compreensão de linguagens diferentes de improvisação.
- Domínio da aplicação do desenvolvimento motivico e rítmico.
- Implementação de linguagem mais textural ligada à música contemporânea.
- Compreensão das potencialidades do domínio da direção de solo.
- Aumento do grau de interação com os colegas.
- Domínio de ferramentas básicas de improvisação num Blues maior e menor.

3.4.2. AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO GERAL

- 1) Compreende/ Adquire/ Aplica as estratégias de improvisação aprendidas.
- 2) Cooperar nas experiências de improvisação, individualmente e em grupo.
- 3) Evolui no processo de aprendizagem.
- 4) Adquire progressivamente hábitos e métodos de estudo de improvisação.
- 5) Expande o seu leque de conhecimento de história da música.
- 6) Desenvolve a capacidade de autoanálise crítica.
- 7) Assume um comportamento de cooperação com os outros.

- 8) É responsável e autónomo.

AVALIAÇÃO ESPECÍFICA

- 1) Capacidade de identificação dos materiais dados.
- 2) Capacidade de análise crítica sobre os diferentes estilos musicais abordados.
- 3) Identificação e classificação de acordes com uma extensão.
- 4) Identificação de modos da escala maior, maior harmónica, menor harmónica, menor melódica e simétricas.
- 5) Capacidade de interagir com os colegas em experiências improvisacionais pré-estabelecidas.
- 6) Capacidade de aplicar os conhecimentos de improvisação em formas de improvisação quadradas, como um blues maior ou menor.
- 7) Aplicação e adaptação dos conhecimentos a novas situações.
- 8) Capacidade de integração no grupo de trabalho.
- 9) Sentido de responsabilidade.
- 10) Desempenho e empenho na elaboração de trabalhos.

TIPOS DE AVALIAÇÃO

- 1) Observação direta e registo do trabalho desenvolvido.
- 2) Pequenos trabalhos individuais ou em grupo, que dependendo do período onde se inserem podem ir desde, escrever um desenvolvimento de um motivo, de um ritmo de uma determinada duração, escrever um gráfico de improvisação, até escrever um solo sobre um blues, ou improvisar sobre qualquer um destes conceitos, individualmente ou em grupo. Esta avaliação pode incluir pequenas fichas sobre conceitos de treino auditivo.
- 3) Entrega de um trabalho final que dependendo do período pode ser uma transcrição de um solo e execução, uma peça contemporânea escrita e tocada etc. O trabalho final envolve sempre teoria e prática simultaneamente.
- 4) Observação semanal do desenvolvimento de autonomia e espírito crítico.
- 5) Observação semanal da assiduidade e pontualidade e empenho.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Domínios	Parâmetros	Percentagens					
		1º Período		2º Período		3º Período	
		Parcial	Total	Parcial	Total	Parcial	Total
COGNITIVO (aptidões; capacidades; competências.)	- Compreensão	10%	20%	10%	20%	10%	20%
	- Criatividade	10%		10%		10%	
PSICOMOTOR (performativos.)	- Fichas / Pequenos Trabalhos realizados ao longo do período.	35%	65%	35%	65%	35%	65%
	-Trabalho Prático fim de Período.	30%		30%		30%	
SÓCIO-AFECTIVO (atitudinais; valores.)	- Atitude	5%	15%	5%	15%	5%	20%
	- Estudo em casa	10%		10%		10%	
		Total	100%	Total	100%	Total	100%

3.4.3. PLANIFICAÇÃO ANUAL

COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS GERAIS	CONTEÚDOS ESPECÍFICOS	AVALIAÇÃO
1º PERÍODO (carga semanal 90m)				
1) Compreende, adquire aplica conceitos básicos de improvisação . 2) Evolui no processo de ensino/aprendizagem. 3) Adquire progressivamente hábitos e métodos de estudo adequados aos diferentes graus de dificuldade. 4) Desenvolve capacidade de autoanálise crítica. 5) Assume um comportamento de cooperação com os outros. 6) É responsável e autónomo. 7) Compreende um leque abrangente de história da música correlacionando-o com a improvisação.	1) Capacidade de identificação dos materiais dados. 2) Capacidade analítica e crítica dos diferentes períodos musicais observados. 3) Reconhecimento e identificação de acordes e extensões. 4) Reconhecimento e identificação de modos. 5) Reconhecimento e identificação de cadências. 6) Capacidade de sentir formas de improvisação simples. 7) Capacidade de interagir em contexto de improvisação. 8) Capacidade de identificação de problemas e resolução dos mesmos. 9) Aplicação e adaptação dos conhecimentos a novas situações. 10) Capacidade de pesquisa e aplicação nos trabalhos propostos. 11) Capacidade de auto análise crítica. 12) Capacidade de integração no grupo de trabalho. 13) Desempenho e empenho na elaboração de trabalhos. 14) Participações nas discussões. 15) Assiduidade e pontualidade e sentido de responsabilidade.	1.1) Panorâmica sobre as origens da improvisação. 1.2) Improvisação sobre interação rítmica básica. 1.3) introdução ao conceito de narrativa. 1.4) Improvisação livre recorrendo a notas/sons. 1.5) Utilização da textura como recurso improvisativo. 1.6) Conceito de centro tonal. 1.7) Desenvolvimento motivico. 1.8) Desenvolvimento rítmico. 1.9) Improvisação com base em gráficos. 1.10) Conceito de direção de solo. 1.11) Introdução ao conceito de métrica e forma básica de 12 compassos. 1.12) Contextualização de tipos de música com esse tipo de forma. 1.13) Modos. 1.14) Tríades 1.15) Quatríades 1.16) Intervalos.	1.1) Origens da música improvisada, contextualização histórica. 1.2) Jogos rítmicos e melódicos de grupo para apurar intuição e criatividade. 1.3) Capacidade de desenvolver em grupo ou individualmente um motivo. 1.4) Improvisação livre sobre conceito de tensão resolução. 1.5) Conhecimento dos graus da escala maior e referentes cores. 1.6) Introdução à linguagem contemporânea. 1.7) Tríades maior, menor. e diminuta 1.8) Quatríades.	Conforme os critérios de Avaliação

COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS GERAIS	CONTEÚDOS ESPECÍFICOS	AValiação
2º PERÍODO (carga semanal 90m)				
VER 1º PERÍODO	VER 1º PERÍODO	<p>2.1) Introdução do conceito de forma.</p> <p>2.2) Exercícios de contagem de compassos sobre formas de improvisação quadradas (12, 24 e 32 compassos).</p> <p>2.3) Introdução à improvisação tonal.</p> <p>2.4) Introdução ao Swing.</p> <p>2.5) Major Blues, contextualização histórica</p> <p>2.6) Major Blues estratégias de improvisação (forma de blues mais minimal).</p> <p>2.7) Repertório com formas Major Blues.</p> <p>2.8) Tríades, quatríades e modos.</p>	<p>2.1) Contextualização sobre Blues Rock, African Blues, Boogie-woogie, Chicago Blues, R&B Contemporâneo, Jump Blues, Louisiana Blues, West Coast Blues, Jazz Blues.</p> <p>2.2) Análise da forma e harmonia de um Blues Maior.</p> <p>2.3) Escalas para improvisação, modo mixolídio e dórico, escalas pentatônicas maiores e menores, escala de blues maior e menor, e simétrica dominante.</p> <p>2.4) Introdução ao conceito de permutação: 1235 e possíveis variantes e 1375 e possíveis variantes.</p> <p>2.5) Estudo da melodia do tema "Now's the time"; "Blue Monk"; "Sandu".</p>	Conforme os critérios de Avaliação.

COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS GERAIS	CONTEÚDOS ESPECÍFICOS	AVALIAÇÃO
3º PERÍODO (carga horária semanal 90m)				
VER 1º PERÍODO	VER 1º PERÍODO	<p>3.1) Continuação do conceito de forma.</p> <p>3.2) Exercícios de contagem de compassos sobre formas de improvisação quadradas (12, 24 e 32 compassos).</p> <p>3.3) Introdução a diferentes estilos como funk, afro e latin.</p> <p>3.5) Minor Blues, contextualização histórica</p> <p>3.6) Minor Blues estratégias de improvisação (forma de blues mais minimal).</p> <p>3.7) Repertório com formas Minor Blues.</p> <p>3.8) Tríades, quatriades e modos.</p> <p>3.9) Aplicação de linguagem mista na improvisação livre (clássica e jazz).</p>	<p>3.1) Análise da forma e harmonia de um Blues Menor.</p> <p>3.2) Modos da escala menor melódica e harmônica</p> <p>3.3) Continuação do estudo das escalas pentatônicas maior e menor, da escala de blues maior e menor e simétrica dominante.</p> <p>3.4) Permutações: 1235 e possíveis variantes e 1375 e possíveis variantes.</p> <p>3.3) Introdução à progressão II V I menor.</p> <p>3.4) Estudo da melodia do tema "Mr Pc"; "Senor Blues"; "Birk's Blues" e "Equinox".</p> <p>3.5) Exercícios de improvisação mista, misturando Jazz, música contemporânea e diferentes estilos.</p>	Conforme os critérios de Avaliação.

3.4.4. SUMÁRIOS

AULA #1) 11/09 Quinta feira, 18e30, 45m: Apresentação.

AULA #2) 11/09 Quinta feira, 19e15, 45m: Teste diagnóstico.

AULA #3) 18/09 Quinta feira, 18e30, 45m: Correção do teste diagnóstico.

AULA #4) 18/09 Quinta feira, 19e15, 45m: Continuação da correção do teste diagnóstico.

AULA #5) 25/09 Quinta feira, 18e30, 45m: Contextualização histórica da improvisação, definição de improvisação e aplicações musicais.

AULA #6) 25/09 Quinta feira, 19e15, 45m: Contextualização histórica da improvisação, definição de improvisação e aplicações musicais, continuação.

AULA #7) 2/10 Quinta feira, 18e30, 45m: Implementação do conceito de narrativa na improvisação, audições de exemplos.

AULA #8) 2/10 Quinta feira, 19e15, 45m: Implementação do conceito de narrativa na improvisação. Improvisação em grupo auxiliada por um texto como charneira para a narrativa improvisacional.

AULA #9) 9/10 Quinta feira, 18e30, 45m: Implementação do conceito de narrativa na improvisação, audições de exemplos.

AULA #10) 9/10 Quinta feira, 19e15, 45m: Implementação do conceito de narrativa na improvisação. Improvisação em grupo auxiliada por um texto como charneira para a narrativa improvisacional.

AULA #11) 16/10 Quinta feira, 18e30, 45m: Modos da escala maior, audição de composições baseadas em cada modo de diversos estilos. Contextualização e apresentação das quatríades e permutações respectivas.

AULA #12) 16/10 Quinta feira, 19e15, 45m: Modos da escala maior, audição de composições baseadas em cada modo de diversos estilos. Contextualização e apresentação das quatríades respectivas. Continuação.

AULA #13) 23/10 Quinta feira, 18e30, 45m: Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Jônio em C e Eb. Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Lídio em E.

AULA #14) 23/10 Quinta feira, 19e15, 45m: Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Mixolídio em C e G. Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Frígio

em C.

AULA #15) 30/10 Quinta feira, 18e30, 45m: Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Lócrio em D e B.

AULA #16) 30/10 Quinta feira, 19e15, 45m: Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Eólio em C e C#.

AULA #17) 6/11 Quinta feira, 18e30, 45m: Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Jónio em C e Eb. Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Lídio em E.

AULA #18) 6/11 Quinta feira, 19e15, 45m: Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Mixolídio em C e G. Improvisação “livre” em grupo obedecendo a um centro tonal no modo Frígio em C.

AULA #19) 13/11 Quinta feira, 18e30, 45m: Improvisação aberta com diferentes funções de intervenção: Citador, espelho e desenvolvedor.

AULA #20) 13/11 Quinta feira, 19e15, 45m: Improvisação aberta com diferentes funções de intervenção: Citador, espelho e desenvolvedor, continuação.

AULA #21) 20/11 Quinta feira, 18e30, 45m: Improvisação aberta com diferentes funções de intervenção: Citador, espelho e desenvolvedor.

AULA #22) 20/11 Quinta feira, 19e15, 45m: Improvisação aberta com diferentes funções de intervenção: Citador, espelho e desenvolvedor, continuação.

AULA #23) 27/11 Quinta feira, 18e30, 45m: Improvisação aberta com diferentes funções de intervenção: Citador, espelho e desenvolvedor.

AULA #24) 27/11 Quinta feira, 19e15, 45m: Improvisação aberta com diferentes funções de intervenção: Citador, espelho e desenvolvedor. Continuação.

AULA #25) 4/12 Quinta feira, 18e30, 45m: Improvisação com base num gráfico. Introdução a estratégias de condução de solo.

AULA #26) 4/12 Quinta feira, 19e15, 45m: Improvisação com base num gráfico. Introdução a estratégias de condução de solo. Continuação.

AULA #27) 11/12 Quinta feira, 18e30, 45m: Sessão tutorial dos trabalhos finais.

AULA #28) 11/12 Quinta feira, 19e15, 45m: Sessão tutorial dos trabalhos finais, continuação.

AULA #29) 18/12 Quinta feira, 18e30, 45m: Teste de improvisação.

AULA #30) 18/12 Quinta feira, 19e15, 45m: Entrega e performance dos trabalhos finais.

AULA #31) 8/01 Quinta feira, 18e30, 45m: Formas métricas. Apresentação de improvisações com formas de 12, 24 e 32 compassos. Exercícios de localização de forma.

AULA #32) 8/01 Quinta feira, 19e15, 45m: Formas métricas. Apresentação de improvisações com formas de 12, 24 e 32 compassos. Exercícios de localização de forma. Continuação.

AULA #33) 15/01 Quinta feira, 18e30, 45m: Introdução ao Jazz, breve descrição histórica e audição de exemplos.

AULA #34) 15/01 Quinta feira, 19e15, 45m: Introdução ao Major Blues, contextualização histórica e audição de exemplos.

AULA #35) 22/01 Quinta feira, 18e30, 45m: Introdução ao Major Blues, audição de blues de vários géneros e influências musicais.

AULA #36) 22/01 Quinta feira, 19e15, 45m: Introdução ao Major Blues, apresentação grelha harmónica básica.

AULA #37) 29/01 Quinta feira, 18e30, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Modo Mixolídio no i7, no iv7 e no v7.

AULA #38) 29/01 Quinta feira, 19e15, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Modo Mixolídio no i7, no iv7 e no v7, exercícios práticos.

AULA #39) 5/02 Quinta feira, 18e30, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Permutações 1235 e 1357.

AULA #40) 5/02 Quinta feira, 19e15, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Permutações 1235 e 1357, continuação.

AULA #41) 12/02 Quinta feira, 18e30, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Pentatónicas maiores.

AULA #42) 12/02 Quinta feira, 19e15, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Pentatónicas maiores, exercícios práticos.

AULA #43) 19/02 Quinta feira, 18e30, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Pentatônicas menores. Relação entre pentatônica maior e menor.

AULA #44) 19/02 Quinta feira, 19e15, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Pentatônicas menores. Relação entre pentatônica maior e menor. Exercícios práticos.

AULA #45) 26/02 Quinta feira, 18e30, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Pentatônicas menores. Relação entre pentatônica maior e menor.

AULA #46) 26/02 Quinta feira, 19e15, 45m: Introdução ao Major Blues, estratégias de improvisação: Pentatônicas menores. Relação entre pentatônica maior e menor. Continuação.

AULA #47) 5/03 Quinta feira, 18e30, 45m: Repertório Major Blues, “nows the time” e “Blue Monk”, improvisação sobre as grelhas com diferentes estilos com auxílio de playalongs.

AULA #48) 5/03 Quinta feira, 19e15, 45m: Repertório Major Blues, “nows the time” e “Blue Monk”, improvisação sobre as grelhas com diferentes estilos com auxílio de playalongs, continuação.

AULA #49) 12/03 Quinta feira, 18e30, 45m: Repertório Major Blues, Blue Monk.

AULA #50) 12/03 Quinta feira, 19e15, 45m: Repertório Major Blues, “nows the time” e “Blue Monk”, improvisação sobre as grelhas com diferentes estilos com auxílio de playalongs, continuação.

AULA #51) 12/03 Quinta feira, 18e30, 45m: Prova de improvisação individual.

AULA #52) 12/03 Quinta feira, 19e15, 45m: Entrega dos trabalhos finais.

AULA #53) 19/03 Quinta feira, 18e30, 45m: Autoavaliação e heteroavaliação. Balanço geral do desempenho da turma.

AULA #54) 19/03 Quinta feira, 19e15, 45m: Autoavaliação e heteroavaliação. Balanço geral do desempenho da turma. Continuação.

AULA #55) 26/03 Quinta feira, 18e30, 45m: Repertório Major Blues, Blue Monk, introdução à progressão IIm7 V7 Imaj7.

AULA #56) 26/03 Quinta feira, 19e15, 45m: Repertório Major Blues, Blue Monk, introdução à progressão IIm7 V7 Imaj7. Exercícios práticos.

AULA #57) 09/04 Quinta feira, 18e30, 45m: Repertório Major Blues, Blue Monk, introdução à progressão IIm7 V7 Imaj7.

AULA #58) 09/04 Quinta feira, 19e15, 45m: Repertório Major Blues, Blue Monk, introdução à progressão IIm7 V7 Imaj7. Exercícios práticos.

AULA #59) 16/04 Quinta feira, 18e30, 45m: Apresentação da escala simétrica dominante, aplicações num Major Blues.

AULA #60) 16/04 Quinta feira, 19e15, 45m: Escala simétrica dominante, aplicações num Major Blues, exercícios práticos.

AULA #61) 23/04 Quinta feira, 18e30, 45m: Minor Blues, contextualização histórica.

AULA #62) 23/04 Quinta feira, 19e15, 45m: Minor Blues, contextualização histórica, exemplos áudio.

AULA #63) 30/04 Quinta feira, 18e30, 45m: -----

AULA #64) 30/04 Quinta feira, 19e15, 45m: -----

AULA #65) 7/05 Quinta feira, 18e30, 45m: Minor Blues, apresentação do centro tonal, escala mãe e grelha harmónica em C.

AULA #66) 7/05 Quinta feira, 19e15, 45m: Minor Blues, apresentação do centro tonal, escala mãe e grelha harmónica em C, apresentação das referentes quatríades. Audição do tema Mr. Pc.

AULA #67) 14/05 Quinta feira, 18e30, 45m: Mr Pc, análise do tema, escalas para improvisação no blues menor.

AULA #68) 14/05 Quinta feira, 19e15, 45m: Mr Pc, análise do tema, escalas para improvisação no blues menor. Exercícios práticos

AULA #69) 21/05 Quinta feira, 18e30, 45m: Mr Pc, análise do tema, escalas para improvisação no blues menor. Exercícios Práticos, continuação.

AULA #70) 21/05 Quinta feira, 19e15, 45m: Mr Pc, análise do tema, escalas para improvisação no blues menor. Exercícios práticos, continuação.

AULA #71) 28/05 Quinta feira, 18e30, 45m: Mr Pc, análise da primeira volta de Jonh Coltrane.

AULA #72) 28/05 Quinta feira, 19e15, 45m: Mr Pc, análise da primeira volta de Jonh Coltrane. Continuação.

AULA #73) 4/06 Quinta feira, 18e30, 45m: Prova de Improvisação, entrega e performance do trabalho final.

AULA #74) 4/06 Quinta feira, 19e15, 45m: Prova de Improvisação, entrega e performance do trabalho final

(continuação).

AULA #75) 4/06 Quinta feira, 18e30, 45m: Balanço das avaliações, autoavaliação e heteroavaliação. Preparação da audição final.

AULA #76) 4/06 Quinta feira, 19e15, 45m: Preparação da audição final, continuação.

AULA #77) 18/06 Quinta feira, 18e30, 45m: Preparação da audição final, continuação.

AULA #78) 18/06 Quinta feira, 19e15, 45m: Preparação da audição final, continuação.

AULA #79) 18/06 Quinta feira, 18e30, 45m: Audição final.

AULA #80) 18/06 Quinta feira, 19e15, 45m: Audição final.

3.4.5. QUESTIONÁRIO

Pensar é começar a mudar. Todo o ser, porque é imperfeito, é passível de mudança, de progresso e de aperfeiçoamento. E isso só é possível a partir de uma reflexão sobre si mesmo e sobre as suas acções. A avaliação da prática leva a descobrir falhas e possibilidades de melhoria. Quem não reflete sobre as práticas acomoda-se, repete erros e não se mostra profissional. (Hypolitto, 1999, p.1)

Parece-me justo refletir sobre a minha prática pedagógica quando peço aos meus alunos para refletirem artisticamente. Como Professor reflexivo que tento ser, para compreender se algumas das problemáticas anteriores tinha sido relevantes, se a disciplina tinha realizado aquilo a que se propôs e se existe algum factor que nela pode ser melhorado, resolvi criar um questionário para os alunos responderem anonimamente, confiando que as respostas me façam refletir mais cristalinamente sobre a disciplina e o meu desempenho docente.

QUESTIONÁRIO

1) O estudo da improvisação contribuiu para te tornares num músico mais completo?

Sim _____ Não _____

1.1) Esta disciplina motivou-te para que ouvisses mais música?

Sim _____ Não _____

1.2) Esta disciplina contribuiu para que ouvisses música de uma maneira diferente?

Sim _____ Não _____

2.1) Assinala com um "X" as várias vantagens que o ensino da improvisação te trouxe.

a) Mais linguagem. _____

b) Maior conhecimento de escalas. _____

c) Maior intuição em formas. _____

d) Maior conhecimento de cadências e harmonia. _____

e) Maior confiança na performance sem partitura. _____

f) Maior facilidade em transcrever trechos musicais. _____

g) Maior conhecimento de possibilidades tímbricas no instrumento _____

h) Maior curiosidade em ouvir mais música _____

i) Outras _____

2.2) Se assinalaste "outras" na resposta anterior, descreve quais as vantagens que a disciplina te ofereceu que não constam na lista anterior.

3) Consideras que o processo de transcrição foi importante para ti? Porquê?

4.) Descreve a matéria que mais te agradou dada nesta disciplina.

5) Quais foram as maiores dificuldades que encontraste nesta disciplina?

6.) Gostavas de ter aprendido improvisação mais cedo no CRMVR em anos anteriores?

Sim _____ Não _____

7) Gostavas que esta disciplina continuasse para o ano no teu 7º grau?

Sim _____ Não _____

8) Gostavas de ter acompanhamento individual de Jazz com um professor especializado no teu instrumento?

Sim _____ Não _____

9) Achas que o domínio da improvisação é uma arte menor em relação ao domínio da leitura?

Sim _____ Não _____

9.1) Justifica.

10) Que sugestões pessoais dás para o melhoramento da disciplina?

3.4.6 QUESTIONÁRIO, ANÁLISE DE DADOS

Para compreender melhor o impacto desta disciplina no aluno, para perceber quais as vantagens que este obteve nesta introdução à improvisação e paralelamente, para fazer um balanço geral sobre aspectos positivos desta disciplina e do meu desempenho docente, foi proposto aos alunos responder a um questionário de uma forma anónima, questionário esse previamente apresentado neste projeto, com perguntas de resposta direta, para confrontação de posições extremas e perguntas de resposta de desenvolvimento, para análise de universos subjetivos.

Esta técnica de inquérito (questionário) foi aplicada a 10 sujeitos de investigação, para procedimento de análise qualitativa dos dados.

Dos 13 alunos englobados na turma inicial, apenas 10 responderam ao questionário. Dos alunos faltosos, existem 2 alunos que devido a faltas consecutivas, inclusive nos momentos de avaliação, foram classificados “sem elementos de avaliação”, não correspondendo a uma parte ativa da turma. Assim sendo, com apenas com uma falta na parte ativa da turma, os resultados que apresento aferem a opinião de 90% dos alunos presentes na integralidade do ano lectivo, a esmagadora maioria.

Analisemos alguns dos dados diretos obtidos:

- 90% dos alunos acham que o estudo da improvisação contribuiu para que se tornassem músicos mais completos.
- 70% dos alunos concordam que a disciplina contribuiu para que ouvissem mais música, ouvindo-a também de uma forma diferente.
- 100% considera que o processo de transcrição de solos foi importante.
- 70% gostava de ter aprendido improvisação mais cedo no CRMVR.
- Houve um empate de 50% sobre a ponderação da continuação da disciplina no 7º grau (próximo ano).
- 70% gostavam de ter acompanhamento individual de Jazz no seu próprio instrumento.

Vejamos o seguinte gráfico explanatório sobre várias vantagens que a disciplina trouxe ao aluno:

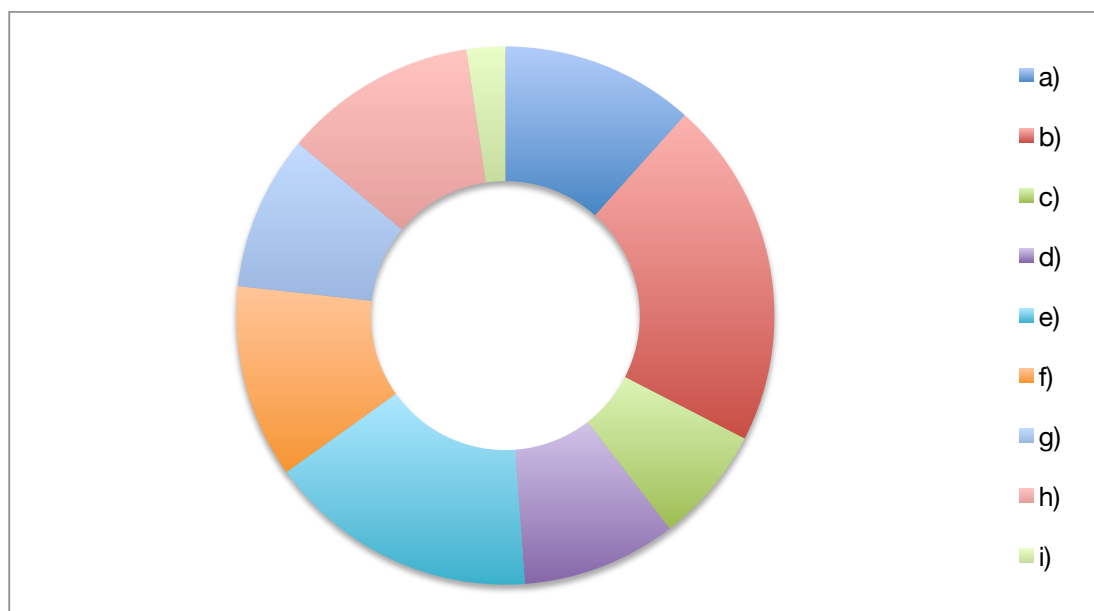


Gráfico 1: Análise da resposta 2.1 do questionário

a) Mais linguagem. b) Maior conhecimento de escalas. c) Maior intuição em formas. d) Maior conhecimento de cadências e harmonia. e) Maior confiança na performance sem partitura. f) Maior facilidade em transcrever trechos musicais. g) Maior conhecimento de possibilidades tímbricas no instrumento. h) Maior curiosidade em ouvir mais música. i) Outras.

Num universo de 43 respostas, derivadas de respostas de seleção múltipla, a fatia maior do bolo vai para as seguintes vantagens: um maior conhecimento de escalas com 20,93%, seguido de uma maior confiança na performance sem partitura com 16,28%, em terceiro lugar com um empate de três vantagens, mais linguagem, maior facilidade em transcrever trechos áudio, e por último, maior curiosidade em ouvir mais música. Quanto ao resto das respostas nenhuma ficou por selecionar. De realçar também uma resposta sugerida das que não se encontram no inquérito mas não deixa de ser interessante: “aplicar

material das peças clássicas na improvisação”.

Prosseguindo, na pergunta 3 sobre o impacto da transcrição no aluno, entenda-se como transcrição o exercício de através do áudio e não recorrendo à pauta, ouvir um trecho musical, cantá-lo e decorá-lo, para depois tentar tocá-lo no instrumento e apenas posteriormente escrever em pauta, (invertendo muitas vezes o processo os alunos praticam na música erudita), as justificações das respostas positivas (100%) foram interessantes:

- “(...) ajudou-me a ver a música de uma maneira diferente.”
- “(...) ajudou-me a ter uma perspectiva diferente sobre a forma de tocar flauta e o timbre.”
- “Ajudou a desenvolver outras capacidades, ouvir a linguagem das músicas”
- “(...) tornou mais fácil a compreensão da música.”
- “Ajudou-me a perceber melhor os ritmos, o meu ouvido melhorou consideravelmente”
- “(...) ajudou-me também na Formação Musical, na parte auditiva.”
- “Ganhei mais noção de tempo, de ritmo e escalas.”
- “Fez-me aproximar mais do outro género musical o quanto me sinto bem a improvisar.”

Averigui que de facto a matéria mais interessante para 80% dos alunos foi o Jazz, nomeadamente o Blues Maior. Nos restantes 10% para o Blues Menor e 10% para a improvisação livre.

Prosseguindo mais uma constatação interessante, 30% da turma considera ainda que o domínio da improvisação é uma arte menor em relação ao domínio da leitura. Nesse bolo minoritário nenhum aluno soube justificar condignamente a resposta. Dois desses 3 alunos não justificaram e 1 afirmou: “gostei de descobrir o que era o Jazz porque antes não gostava nada”. Esses 2 alunos (dos 3 que acham que a improvisação é uma arte menor em relação à leitura), que não souberam justificar a resposta, interessantemente acharam que para melhoria da disciplina o grau de dificuldade dos exercícios e trabalhos deveria ser minorado. Nos restantes 80% de resposta diferente, justificaram a escolha da seguinte forma:

- “São iguais mas diferentes”
- “O domínio da improvisação ajuda-nos no domínio da leitura”
- “São ambas importantes” (resposta de vários alunos)
- “Improvisar é mais complexo, é preciso pensar no que se está a tocar e estar sempre atento”.

Por outro lado, na pergunta 5, onde expressam as maiores dificuldades, 50% dos alunos refere simplesmente “improvisar”, 20% especificam o domínio das escalas, 20% o domínio do Blues Maior e apenas 10% a transcrição.

Quando confrontados com a pergunta 10: “que sugestões pessoais dá para o melhoramento da disciplina?”, as respostas foram as seguintes:

- “Nada a acrescentar” (vários alunos).
- “Os trabalhos podiam ser mais fáceis” (dois alunos).
- “Mais tempo de aula”
- “Não podia ser melhor” (dois alunos).
- “Eu tocar o meu instrumento! Ter aulas no auditório 1, melhorar a qualidade” (provavelmente a resposta do percussionista que teve de tocar piano o ano todo porque não havia marimba ou vibrafones disponíveis no espaço de aula).

3.5. AUDIÇÃO FINAL

A audição final deverá ter a duração de 45 minutos, por realizar-se num momento em que a avaliação já está terminada, a presença dos alunos não é obrigatória mas recomendável, como tal, nem todos os alunos se mostraram interessados em participar, ou porque vão de férias mais cedo, ou porque estão em alturas de provas globais e priorizam o estudo para essas provas nas restantes disciplinas.

O grupo de instrumentos para esta audição é constituído por: 2 clarinetes, 2 flautas, 2 violas, 3 pianistas, 1 saxofonista e 1 percussionista. Determinei para esta audição, fazer uma programação que corresponda a exercícios feitos ao longo do ano que reflitam a aculturação dos alunos, dividindo a audição em duas partes: a improvisação livre (onde podem utilizar linguagem erudita, Jazz ou a fusão das duas) e a parte referente ao Jazz.

3.5.1 PROGRAMA

Experiência #1.1 Narrativa Caos.

Intervenientes: Todos os alunos.

Serão entregues aos alunos recortes de textos de jornal, com conteúdos aleatórios, sem qualquer tipo de condicionante de tempo ou tonalidade. Os alunos deverão ler os textos com o instrumento, podendo inspirar-se sentido métrico das sílabas, na grossura da tipografia como forma de dinâmica ou no ritmo de texto. Pretende-se que os alunos individualmente, produzam uma narrativa mas ignorando os

outros intervenientes. Evidentemente o resultado será o Caos e a aleatoriedade.

Experiência #1.2 Narrativa com centro tonal.

Intervenientes: Todos os alunos.

Serão entregues aos alunos recortes de textos de jornal, com conteúdos aleatórios, sem qualquer tipo de condicionante de tempo ou tonalidade. Os alunos deverão ler os textos com o instrumento, podendo inspirar-se no sentido métrico das sílabas, na grossura da tipografia como forma de dinâmica, ou no ritmo de texto. Pretende-se que para este exercício sejam divididas notas de duas tríades (Dó maior e Ré maior) uma nota por cada aluno, podendo ser tocada com tempo ou sem tempo, em várias oitavas, perfazendo uma sonoridade Lídia C#11. O resultado será uma certa aleatoriedade sem tempo, mas obedecendo a uma sonoridade específica.

Experiência #1.3 Narrativa com centro tonal + tempo.

Intervenientes: Todos os alunos.

Serão entregues aos alunos recortes de textos de jornal, com conteúdos aleatórios, sem qualquer tipo de condicionante de tempo ou tonalidade. Os alunos deverão ler os textos com o instrumento, podendo inspirar-se no sentido métrico das sílabas, na grossura da tipografia como forma de dinâmica ou no ritmo de texto. Pretende-se que para este exercício sejam divididas notas de duas tríades (Dó maior e Ré maior) uma nota por cada aluno, em várias oitavas, perfazendo uma sonoridade Lídia C#11. Será incrementado o conceito de tempo 4/4 com estilo a definir pelo percussionista. Pretende-se que o improvisador centre a sua narrativa no texto, tocando apenas notas específicas e obedecendo ao tempo.

Experiência #1.4 Narrativa com centro tonal + tempo + forma.

Intervenientes: Todos os alunos.

Serão entregues aos alunos recortes de textos de jornal, com conteúdos aleatórios, sem qualquer tipo de condicionante de tempo ou tonalidade. Os alunos deverão ler os textos com o instrumento, podendo inspirar-se no sentido métrico das sílabas, na grossura da tipografia como forma de dinâmica, ou no ritmo de texto. Pretende-se que para este exercício sejam divididas notas de duas tríades, variando de

cor de 8 em 8 compassos.

Com estes 4 exercícios pretende-se desmistificar o conceito de que o músico erudito não consegue improvisar, organizando por etapas, desde o caos até uma improvisação em grupo, com forma e cores específicas.

Experiência #2.1 Interação. Diferentes funções de improvisação.

Intervenientes: 2 grupos de 4 alunos e 6 alunos.

Pretende-se criar tarefas específicas para cada improvisador e condicionar dessa forma a improvisação e a interação de cada interveniente, obrigando os alunos a uma atenção redobrada na escuta. Serão apresentadas cartas de função, ao acaso, com as seguintes tarefas:

Grupo 1 (Percussão, Clarinete, Piano, Viola d'Arco e Flauta).

Temática: Improvisação contemporânea. Espera-se uma improvisação mais aberta, com mais efeitos, sonicamente mais criativa, textualmente mais rica.

- *1 Citador (Clarinete):* Tem a função de iniciar, citando frases, tem o poder de inserir novas ideias rítmicas/melódicas ou texturais.
- *2 Refletores (Percussão e Piano):* Tem a função de responder e desenvolver as ideias dadas pelo Citador, mas nunca de impor motivos radicalmente diferentes, sempre que o Citador mudar de ambiente deverá também fazê-lo.
- *2 Texturas (Viola d'Arco e Flauta):* Tem o papel de consolidar a direção de improvisação dos restantes improvisadores abraçando texturas e *soundscapings*, no entanto, nunca impondo melodicamente novas ideias.

Grupo 2 (Piano, Flauta, Percussão, Saxofone e Viola d'Arco).

Temática: Centro tonal em C. Pretende-se que a improvisação seja mais escalar e com desenvolvimento do motivos tonais, com apoio de um centro gravítico em C, que pode ser maior ou menor. Desta forma o exercício para o Citador e Refletor é identificar qual a qualidade das escalas usadas para improvisação e estarem em constante comunicação.

- *1 Citadores (Piano):* Tem a função de iniciar, citando frases, tem o poder de inserir novas ideias rítmicas/melódicas ou texturais.

- *2 Refletores (Flauta e Percussão)*: Tem a função de responder e desenvolver as ideias dadas pelo Citador, mas nunca de impor motivos radicalmente diferentes, sempre que o Citador mudar de ambiente deverá também fazê-lo.
- *2 Texturas (Saxofone e Viola d'Arco)*: Tem o papel de consolidar a direção de improvisação dos restantes improvisadores abraçando texturas e *soundscapings*, no entanto, nunca impondo melodicamente novas ideias.

Experiência #2.2. Desenvolvimento temático.

Intervenientes: Piano e Percussão

Pretende-se que os alunos desenvolvam um conceito de narrativa com inclusão de algum repertório previamente aprendido em contexto de aula. Neste caso, a aluna quis preparar um *medley* entre um *Blues* maior e menor, com o desenvolvimento de motivos de um solo de Horace Silver previamente transcrito, com acompanhamento pontual de percussão.

Experiência #3.1 Jazz: Blues Menor “Mister Pc” de J. Coltrane com auxílio de um *playalong*.

Intervenientes: Clarinete

Pretende-se com este exercício que o aluno improvise sobre um *Blues* menor em swing, auxiliado por uma secção rítmica virtual, muito utilizada durante a aula (na ausência de um baterista e baixista), neste exercício será demonstrado o conceito de solo e de fraseado Jazz, incorporando já algumas substituições harmónicas.

Experiência #3.2 Jazz: Blues Menor “Senor Blues” de H. Silver (arranjo Fábio Almeida) sem *playalong*.

Intervenientes: Todos os alunos.

Pretende-se com este exercício que alguns alunos improvisem sobre um blues menor em 6/8 com cariz afro, sem o auxílio de software digital, será preciso que sintam e ouçam melhor o tempo. Esta é a peça com a composição mais complexa, onde será dado uma simbiose entre repertório escrito e solos na forma do tema (*Blues* menor expandido) de uma forma acústica, com inclusão de *backgrounds* abertos, um pouco à imagem de *Bigband*, com um arranjo feito especialmente para a formação da turma, com um pianista dedicado a fazer o baixo e outro a fazer o *comping*.

3.5.2. CARTAZ

Criei para este evento propositalmente um cartaz que refletisse o espírito da disciplina. A pintura “12:15” é de Rod Jones, manipulada por mim no cartaz. O carácter aleatório deste abstrato reflete na perfeição as diretrizes desta disciplina; o fundo negro representa quase que um espaço em aberto, o cosmos por descobrir onde figuras geométricas se encontram e desencontram, onde se agrupam e se desagrupam, onde parecem dançar e ao mesmo tempo se imobilizam. É nesta dualidade da procura individual que a minha charneira conceptual se debruça, é este mundo individual por descobrir em experiência colectiva que faz o aluno arriscar, confiar e interagir. Toda a composição diagonal transmite uma sensação de imprevisibilidade e liberdade tão associada à improvisação, por outro lado, o carácter tribal e naïf da pintura remete-nos para uma imagética Jazz, uma das linguagens abordadas nas disciplinas.



Imagem 27: Cartaz Laboratório de improvisação

3.6. PROJECTO, REFLEXÃO FINAL

Averigui que o balanço anual foi positivo, através da análise estatística percebi-me que com a improvisação mudei a maneira de ouvir música da maior parte dos alunos, o que por si só já é um resultado enriquecedor. Essa maior parte compreendeu também que a arte do improvisador e a arte do leitor são paralelas, e em certo grau complementam-se. No entanto, foi com algum pesar que compreendi que após todas estas aulas, ainda existem alunos que não compreendem essa posição, achando que o domínio da improvisação é uma arte inferior, mas que curiosamente, são esse alunos alunos que afirmam que o nível de exigência da disciplina é demais, e que os trabalhos deviam ser mais fáceis. Verifiquei também que a vontade da maior parte dos alunos seria ter acesso a esta disciplina mais cedo no seu percurso académico musical, no entanto, unicamente metade da turma gostaria de continuar com a disciplina “Laboratório de Improvisação” para o próximo ano. Verifiquei também que a maior parte dos alunos da disciplina gostavam de ter acompanhamento de Jazz individual, o que não admira, porque a matéria que todos gostaram mais foram os *Blues*.

Paralelamente com o balanço do acompanhamento da improvisação destes jovens músicos, como professor, apercebi-me de vários acontecimentos interessantes. Como em qualquer turma de ensino diferenciado existiram prestações diferentes. Esta turma está longe de ser uma turma equilibrada, eu diria que metade da turma tem imensas dificuldades de segurança, são profundamente tímidos e numa primeira fase recusavam-se a participar em exercícios em grupo. Na maioria dos casos, com o passar do ano essa situação melhorou, no entanto, existem alunos que permanecem sempre numa atitude defensiva e que muito raramente arriscam, ou se arriscam, riem e param de tocar como se de uma brincadeira se tratasse. Evidentemente há uma relação direta entre arriscar com seriedade e ser um aluno de excelência, assim como o contrário. Tentei sempre durante o ano submetê-los a experiências positivas de improvisação, de uma forma progressiva e clara, para perderem o medo mas, por exemplo, quando confrontados com uma audição, a grande maioria dos alunos decidiu não ter destaque.

Senti que no geral houve grandes evoluções, curiosamente os melhores alunos da turma utilizavam frequentemente excertos de peças clássicas estudadas previamente nas improvisações, o que prova que esse paralelismo pode de facto ser útil, porque para improvisar e aplicar excertos de peças é necessário compreender o contexto harmónico, relativizar e desenvolver. Ao utilizar esses recursos como ferramenta criativa prova que já empregam a biblioteca musical pessoal, fortemente enriquecida por repertório erudito, de uma forma livre e criativa, um dos principais objectivos da disciplina.

Por outro lado, senti que foi mais fácil para estes alunos aprender estratégias escalares em formas

Jazz do que estratégias de improvisação livre/contemporânea. Este facto não está relacionado com o factor linguístico, pois muitos deles estudaram estratégias de timbre e frase contemporânea no instrumento (maioritariamente sopros) e dominam alguns recursos. Está sim relacionado com o facto de não se mostrarem receptivos para a interação em *ensemble*, muito menos disponíveis para ouvir o próximo em contexto livre, influenciar e(ou) deixar-se influenciar. Preferem discursar sobre uma harmonia Jazz sem interação em formato *playalong*, e executar mecanicamente os exercícios dados (decoram e aplicam sem musicalidade, muitos escrevem e leem os exercícios nas improvisações), e precisamente por se sentirem na zona de conforto da leitura, preferem estudar as escalas e os modos que podem usar em determinadas estruturas do que experimentar outras coisas. Esta posição é fundamentada pela análise do questionário, em que a grande parte dos alunos atribui ao conhecimento escalar a maior vantagem obtida da disciplina, talvez porque foi o que mais estudaram em casa, e diga-se que é de facto uma vantagem que por si só complementa o ensino do instrumento clássico, e quando aprofundada, até o pode otimizar. Neste sentido devo também referir que há de facto alunos no 6º grau do conservatório, alunos de 15 anos com 6 anos de ensino especializado da música que têm graves dificuldades em tocar escalas maiores no estado fundamental desprovidos da moleta da leitura. Consequentemente fazer desenhos com essas escalas, ou até pensar em alguns dos modos mais usuais na música tonal como o dórico ou mixolídio torna-se quase impossível, motivo pelo qual creio que seria interessante ser feito um estudo interno pelo conservatório no sentido de averiguar como os professores de clássico leccionam as escalas, se obrigam os alunos a aprender a escala interiorizando a sonoridade e transposição para diferentes tonalidades sugeridas, ou se seguem um método em que leem a escala para a aula de instrumento e, desprovidos de livros ou pautas, têm dificuldades em tocá-la.

Constatei também, que o processo de transcrição foi relevante para todos os alunos, com várias vantagens atribuídas por eles mesmos, que vão desde uma melhoria no tempo, melhoria na linguagem, aculturação sobre possíveis timbres diferentes no instrumento até ajudas na parte auditiva em disciplinas como Formação Musical. No entanto, devo acrescentar que como avaliador, aqui também se separaram dois grupos: os que evidentemente transcreveram e os que se aproveitam da transcrição dos restantes (que ainda são bastantes). Tudo isso é completamente visível no grau de profundidade musical, muitos tentam imitar o artista a todos os níveis, e outros leem a pauta algumas horas antes e não cruzam uma frase com o improvisador transcrito, provavelmente (e já aconteceu numa prova) confessam que nunca ouviram o solo. Precisamente por reconhecer que muitas vezes o problema central destes jovens músicos é ouvirem pouca ou nenhuma música (a vários níveis), diga-se, como especialmente um improvisador deve de facto ouvir o máximo de música possível, para interiorizar a linguagem e aumentar a sua biblioteca musical. Em várias aulas fiz escutas de solos de peças comentadas também pelos alunos, precisamente para os retirar da bolha de conforto e obrigar a uma escuta mais atenta e mais profunda.

Desde o início do ano que percebi que sendo uma disciplina de oferta complementar, com um peso simbólico na nota final dos alunos, não podia ter o grau de exigência ideal, até porque, como referi, há disparidades entre classes de instrumentos e entre níveis de empenho e esforço individuais que me iriam polarizar as notas entre negativas baixíssimas e notas excelentes. Como tal optei por criar uma disciplina em que para ter uma nota positiva seria apenas preciso cumprir todos os trabalhos pedidos, e sujeitar-se às experiências com um mínimo de rigor, sem castrar margem para um aluno excelente se destacar dos restantes e de facto, neste último período atribuí a nota máxima a um aluno. Descrevendo esta disciplina, diria que era uma disciplina com um nível de trabalho razoável e de dificuldade fácil. Creio que para a maior parte dos alunos (70%) foi uma decisão positiva, pois apenas 30% acharam que os trabalhos ainda assim foram difíceis.

Em reuniões de avaliação compreendi que alguns dos meus alunos medianos eram bons e(ou) excelentes alunos em outras disciplinas (inclusive instrumento), e o caso contrário também, excelentes alunos de improvisação eram alunos medianos noutras disciplinas, o que me faz concluir que o sistema educativo do Conservatório pode estar a desperdiçar e castrar futuros talentos musicais, pela falta de oferta de disciplinas de improvisação que estimulem a criatividade. Esta disciplina serviu, para além de educar os alunos para todas as condicionantes apresentadas, poder efetivamente salvar uma vida e carreira musical, motivando para que um aluno com talento não se sinta inadequado, e que, paralelamente procure professores que correspondem ao que academicamente quer aprender e gosta, adicionando mais uma saída, mais um caminho...

O balanço da audição foi fantástico!... Os alunos no geral apresentaram-se bastante nervosos e receosos do que poderia acontecer, porque seria um concerto improvisado e com um recurso mínimo de leitura e para muitos deles, seria a primeira performance improvisada com audiência. No entanto, na seriedade do concerto, com o nível de concentração no máximo, as improvisações foram muito interessantes, com muita dinâmica interativa e no geral com ideias muito sérias, que superaram em certo ponto, o trabalho feito em contexto de sala. Como expectável, estavam a tocar para os pais e como tal, encararam mais seriamente todo o processo criativo. Creio que consegui exemplificar no repertório desenvolvido uma panorâmica geral sobre a improvisação, desde linguagem contemporânea, passando por linguagens mais clássicas/eruditas terminando no Jazz. Esta audição encontra-se na íntegra nos anexos digitais.

O *feedback* dos alunos foi muito positivo, todos adoraram a experiência, inclusive os que se protegeram mais e não quiseram participar tanto, revelando-se posteriormente repesos e com vontade de numa próxima oportunidade participar e arriscar mais. No entanto, o que mais me surpreendeu e sensibilizou foram as reações dos pais. Após a audição foram nítidos os elogios, assim como o reforço da mensagem de que disciplinas como esta eram uma mais valia para o CRMVR e para os alunos, porque

representavam uma área com muito interesse que nunca tinha sido abordada precedentemente na Escola. Este apoio dos encarregados de educação foi fortificado nos portais digitais, recebi inclusivamente comentários deveras agradáveis na minha página de *facebook*, felicitando os alunos pelo esforço e performance, e o professor pelo empenho e orientação. Os próprios elementos da Direção Pedagógica acharam a audição surpreendentemente séria, interativa e interessante. Também eles ficaram rendidos aos conhecimentos de improvisação demonstrados pelos alunos e falaram na nítida vontade de continuação desta oferta pedagógica no próximo ano lectivo.



(Turma de Laboratório de Improvisação do CRMVR 2014/2015)

Os bons professores sabem que a sua competência científica e pedagógica é um factor decisivo para a qualidade da educação nas nossas escolas. Por isso, investem na formação contínua. Reflectem, de forma crítica e sistemática, sobre as suas práticas. Partilham saberes e experiências e mostram abertura à inovação e à mudança. Os bons professores dedicam-se ao ensino com entusiasmo. Acreditam na importância da profissão docente para a construção de uma sociedade melhor, alicerçada em conhecimento e valores. Apesar das dificuldades, sentem orgulho na sua missão de formar pessoas, despertar vocações e construir futuros. Os bons professores deixam marcas positivas nas vidas dos seus alunos. Tem razão o pedagogo Rubem Alves: "Ensinar é um exercício de imortalidade" (Estanqueiro, 2010, p.121).

BIBLIOGRAFIA

Aguiar, A. et al. (2012). *Forma e Memória na Improvisação*. Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte 2012.

Baker-sennett, J. et al. (1997). *School "performance": Improvisational processes in development and education*. Edição R. K. Sawyer, Creativity in performance.

Bergonzi, J. (2002). *Melodic Structures*, Vol.1. Advance Music.

Decreto-Lei nº 4/98, de 8 de janeiro. Diário da República — I Série — A nº 6. Ministério da Educação.

Deslaudiers, J. (2008). *O Delineamento da Pesquisa Qualitativa*. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Editora Vozes.

Diagnóstico Social do Município de Albergaria-a-Velha. Acedido em: http://www.cm-albergaria.pt/output_efile.aspx?sid=d33f3adf-0d6e-46eb-8815-c2e6ae8c3123&cntx=2IarnNgBgoKuYqSlrcCBSzOrQ%2BPUgdUQm8%2FJy7jfkR%2FQKfp0PjdB5tMKStH19AsAO%2FZonbTQzzXAxK7ZarYIYg%3D%3D&idf=1344

Dolan & Sloboda et al. (2013). *The Improvisatory Approach to Classical Music Performance: an Empirical Investigation Into its Characteristics and Impact*. In *Music Performance Research*, Vol. 6.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação*. Editorial Presença.

Hallam, S. (2012). Psicologia da música na educação: o poder da música na aprendizagem. *Revista de Educação*, 138, pp. 29-34.

Hypollyto, D. (1999) O Professor como Profissional Refletivo. *Integração*. Ano V, nº18. 204-205.

Humphries, C. (2009) *Teaching Improvisation in Classical Music*. Puff nr. 13-09.

Jicha V. (2005) *A Fresh Look at Music Education, with Flutist Jamie Baum*. *Flute Talk*, Setembro 2005.

Ken, 2011 - Transcribing is NOT Transcribing: How This Misnomer Has Led You Astray, consultado em: <http://www.jazzadvice.com/transcribing-is-not-transcribing-how-this-misnomer-has-led-you-astray/>

Knuppe, L. (2006). Motivação e desmotivação: Desafio para as professoras do ensino fundamental. *Educar*; Curitiba, volume 27. Retirado de: <http://www.scielo.br/pdf/er/n27/a17n27.pdf>

Malmö Academy of Music (2011) *(Re)thinking Improvisation – International Sessions on Artistic Research in Music*. Edição Holmbergs i Malmö AB

Mann, M (1989). *Jazz Improvisation for the Classical Pianist*. Amsco Publications. ISBN 978-0-8256-1229-9.

Pinto, A. (2004). Motivação para o Estudo da Música: Factores de persistência. *Revista Música, Psicologia e Educação*, nº6.

Plano de estudos e Elenco Modular – “Curso Profissional de Instrumentista Jazz” da ANQ, 2015.

Projeto Educativo 2010/11 a 2013/14 do Conservatório de Música da JOBRA.

Quivy, r.,l. v. Champenhout (1992). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.

Raasch, L. (1999). "A motivação do aluno para a aprendizagem". *Diário Oficial da União*, Faculdade Capixaba de Nova Venécia, Brasil.

Regulamento de Funcionamento – Cursos Profissionais do Conservatório de Música da Jobra.

Regulamento Interno do Conservatório de Música da Jobra.

Ribeiro, F. (2011). Motivação e aprendizagem em contexto escolar. *Profforma*, volume 03. Retirado de: http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/es_05_03_FR.htm

Shermann, M. (200?) Humor and Stress: Laugh Your Way to Better Health. Faculty and Employee Assistance Program Newsletter. University of Virginia.

Sousa, R.(2004). Factores de Abandono no Ensino Vocacional da Música. Nº6. CIPEM. Porto.

Sprinthall, N., & Sprinthall, R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa. McGraw Hill.

The EB Real Book. (2005). 6ª ed. Hal Leonard Corporation.

WILLIAMS, J. (2012) Warm Ups: What exactly are we trying to achieve.

WILSON F. (200?) Mind Muscle and Music. Physiological Clues to Better Teaching.

Webgrafia:

Baby Boomer Fitness Change - <http://babyboomerfitnesschallenge.com/>

Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, IP: <http://www.anqep.gov.pt>

Agrupamento de Escolas da Branca: <http://aebranca.net/>

Associação para o Desenvolvimento Sócio-Cultural da Branca: <http://www.probranca.pt/>

Associação Recreativa e Musical Amigos da Branca: http://www.armab.pt/?page_id=101

Conservatório de Música da Jobra: <http://www.cmj.pt/pt/>

Dr. How's Science Wows: <http://sciencewows.ie/blog/does-sound-travel-faster-in-warm-or-cold-air/>

Instituto Nacional de Estatística: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE

Jazz Advice - Inspiration for improvisers: <http://www.jazzadvice.com/>

OnlineSheetMusic: <http://www.onlinesheetmusic.com/>

ANEXOS

ANEXO I – CRONOGRAMA

	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.
PROJECTO DE INTERVENÇÃO											
Enquadramento Teórico											
Aulas leccionadas											
Recolha de dados											
Questionário Elaboração e análise											
Audição Final											
Planificação da Audição											
Elaboração do documento											
PRÁTICA PEDAGÓGICA											
Estágio Curricular											
Elaboração das reflexões											
Enquadramento Teórico											
RELATÓRIO DE ESTÁGIO											
Entrega											
Elaboração do Documento											
Defesa											

ANEXO II - LABORATÓRIO DE IMPROVISAÇÃO

EXEMPLOS DE PROVAS/TESTES

TESTE DIAGNÓSTICO 18/09/2014

NOME: _____

INSTRUMENTO: _____

1) Conheces a nomenclatura de cifras norte-americana? SIM _____ NÃO _____

1.1) Se assinalaste SIM, escreve as notas correspondentes (dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó) referentes a cada cifra:

E _____ ; A _____ ; C _____ ; D _____ ; B _____ ; G _____

1.2) Se assinalaste SIM, discrimina por extenso as notas referentes a cada quatríade na ordem de: Tónica, 3ª, 5ª e 7ª.

C7:

Dmaj7:

—

Em7:

2)

2.1) A escala maior contém 7 modos, esses modos foram colocados em baixo de uma forma aleatória. Assumindo que estamos a analisar a escala de Dó maior une os modos à nota inicial respectiva.

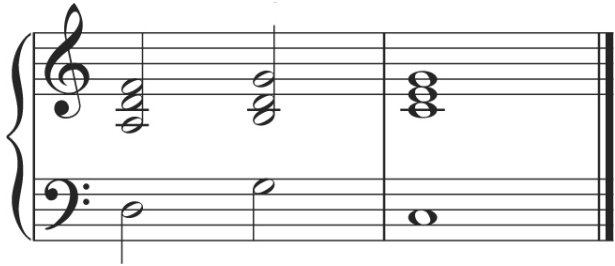
(Mixolídio) (Jónio) (Frígio) (Lídio) (Dórico) (Eólio) (Lócrio)

(DÓ) (RÉ) (MI) (FÁ) (SOL) (LÁ) (SI)

2.2) Ao permutar uma escala, podemos considerar que 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 são permutações respectivas de uma escala maior, se quisermos transformar essa escala noutra qualquer podemos utilizar “b” (bemol) ou “#” (sustenido) para alterar alguns graus. Altera as permutações necessárias para construíres o modo dórico.

- 1 2 3 4 5 6 7

3) Cifra os seguintes acordes e classifica os graus da cadência:



4) Segundo Charlie Parker, um grande improvisador deverá imitar e assimilar para inovar. Muitos são os motivos que nos levam a adorar um ou outro artista, no entanto, muitas vezes é o seu carácter único, quer como músico, quer como ser humano que nos fascina. Descreve um músico ou formação (quarteto, orquestra, banda) sobre o qual sejas fã e justifica essa escolha.

5) Enumera alguns artistas/bandas ligados à improvisação, nacionais ou internacionais (Jazz, World Music, Metal, Rock, Funk, etc...) que conheças.

Votos de um excelente ano lectivo;

(Professor Fábio Almeida)



PROVA DE IMPROVISAÇÃO 18/12/2014

ALUNO:

Exercício 1) Desenvolve com o instrumento um dos seguintes motivos. (8 valores)

a)

b)

	PONT. MAX.	ALUNO
Criatividade	1 Valores	
Segurança	1 Valores	
Autonomia	1 Valores	
Extensão/distensão do motivo	1 Valores	
Transposição do Motivo	1 Valores	
Espelho	1 Valores	
Direção do improviso.	1 Valores	
Solidez da Narrativa	1 Valores	
TOTAL	20 Valores	

Exercício 2) Improvisa com o auxílio do professor ao piano, sobre um 4/4 com a sonoridade de F# Frígio (8 valores).

	PONT. MAX.	ALUNO
Criatividade	2 Valores	
Segurança	1 Valores	
Autonomia	1 Valores	
Aplicação correta da escala	2 Valores	
Desenvolvimento	1 Valores	
Direção	1 Valores	
TOTAL	20 Valores	

Exercício 3) Identifica as seguintes escalas (4 valores):

a) (correção C# Jónio) b) (correção B Lócrio) c) (correção C Dórico) d) (correção C A Mixolídio).

TOTAL

8+8+4= 20 Valores

Aluno:



TRABALHO FINAL 18/12/2014

ALUNOS: (máximo 4, avaliação do grupo)

Em pequenos grupos, criem e executem um projeto de improvisação livre obedecendo aos seguintes factores:

- A) Conter fragmentos musicais “escritos” materializados numa partitura gráfica, delimitando zonas de improvisação (Essa partitura terá de ser entregue ao professor no dia da entrega antes da execução).
- B) Deverá acontecer um momento em que são evidentes as diferentes funções do improvisador (citador, refletor e textura).
- C) Devem pelo menos ter 2 momentos de harmonia (direta ou indiretamente) com cores distintas.

	PONT. MAX.	GRUPO
Criatividade	2 Valores	
Segurança	1 Valor	
Interação	1 Valores	
Extensão/Distensão de Motivos	1 Valores	
Transposição do Motivos	1 Valores	
Espelho	1 Valor	
Direção da Composição	1 Valores	
Solidez da Narrativa Individual	1 Valores	
A)	4 Valores	
B)	3 Valores	
C)	4 Valores	
TOTAL	20 Valores	

Observações:

PROVA DE IMPROVISACÃO 12/03/2014

ALUNO:

Improvisa com o instrumento sobre a grelha harmónica simplificada de um Blues maior em Bb (Blue Monk) atendendo aos seguintes factores:

	PONT. MAX.	ALUNO
Criatividade	2 Valores	
Segurança	1 Valores	
Autonomia	1 Valores	
Swing	2 Valores	
Pentatónicas Maiores ou Menores	2 Valores	
Escala de Blues	3 Valores	
Mixolídio	1 Valores	
Desenvolvimento Rítmico	3 Valores	
Desenvolvimento Motívico	3 Valores	
Utilização da melodia do tema como rampa de improvisação.	2 Valores	
TOTAL	20 Valores	

Observações:



TRABALHO FINAL 12/03/2014

ALUNO:

1.1) Transcrição escrita de um solo de duas voltas num Blues maior (seleccionado pelo aluno dentro das possibilidades impostas).

	PONT. MAX.	ALUNO
Apresentação	2 Valores	
Grau de Dificuldade	1 Valores	
Notas	1 Valores	
Ritmo	1 Valores	
Articulação	1 Valores	
PONTUAÇÃO	6 Valores	

1.2) Execução do solo transcrito sobre gravação original o mais fiel possível à interpretação do solista.

	PONT. MAX.	ALUNO
Destreza	2 Valores	
Fraseado	3 Valores	
Ritmo	3 Valores	
Linguagem	3 Valores	
Dificuldade	2 Valores	
Confiança	1 Valores	
PONTUAÇÃO	14 Valores	

PONTUAÇÃO TOTAL 1.1 + 1.2 =

Observações:

PROVA DE IMPROVISACÃO 04/06/2014

ALUNO:

Improvisa com o instrumento sobre a grelha harmónica simplificada de um Blues menor em C (Mr. Pc) atendendo aos seguintes factores:

	PONT. MAX.	ALUNO
Criatividade	2 Valores	
Segurança	1 Valores	
Autonomia	1 Valores	
Swing	2 Valores	
Pentatónicas Menores	2 Valores	
Escala de Blues	2 Valores	
Linguagem	2 Valores	
Desenvolvimento Rítmico	3 Valores	
Desenvolvimento Motívico	3 Valores	
Utilização da melodia do tema como rampa de improvisação.	2 Valores	
TOTAL	20 Valores	

Observações:

TRABALHO FINAL 04/06/2014

ALUNO:

1.3) Transcrição escrita de um solo de duas voltas num Blues menor (seleccionado pelo aluno dentro das possibilidades impostas).

	PONT. MAX.	ALUNO
Apresentação	2 Valores	
Grau de Dificuldade	1 Valores	
Notas	1 Valores	
Ritmo	1 Valores	
Articulação	1 Valores	
PONTUAÇÃO	6 Valores	

1.4) Execução do solo transcrito sobre gravação original o mais fiel possível à interpretação do solista.

	PONT. MAX.	ALUNO
Destreza	2 Valores	
Fraseado	3 Valores	
Ritmo	3 Valores	
Linguagem	3 Valores	
Dificuldade	2 Valores	
Confiança	1 Valores	
PONTUAÇÃO	14 Valores	

PONTUAÇÃO TOTAL 1.1 + 1.2 =

Observações:

ARRANJOS E REPERTÓRIO PARA A AUDIÇÃO

1) Arranjo do tema “Senor Blues” de Horace Silver feito por Fábio Almeida, para a formação específica da turma de Laboratório de Improvisação.

SENIOR BLUES

SENOR BLUES

♩ = 90

Flute 1

Flute 2

Clarinet in Bb

(Sax) Alto Saxophone

Trombone

Piano

Double Bass

Drums

SOLO

SOLO

2

Fl. 1
Fl. 2
Cl.
Fag.
Perc.
TR.
Trom.
V.
V.

Fl. 1
Fl. 2
Cl.
Fag.
Perc.
TR.
Trom.
V.
V.

ANEXO III – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

ALUNO B

Aula #1) 7/01/2014 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	5º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno e recapitula o TPC aula anterior (Eb menor melódica).
11h10m	- É pedido ao aluno para tocar o modo Eb super Lócrio (com segunda maior) com duas oitavas. Aluno executa sem problemas. - É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em segundas ascendentes. Aluno executa sem problemas. - É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em segundas descendentes. Aluno executa sem problemas, professor reforça positivamente
11h15m	- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em terceiras ascendentes. Aluno executa sem problemas. - É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em terceiras descendentes . Aluno executa sem grandes problemas apesar de algumas notas erradas. - É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em tríades ascendentes. - O Aluno mostra alguns problemas e o professor toca com o aluno e valoriza esforço.
11h20m	- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em ascendendo com tríades descendentes. Aluno mostra alguns problemas e o professor toca com o aluno. - É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em quatríades ascendentes. O aluno executa sem grandes problemas.

	<p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em quatriades descendentes. O aluno executa sem grandes problemas.</p> <p>- O Aluno auto avalia-se descrevendo-se com muitas falhas, professor compensa dizendo que está bom, mas ainda poderá melhorar bastante porque aluno tem imenso potencial.</p>
11h25m	<p>- É pedido ao aluno para tocar o modo <u>Eb Lídio Dominante</u> com duas oitavas. Aluno executa sem problemas mas demonstra uma afinação demasiadamente flexível. O professor toca uma pedal, ajudando o aluno a contextualizar a afinação num novo exercício.</p> <p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em terceiras descendentes . Aluno executa sem grandes problemas.</p>
11h30m	<p>É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em terceiras ascendentes. Aluno executa sem problemas.</p> <p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em terceiras descendentes . Aluno executa sem grandes problemas apesar de algumas notas erradas.</p> <p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em tríades ascendentes. Aluno mostra alguns problemas e o professor pede ao aluno para pensar mais antes de tocar visualizando o exercício internamente, o que imediatamente faz com que o aluno consiga tocar o exercício melhor.</p> <p>Professor dá um feedback imediato sobre a avaliação do aluno.º</p>
11h35m	<p>- É pedido ao aluno para tocar o modo <u>F# Super Lócrio</u> com duas oitavas. O aluno hesita bastante antes de conseguir tocar o exercício, o professor com alguma calma corrige o aluno, pedindo novamente para pensar mais antes de executar o exercício.</p> <p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em tríades ascendentes . Aluno executa após algumas hesitações.</p>
11h40m	<p>É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em ascendendo com tríades descendentes. Aluno mostra alguns problemas e o professor toca com o aluno.</p> <p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em quatriades ascendentes. O aluno executa sem grandes problemas.</p> <p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em quatriades descendentes. O aluno mostra algumas dificuldades mas supera o exercício.</p>
11h45m	<p>- É pedido ao aluno para tocar o modo <u>C# Tons Inteiros (Hexáfona)</u> com duas oitavas. Aluno executa sem problemas.</p> <p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em segundas ascendentes. Aluno executa sem problemas.</p> <p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em segundas descendentes. Aluno executa sem problemas.</p>
11h50m	<p>- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em tríades ascendentes. Aluno mostra alguns problemas e o professor toca com ele.</p> <p>- O professor fala na necessidade do aluno criar os seus próprios exercícios, e fala num exercício que transcreveu do Kenny Garret, escrevendo para o aluno poder usar futuramente e possivelmente alterar.</p>
11h55m	<p>Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o</p>

esforço e marca os TPC da próxima aula técnica, fazendo também um balanço do que querará ouvir na próxima aula de repertório, um solo do Cannonball Adderley sobre o Autumn Leaves , e sobre On The Sunny Side of The Street, assim como exercícios nas Coltrane Changes.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim smi-aberto.

Como esta aula se integra no programa da disciplina?
- Esta aula é uma aula técnica, a escala menor melódica é vastamente utilizada no repertório Jazz, quer em II-V-I menores, quer como forma de substituição e intercâmbio modal.
Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?
- O professor utiliza uma grelha universal de escalas, onde cada exercício tem uma nomenclatura específica, como por exemplo “1 A” correspondendo a tocar a escala ascendendo por segundas ascendentes. O aluno já executa este sistema desde o primeiro módulo, pelo que é natural fazer as escalas de uma forma rápida, demonstrando um excelente nível técnico e teórico sobre a constituição da escala e como a tocar. O professor utiliza uma linguagem muito simples e sintética, ajudando o aluno a compreender rapidamente o que deverá fazer.
Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
Como é que as TIC foram integradas na aula?
- Nesta aula não foram usadas TIC.
Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço e o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.

Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva o aluno muitas vezes oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Perfeitamente gerido. No final o professor ainda teve tempo para calmamente recapitular a matéria e marcar os TPC.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
O professor não utilizou o metrónomo toda a aula, o aluno apresenta um tempo um pouco oscilante, a utilização desse utensílio poderia fazer com que a aula rendesse a outro nível, melhorando simultaneamente o sentido de tempo do aluno.

Aula #2) 14/01/2014 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	5º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno e recapitula o TPC aula anterior, escalas menores melódicas e todos os seus modos.
11h10m	- É pedido ao aluno para tocar o modo F# Lídio Dominante. Aluno executa com alguns erros iniciais. É pedido que pense antes de tocar. Aluno melhora imediatamente.
11h15m	- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em terceiras ascendentes. Aluno executa sem problemas.

	- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo em terceiras descendentes . Aluno executa sem grandes problemas apesar de algumas notas erradas.
11h20m	- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo com tríades descendentes. Aluno mostra alguns problemas e o professor corrige imediatamente. - É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em quatriades descendentes. O aluno executa com algumas hesitações iniciais. Professor recompensa o aluno com um elogio sobre a sua performance.
11h25m	- É pedido ao aluno para tocar o modo C Mixolídio b6 com duas oitavas. Aluno executa sem problemas - É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo em terceiras descendentes . Aluno executa sem grandes problemas. É recompensado imediatamente com um elogio.
11h30m	- É pedido que toque as quatriades ascendentes. Aluno mostra algumas dificuldades, o professor dá um feedback imediato e pede-lhe que pense e visualize a escala antes de tocar, mesmo que demore mais um pouco. Aluno responde melhor e o professor reforça positivamente.
11h35m	- É pedido ao aluno para tocar o modo <u>C Super Lócrio</u> com duas oitavas. O aluno hesita bastante antes de conseguir tocar o exercício, o professor com alguma calma corrige o aluno, pedindo novamente para pensar mais antes de executar o exercício.
11h40m	- É pedido ao aluno para tocar o mesmo modo ascendendo por segundas como no exercício 1A. O aluno não mostra problemas.
11h45m	- Professor explora as <i>coltrane changes</i> com o aluno tocando permutações 1235 e 1345 (acordes maiores e menores). Aluno responde bem e professor elogia.
11h50m	- Professor explora as <i>coltrane changes</i> com o aluno tocando permutações 3251 e 4351 (acordes maiores e menores). Aluno responde bem com algumas hesitações e professor exemplifica.
11h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula técnica, fazendo também um balanço do que querará ouvir na próxima aula de repertório, a continuação do solo do Cannonball Adderley sobre o Autumn Leaves , e sobre On The Sunny Side of The Street, assim como a continuação dos exercícios nas Coltrane Changes.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma aula técnica, a escala menor melódica é vastamente utilizada no repertório Jazz, quer em II-V-I menores, quer como forma de substituição e intercâmbio modal.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
- O professor utiliza uma grelha universal de escalas, onde cada exercício tem uma nomenclatura específica, como por exemplo “1 A” correspondendo a tocar a escala ascendendo por segundas ascendentes. O aluno já executa este sistema desde o primeiro módulo, pelo que é natural fazer as escalas de uma forma rápida, demonstrando um excelente nível técnico e teórico sobre a constituição da escala e como a tocar. O professor utiliza uma linguagem muito simples e sintética, ajudando o aluno a compreender rapidamente o que deverá

fazer.
Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
Como é que as TIC foram integradas na aula?
- Foi usado o software IrealPro para Iphone e uma escuta áudio para auxiliar no <i>backingtrack</i> das Coltrane Changes.
Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço. Professor usa o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva o aluno muitas vezes oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Perfeitamente gerido. No final o professor ainda teve tempo para calmamente recapitular a matéria e marcar os TPC.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
Creio que nada a apontar, foi usado o metrónomo e o aluno foi excelente mesmo com a dificuldade das Coltrane changes.

Aula #3) 21/01/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	5º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula de Repertório

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno e recapitula o TPC aula anterior, escalas menores melódicas e todos os seus modos.
11h10m	- O Professor pede ao aluno para improvisar sobre o tema “On the Sunny Side of the Street.
11h15m	- O Professor faz um balanço apreciativo, e fala na afinação e no vibrato, exemplificando com o instrumento alguns erros e depois a maneira correta, refere a marcação da harmonia num ou outro IIm7, V7, I7 poderia estar melhor e incentiva o aluno para improvisar novamente.
11h20m	- Professor faz um balanço positivo e segue na matéria pedindo para improvisar sobre o tema “Alone Together”. Aluno improvisa.
11h25m	- O aluno surpreende com um bom solo e o professor elogia imediatamente, no entanto, faz também referência para o uso de demasiadas ideias e de um solo com muita informação dispersa, pede ao aluno que improvise novamente.
11h30m	- O Aluno cumpre os requisitos pedidos e o professor reforça positivamente.
11h35m	- Segue-se o solo transcrito, de Cannonball Adderley no tema Autumn Leaves. Aluno expõe as dificuldades que teve durante a semana.
11h40m	- Aluno executa o solo, auxiliado por um computador com um software áudio para baixar um pouco o tempo.
11h45m	- Professor comenta a performance falando que timbricamente estava mais próximos, mas refere as articulações como o ponto mais distante, assim como uma ou outra frase com um fraseado mais distante.
11h50m	- Aluno toca novamente as frases que o professor disse com correções imediatas.

11h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula de repertório, que será a última antes da prova, pedindo por isso ao aluno que acabe a transcrição dos últimos quatro compassos do solo e que estude outra vez os temas abordados na aula.
---------------	--

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma de repertório. Os standards e Jazz standards foram tocados durante toda a história deste género musical, ora em swing ora em arranjos mais complexos, tratando-se do 5º módulo, o Jazz Fusão é o tópico de estudo abordado, as soluções de improvisação abordadas são universais e transversais aos estilos abordados.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
O professor programa um ou vários solos para o aluno transcrever. Esses solos são-lhe atribuídos consoante a maturidade, o grau técnico e o nível de compreensão da linguagem.
<i>Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?</i>
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
<i>Como é que as TIC foram integradas na aula?</i>
- Foi usado o software IrealPro para Iphone e uma escuta áudio para auxiliar no <i>backingtrack</i> nos temas abordados. Durante a transcrição foi usado o software Audacity para controlar a velocidade da gravação original transcrita.
<i>Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?</i>
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
<i>Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?</i>
<ul style="list-style-type: none"> - É valorizado o esforço. Professor usa o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
<i>Como foram avaliados os alunos?</i>
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício.

- No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva o aluno muitas vezes oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Perfeitamente gerido. No final o professor ainda teve tempo para calmamente recapitular a matéria e marcar os TPC.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
Creio que nada a apontar, o professor destacou as principais vantagens do aluno, e os principais defeitos, corrigindo-os atempadamente e com segurança. Conseguiu motivar o aluno durante todo o ciclo de aula e sistematizou a matéria para estudar futuramente.

Aula #4) 04/02/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	5º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula de Repertório

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno e recapitula o TPC aula anterior, escalas menores melódicas e todos os seus modos.
11h10m	- O Professor pede ao aluno para improvisar sobre o tema “Alone Together”.

11h15m	- O Professor fala que o aluno está bem preparado para a prova de final de semestre que terá brevemente, o tema está bem executado e as ideias melhores.
11h20m	- O aluno improvisa sobre o tema "On the Sunny Side of the Street".
11h25m	- O Professor refere que está melhor, mas na parte final poderia ser mais claro com as ideias. Exemplifica o pretendido.
11h30m	- O aluno improvisa sobre o tema "On the Sunny Side of the Street".
11h35m	- Professor valoriza o esforço e pede-lhe para que nestes últimos dias sistematize melhor essa parte da harmonia.
11h40m	- Professor prepara o computador e o programa Audacity com o solo do saxofonista Cannonball Adderley à velocidade real.
11h45m	- Aluno executa o solo sem partitura.
11h50m	- Professor destaca que está um bom trabalho montado, para o aluno tocar o solo mais vezes por cima da gravação. O solo estava melhor do que na semana passada, e como tal, estaria bem preparado para a prova.
11h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e pede ao aluno que recapitule toda a matéria das aulas de repertório e técnicas para a prova.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma de repertório. Os standards e Jazz standards foram tocados durante toda a história deste género musical, oram em swing ora em arranjos mais complexos, tratando-se do 5º módulo, o Jazz Fusão é o tópico de estudo abordado, as soluções de improvisação abordadas são universais e transversais aos estilos abordados.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
O professor programa um ou vários solos para o aluno transcrever. Esses solos são-lhe atribuídos consoante a maturidade, o grau técnico e o nível de compreensão da linguagem.
<i>Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?</i>
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
<i>Como é que as TIC foram integradas na aula?</i>
- Foi usado o software IrealPro para Iphone e uma escuta áudio para auxiliar no <i>backingtrack</i> nos temas abordados. Durante a transcrição foi usado o software Audacity para controlar a velocidade da gravação original transcrita.

Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço. Professor usa o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva o aluno muitas vezes oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Perfeitamente gerido. No final o professor ainda teve tempo para calmamente recapitular a matéria para o exame.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
Creio que nada a apontar, o professor destacou as principais vantagens do aluno, e os principais defeitos, corrigindo-os atempadamente e com segurança. C

Aula #5) 11/02/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno, montagem de material do aluno e professor.
11h10m	- Apresentação do novo módulo e da escala diminuta. Breve explanação.
11h15m	- Continuação.
11h20m	- É pedido ao aluno para tocar a escala diminuta a começar em C (meio tom, tom)
11h25m	- É pedido ao aluno que toque a mesma escala sob a forma do exercício 1A, 1B. Aluno executa com algumas dificuldades, o professor encoraja e valoriza o esforço de procura.
11h30m	- É pedido que toque na mesma escala o tema 2A, 2B. Aluno executa.
11h35m	- Professor dá feedback imediato.
11h40m	- É ensinada uma frase cliché na escala.
11h45m	- Aluno toca em C, com dificuldades. O professor deixa o aluno procurar as soluções.
11h50m	- Aluno toca em C, com dificuldades. O professor deixa o aluno procurar as soluções.
11h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula técnica. Pensar em quantas simétricas dominantes existem, trazê-las estudadas. Trazer a harmonia do tema “What is this thing Called Love” e pensar sobre os pare de triades possíveis para cada acorde.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

Como esta aula se integra no programa da disciplina?
- Esta aula é uma aula técnica, a escala diminuta (simétrica dominante) é usada de variadíssimas formas em qualquer estilo de Jazz, como tal deverá ser dominada.
Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?
- O professor utiliza uma grelha universal de escalas, onde cada exercício tem uma nomenclatura específica, como por exemplo “1 A” correspondendo a tocar a escala ascendendo por segundas ascendentes. O aluno já executa este sistema desde o primeiro módulo, pelo que é natural fazer as escalas de uma forma rápida, demonstrando um excelente nível técnico e teórico sobre a constituição da escala e como a tocar. O professor utiliza uma linguagem muito simples e sintética, ajudando o aluno a compreender rapidamente o que deverá fazer.
Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?

<p>- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.</p>
<p>Como é que as TIC foram integradas na aula?</p>
<p>- Nesta aula não foram usadas TIC.</p>
<p>Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?</p>
<p>- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto, sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.</p>
<p>Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?</p>
<p>- É valorizado o esforço. O professor utiliza o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.</p>
<p>Como foram avaliados os alunos?</p>
<p>- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.</p>
<p>Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?</p>
<p>Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.</p>
<p>O tempo da aula foi bem gerido?</p>
<p>Creio que possa ter havido um lapso na gestão de aula, porque não foram abordadas as tríades na aula como pedido nos TPC anteriores.</p>
<p>O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?</p>
<p>O professor podia ter gerido as escalas diminutas de uma forma mais rápida e ter sobrado tempo para a improvisação, no entanto compreendo a posição perfeccionista do professor em exigir ao aluno que as escalas estivesse bem tocadas. No entanto como o aluno tem 2h semanais espaçadas, o professor poderá compensar na aula de repertório.</p>

Aula #6) 25/02/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

2) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno, montagem de material do aluno e professor.
11h10m	Professor pergunta quantas escalas diminutas existem, Aluno responde certo.
11h15m	- É pedido para tocar a escala diminuta (simétrica dominante) tom, meio-tom a começar em C. Aluno toca em problemas.
11h20m	- É pedido ao aluno para tocar a mesma escala em segundas ascendentes. - É pedido ao aluno para tocar a mesma escala ascendendo em segundas descendentes. - Aluno executa sem falhas. Professor elogia imediatamente.
11h25m	- É pedido ao aluno que toque a mesma escala sob forma de tríades ascendentes. Aluno mostra algumas hesitações mas toca o exercício sem falhas à segunda depois do professor incentivar a pensar antes de tocar.
11h30m	É pedido ao aluno para tocar a escala diminuta a começar em B (tom, meio-tom). Aluno toca com pequenos erros.
11h35m	- São pedidos os exercícios 1 A e 1B. Aluno toca corretamente. Professor elogia.
11h40m	- É pedida a frase cliché da última aula em C. Aluno toca com segurança.
11h45m	- É pedida a frase cliché da última aula em B. Aluno toca ligeiramente pior, o professor fala que deverá estudar melhor esta frase.
11h50m	- É pedida a frase cliché da última aula em C#. Aluno toca ligeiramente pior, o professor fala que deverá estudar melhor esta frase e sistem
11h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula técnica. Pensar em quantas simétricas dominantes existem, trazê-las estudadas. Trazer a harmonia do tema “What is this thing Called Love” e pensar sobre os pare de tríades possíveis para cada acorde.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma aula técnica, a escala diminuta (simétrica dominante) é usada de variadíssimas formas em qualquer estilo de Jazz, como tal deverá ser dominada.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
- O professor utiliza uma grelha universal de escalas, onde cada exercício tem uma nomenclatura específica, como por exemplo “1 A” correspondendo a tocar a escala ascendendo por segundas ascendentes. O aluno já executa este sistema desde o primeiro módulo, pelo que é natural fazer as escalas de uma forma rápida, demonstrando um excelente nível técnico e teórico sobre a constituição da escala e como a tocar. O professor utiliza uma linguagem muito simples e sintética, ajudando o aluno a compreender rapidamente o que deverá fazer.
<i>Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?</i>
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
<i>Como é que as TIC foram integradas na aula?</i>
- Nesta aula não foram usadas TIC.
<i>Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?</i>
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto, sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
<i>Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?</i>
- É valorizado o esforço. O professor utiliza o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
<i>Como foram avaliados os alunos?</i>
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para a aula seguinte.
<i>Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?</i>
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes,

principalmente quando a performance é menos positiva oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.

O tempo da aula foi bem gerido?

Creio que possa ter havido um lapso na gestão de aula, porque não foram abordadas as tríades na aula como pedido nos TPC anteriores.

O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?

O professor podia ter gerido as escalas diminutas de uma forma mais rápida e ter sobrado tempo para a improvisação, no entanto compreendo a posição perfeccionista do professor em exigir ao aluno que as escalas estivesse bem tocadas. No entanto como o aluno tem 2h semanais espaçadas, o professor poderá compensar na aula de repertório.

Aula #7) 4/03/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula de Repertório

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno e recapitula o TPC aula anterior. aluno e professor procedem à montagem do instrumento.
11h10m	- O Professor pede ao aluno como aquecimento para improvisar sobre o tema “What is this Thing Called Love” sem definir direção. O aluno improvisa razoavelmente bem sobre a harmonia, ainda que com alguma repetição de motivos.
11h15m	- O Professor faz um balanço apreciativo, refere antes de mais factores como a afinação, e depois

	fala da condução do solo que poderia estar melhor. Elogia no entanto o aluno e incentiva-o a continuar a improvisação mas desta vez escolhendo um par de tríades possíveis para cada acorde (TPC da aula anterior).
11h20m	- O Aluno toca de uma forma rudimentar, nota-se que nunca pensou nas tríades desta forma, e como tal não faz inversões, toca notas repetidas e tem dificuldade em direcionar as frases. Professor decide não falar negativamente.
11h25m	- Professor pede que use as tríades de uma maneira mais complexa principalmente onde o acorde se repete durante 2 compassos. O professor exemplifica os vários desenhos com o par de tríade que o aluno pode fazer.
11h30m	- O Aluno escreve no caderno esses desenhos.
11h35m	- O Aluno improvisa novamente.
11h40m	- Professor encoraja o esforço dizendo que houve mais imprevisibilidade nas soluções, mas que deveria estudar as cores do tema com os pares de tríades, e consequentemente escrever um solo com essa informação para lhe mostrar na aula seguinte.
11h45m	- É pedido ao aluno que toque com o professor o estudo número 4 de Bob Mintzer “12 Contemporary Jazz Etudes”.
11h50m	- Ponto de situação positivo. Repetição.
11h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula de repertório, que será o próximo estudo de Bob Mintzer. O aluno apresentará também a continuação da transcrição do solo do Cannonball Aderlley no tema Corcovado (para o seu projeto final) , para a aula de técnica deverá estudar tríades.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma de repertório. As tríades e os pares de tríades fazem parte da linguagem moderna. Os estudos do Bob Mintzer são modernos e como tal adequam-se no módulo.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
Os estudos são avançados e o aluno sendo proficiente encontra-se no nível correto para os tocar. Os pares de tríades são exigentes mas o aluno também consegue fazê-las e como tal o Professor arrisca. As transcrições são usuais no Jazz e já explicadas anteriormente.
<i>Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?</i>
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
<i>Como é que as TIC foram integradas na aula?</i>

- Foi usado o software IrealPro para Iphone e uma escuta áudio para auxiliar no <i>backingtrack</i> nos temas abordados.
Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço. Professor usa o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva o aluno muitas vezes oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Perfeitamente gerido. No final o professor ainda teve tempo para calmamente recapitular a matéria e marcar os TPC.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
Nada a apontar.

Aula #8) 11/03/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula de Repertório

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno e recapitula o TPC aula anterior e aluno e professor procedem à montagem do instrumento/material.
11h10m	- O professor pede para o aluno apresentar a transcrição do solo do Cannonball Adderley no tema Corcovado.
11h15m	- O Professor faz um balanço apreciativo, felicitando o aluno pelo trabalho de transcrição, e comentando aspectos como afinação, vibrato, articulação e dinâmica.
11h20m	- Professor e aluno analisam o que o aluno escreveu para comprovar se existem erros e o professor corrige.
11h25m	- Continuação.
11h30m	- Aluno improvisa sobre o tema “what is this thing called love”.
11h35m	- Ponto de situação do Professor. É pedido ao aluno para mostrar o seu conhecimento de tríades.
11h40m	- Aluno improvisa sobre o tema “what is this thing called love”. Professor comenta aspectos positivos e negativos.
11h45m	- Professor exemplifica e improvisa sobre o mesmo tema com mestria nas tríades.
11h50m	- Epítome das estratégias triádicas no tema exposto.
11h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula de repertório.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma de repertório. As tríades e os pares de tríades fazem parte da linguagem moderna.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
A transcrição de Cannonball Adderley faz parte do projeto final do aluno e como tal tem de ser abordado em contexto de aula, o solo sobre o Corcovado é um solo adequado ao aluno, em termos de linguagem e em termos técnicos. As tríades são exercícios de linguagem moderna que o aluno precisa de adquirir, e tem nível suficiente

para perceber.
Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
Como é que as TIC foram integradas na aula?
- Foi usado o software IrealPro para Iphone e uma escuta áudio para auxiliar no <i>backingtrack</i> nos temas abordados. Foi usado o software Audacity na transcrição do tema.
Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço. Professor usa o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva o aluno muitas vezes oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Bem gerido. No final o professor ainda teve tempo para calmamente recapitular a matéria e marcar os TPC, no entanto não abordou o estudo de Mintzer.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
Passar o estudo de Mintzer.

Aula #9) 18/03/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	- Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno, montagem de material do aluno e professor.
11h10m	- O Professor recapitula as tríades e pede ao aluno para tocar as tríades de C e D (com a cor lídio)
11h15m	- O Aluno toca as tríades em forma ascendente com inversão. Alguns pequenos erros, corrigidos até pelo próprio aluno.
11h20m	- O Professor pede ao aluno para tocar a tríade de C e a tríade do seu trítone F#.
11h25m	- O Aluno toca as tríades em forma ascendente com inversão. Algumas hesitações e paragens corrigidas pelo professor.
11h30m	- O Professor pede ao aluno para tocar as tríades maiores de E e Eb.
11h35m	- O Aluno toca as tríades em forma ascendente com inversão. Algumas hesitações e paragens corrigidas pelo professor.
11h40m	- O Aluno apresenta o tema “worksong” para incluir no projecto.
11h45m	- O Aluno improvisa sobre o tema.
11h50m	- Professor explica algumas soluções para improvisação no tema, exemplificando com o saxofone.
11h55m	- Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula técnica. Continuação de pares de tríades, sorteados no dia e a continuação da preparação do projeto final.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma aula técnica, os pares de tríades são uma matéria do Jazz moderno, como tal tem toda a

<p>pertinência pedagógica. A preparação do projeto final surge paralelamente, o aluno necessita de acompanhamento regular, portanto seja aula técnica ou de repertórios o módulo final contemplará essa transversalidade.</p>
<p>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</p>
<p>- As tríades são uma matéria Jazz avançada, adequada a um aluno finalista. O aluno revela um grau de autonomia considerável, e como tal, não carece de uma ajuda total, compreende os conceitos e desenvolve.</p>
<p>Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?</p>
<p>- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.</p>
<p>Como é que as TIC foram integradas na aula?</p>
<p>- Programa Ireal para Iphone. Programa Audacity para Mac.</p>
<p>Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?</p>
<p>- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto, sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.</p>
<p>Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?</p>
<p>- É valorizado o esforço. O professor utiliza o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.</p>
<p>Como foram avaliados os alunos?</p>
<p>- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.</p>
<p>Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?</p>
<p>Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.</p>
<p>O tempo da aula foi bem gerido?</p>
<p>Sim.</p>
<p>O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?</p>
<p>Nada a acrescentar.</p>

Aula #10) 15/04/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	- Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno, montagem de material do aluno e professor.
11h10m	- O Professor pede ao aluno para tocar a escala de C# diminuta (meio tom, tom).
11h15m	- O aluno toca sem problemas.
11h20m	- Professor pede ao aluno para tocar o exercício 3A. Aluno mostra uma ou outra hesitação, professor manda pensar antes de tocar.
11h25m	- O professor pede uma frase cliché na escala de B diminuta. Aluno executa bem. Professor reforça positivamente.
11h30m	- O Professor pede ao aluno para tocar as tríades maiores de F# e G#,
11h35m	- O Aluno mostra algumas dificuldades em tocar estas duas tríades. No entanto, esforça-se para procurar as notas certas. Professor valoriza o esforço.
11h40m	- O Aluno apresenta o tema “worksong” para incluir no projecto.
11h45m	- O Aluno improvisa sobre o tema com o professor. Trocam voltas no tema.
11h50m	- Continuação.
11h55m	- Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula técnica, que incluem 2 frases de II V I do Cannonball Adderley.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

--

Como esta aula se integra no programa da disciplina?
- Esta aula é uma aula técnica, os pares de tríades e escalas diminutas são uma matéria do Jazz, como tal tem toda a pertinência pedagógica. A preparação do projeto final surge paralelamente, o aluno necessita de acompanhamento regular, portanto seja aula técnica ou de repertórios o módulo final contemplará essa transversalidade.
Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?
- As tríades são uma matéria Jazz avançada, adequada a um aluno finalista. O aluno revela um grau de autonomia considerável, e como tal, não carece de uma ajuda total, compreende os conceitos e desenvolve.
Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
Como é que as TIC foram integradas na aula?
- Programa Ireal para Iphone. Programa Audacity para Mac.
Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto, sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço. O professor utiliza o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Sim.

O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?

Nada a acrescentar.

Aula #11) 22/04/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula de Repertório

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno e recapitula o TPC aula anterior e aluno e professor procedem à montagem do instrumento/material.
11h10m	- O professor pede para o aluno apresentar a transcrição do solo do Cannonball Adderley Dancing in the Dark. Aluno toca o solo por cima da gravação original.
11h15m	- O Professor faz um balanço apreciativo, felicitando o aluno pelo trabalho de transcrição, e comentando aspectos como afinação, vibrato, articulação e dinâmica.
11h20m	- Professor e aluno analisam o que o aluno escreveu para comprovar se existem erros e o professor corrige.
11h25m	- Execução e explanação de problemas técnicos em passagens específicas, professor exemplifica estratégias resolutivas.
11h30m	- Continuação.
11h35m	- Apresentação do tema “Mercy Mercy” improvisação.
11h40m	- Ponto de situação do professor e breve crítica.
11h45m	- O aluno toca um padrão de II V I de C. Adderley.
11h50m	- Continuação.
11h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o

	esforço e marca os TPC da próxima aula de repertório.
--	---

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

Como esta aula se integra no programa da disciplina?
- Esta aula é uma de repertório. As tríades e os pares de tríades fazem parte da linguagem moderna.
Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?
A transcrição de Cannonball Adderley faz parte do projeto final do aluno e como tal tem de ser abordado em contexto de aula, o solo sobre a balada “Dancing in the Dark” é um solo desafiante ao aluno, até porque é o que tem menos desenvolvido, no entanto é um desafio possível, o aluno é maduro o suficiente para perceber as estratégias usadas pelo artista e imitar no instrumento. Os II V I são importantes para adquirir linguagem, factor que o aluno ainda precisa de trabalhar.
Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
Como é que as TIC foram integradas na aula?
- Foi usado o software IrealPro para Iphone e uma escuta áudio para auxiliar no <i>backingtrack</i> nos temas abordados. Foi usado o software Audacity na transcrição do tema.
Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço. Professor usa o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?

Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva o aluno muitas vezes oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
<i>O tempo da aula foi bem gerido?</i>
Bem gerido.
<i>O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?</i>
Nada a acrescentar.

Aula #12) 29/04/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula de Repertório

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno e recapitula o TPC aula anterior e aluno e professor procedem à montagem do instrumento/material.
11h10m	- O professor pede para o aluno apresentar a transcrição do solo do Cannonball Adderley Dancing in the Dark. Aluno toca o solo por cima da gravação original.
11h15m	- continuação. Professor reforça positivamente os progressos do aluno.
11h20m	- Breve análise dos progressos em pauta. Algumas dicas para continuação do trabalho. Reforço positivo.
11h25m	- Aluno apresenta o solo do C. Adderley na música Corcovado.
11h30m	- Continuação.
11h35m	- Balanço dado pelo professor.

11h40m	- O aluno toca um padrão de II V I de C. Adderley.
11h45m	- Continuação.
11h50m	- Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula de repertório.
11h55m	- Continuação.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma de repertório. O aluno tem de formular um projeto para o final do ano, o aluno escolheu C. Adderley. Como tal foram exploradas estratégias de estudo neste campo.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
A transcrição de Cannonball Adderley faz parte do projeto final do aluno e como tal tem de ser abordado em contexto de aula, o solo sobre a balada “Dancing in the Dark” e “Corcovado” são bons desafio. Os II V I são importantes para adquirir linguagem, factor que o aluno ainda precisa de trabalhar.
<i>Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?</i>
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
<i>Como é que as TIC foram integradas na aula?</i>
- Foi usado o software Audacity na transcrição do tema. Foi usado o Irealpro para acompanhar os II-V-I
<i>Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?</i>
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
<i>Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?</i>
- É valorizado o esforço. Professor usa o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
<i>Como foram avaliados os alunos?</i>
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.

Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva o aluno muitas vezes oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Bem gerido.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
Nada a acrescentar.

Aula #13) 13/05/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	- Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno, montagem de material do aluno e professor.
11h10m	- O Professor pede ao aluno para tocar a escala de E tons inteiros
11h15m	- O aluno toca sem problemas. É pedido para tocar o exercício 2B.
11h20m	- O aluno toca sem problemas. É pedido para tocar o exercício 3C.
11h25m	- O professor pede ao aluno para tocar a escala diminuta (meio tom, tom) de B.
11h30m	- Aluno executa sem problemas.
11h35m	- É pedido que nesta mesma escala toque o exercício 3C
11h40m	- O Aluno roca com algumas hesitações. Professor reforça o esforço.

11h45m	- Professor manda toca frase cliché sobre a mesma escala diminuta, mas invertendo o padrão. Aluno tem muitas dificuldades em executar. Professor toca com o aluno.
11h50m	- Continuação.
11h55m	- Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula técnica.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma aula técnica, escalas diminutas ou tons inteiros fazem parte do programa.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
- O aluno tem maturidade suficiente para perceber cognitivamente as escalas, apresentando também uma boa técnica para as tocar, o professor planeia os exercícios de escalas que lhe apresenta em conformidade como estes factores.
<i>Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?</i>
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
<i>Como é que as TIC foram integradas na aula?</i>
- O professor recorreu a uma aplicação de um metrónomo no iphone.
<i>Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?</i>
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto, sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
<i>Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?</i>
- É valorizado o esforço. O professor utiliza o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
<i>Como foram avaliados os alunos?</i>
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.

Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Sim.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
Nada a acrescentar.

Aula #14) 22/05/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	- Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno, montagem de material do aluno e professor.
11h10m	- O Professor estuda som com o aluno. Explica o conceito de overtones.
11h15m	- Aluno experimenta ligar oitavas em overtones em “pp” sem atacar.
11h20m	- Continuação.
11h25m	- Professor explica as potencialidades do exercício. Refere a técnica de Rascher abordando o tubo fechado do saxofone.
11h30m	- Professor toca uma escala de Bb maior com o máximo de tubo fechado, aluno percebe o conceito e experimenta. Professor reforça positivamente.
11h35m	- Continuação

11h40m	- Escala diminuta com frase chiche invertida, em B diminuto.
11h45m	- Aluno executa sem problemas. Professor elogia o esforço e estudo ao longo da semana
11h50m	- - Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula técnica.
11h55m	- Continuação.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- Esta aula é uma aula técnica, a emissão de som no saxofone e exercícios no seu desenvolvimento são fulcrais. A escala diminuta é francamente utilizada em todos os registos Jazz e como tal perfeitamente contextualizada no currículo.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
- O aluno tem maturidade suficiente para perceber cognitivamente as escalas, apresentando também uma boa técnica para as tocar, o professor planeia os exercícios de escalas que lhe apresenta em conformidade como estes factores.
<i>Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?</i>
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
<i>Como é que as TIC foram integradas na aula?</i>
- O professor recorreu a uma aplicação de um metrónomo no iphone.
<i>Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?</i>
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto, sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
<i>Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?</i>
- É valorizado o esforço. O professor utiliza o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
<i>Como foram avaliados os alunos?</i>
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício.

- No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Sim.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
A utilização de metrónimo nos overtones e escalas posteriores.

Aula #15) 29/05/2015 ALUNO B – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: O “Aluno B” é um dos melhores alunos da escola, é estudioso e pretende ingressar no ensino superior, como tal, é esforçado. Tem um background médio de ensino clássico e transcende a idade média dos alunos do 12º ano pelo que apresenta um nível de maturidade maior.

ALUNO	ALUNO B
MÓDULO	6º módulo (12ºano)
HORÁRIO	11H-12H
TIPOLOGIA	Aula Repertório

1) Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

11h	- Chegada do aluno à sala de aula.
11h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno, montagem de material do aluno e professor.
11h10m	- O Professor estuda som com o aluno.
11h15m	- Overtones em pp pelo aluno. Professor valoriza o esforço e melhoria.
11h20m	- Solo do Cannonball sobre o tema “Corcovado” tocado pelo aluno.
11h25m	- Comentários e recomendações do professor

11h30m	- Solo do Cannonball sobre o tema "Dancing in a Dark" tocado pelo aluno.
11h35m	- Continuação e comentários do professor.
11h40m	- Apresentação e improvisação sobre o tema "Jeaninne."
11h45m	- Continuação e explanação de um quadro de escalas para o tema apresentado pelo professor.
11h50m	- Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula técnica.
11h55m	- Continuação.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

<i>Como esta aula se integra no programa da disciplina?</i>
- A emissão de som no saxofone e exercícios no seu desenvolvimento são fulcrais. Os solos transcritos são matéria clássica das aulas de repertório. O tema Jeannine foi também abordado, assim como a explanação das escalas para improvisação.
<i>Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?</i>
- O aluno tem maturidade suficiente para perceber cognitivamente as escalas, apresentando também uma boa técnica para as tocar, o professor planeia os exercícios de escalas que lhe apresenta em conformidade com estes factores. As transcrições são propostas pelo aluno e aprovadas pelo professor.
<i>Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?</i>
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno nas aulas individuais de instrumento, neste caso específico há nitidamente uma noção grande de respeito e admiração do aluno pelo professor, o que mostra que é de facto um aluno maduro, pelo que o ambiente de aula é muito saudável, sempre que o professor felicita ou repreende o aluno ele sabe que é para seu benefício e esforça-se para corresponder.
<i>Como é que as TIC foram integradas na aula?</i>
- O professor recorreu a uma aplicação de um metrónomo no iphone, assim como ao software IreapPro. Para os solos foi utilizado um computador com o software Audacity.
<i>Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?</i>
- O professor tem um excelente grau de proximidade com o aluno, motivo pelo qual pode falar de uma forma muito informal, no entanto, sempre que pede ao aluno para executar algo fá-lo de uma forma muito calma e segura com um tom de voz médio.
<i>Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?</i>
- É valorizado o esforço. O professor utiliza o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No início e final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.

Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance. No entanto muitas vezes, principalmente quando a performance é menos positiva oferece esse feedback automaticamente. No final da aula o aluno é motivado a comentar a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Sim.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
Nada a acrescentar.

ALUNO A

Aula #1) 07/01/2015 ALUNO A – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

ALUNO INICIANTE

Contextualização: Aula leccionada pelo professor Cooperante João Martins, assistida pelo mestrando Fábio Almeida.

Nível do Aluno: A Aluna A, começou este ano a estudar saxofone, e não tem qualquer tipo de background musical sério antes do seu ingresso na JOBRA, este caso é o inverso do Aluno B, Esta aluna está a descobrir como estudar saxofone e Jazz e a nível motivacional é uma aluna que deve ser gerida com alguma sensibilidade.

ALUNO	ALUNA A
MÓDULO	1º Semestre (10ºano)
HORÁRIO	12H-13H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

12h	- Chegada da aluna ao espaço de aula.
12h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno com especial simpatia, e recapitula o TPC aula anterior (escala maior de F#, B, E). Aluna monta o saxofone e enquanto o faz o professor aproveita para lhe perguntar como correu a semana.

12h10m	- É pedido à aluna para tocar a escala de F# maior. A aluna apresenta-se com imensas dificuldades na emissão de som e má postura com o saxofone. O professor não corrige essa postura, deixa-a tocar livremente não enfatizando essa tensão. Aluna engana-se algumas vezes e o professor corrige, tocando uma pedal para que a aluna consiga contextualizar a afinação. O professor situa-se frente a frente com a aluna.
12h15m	- É pedido ao aluno para tocar o mesmo exercício novamente, a aluna executa com algumas falhas, com tempo oscilante com má postura, gradualmente vai perdendo som, que cada vez fica mais tenso, pois aperta mais a boquilha e o som sai mais tenso e pequeno, o professor corrige essa tensão alertando para tocar mais relaxada.
12h20m	- É pedido à aluna para tocar a mesma escala ascendendo com segundas ascendentes. A aluna mostra muitos problemas e o professor toca com ela, encorajando com reforço positivo, corrigindo sistematicamente a sua postura. Aluna mostra dificuldade em afinar.
12h25m	- É pedido à aluna para cantar o exercício. A aluna apresenta imensas dificuldades em cantar minimamente afinada, o professor contextualiza que é importante a aluna cantar corretamente para depois conseguir tocar no saxofone com boa afinação, por outro lado é uma exteriorização mais direta do exercício. É recomendado à aluna assistir a aulas de canto das colegas.
12h30m	É pedido à aluna para tocar a mesma escala ascendendo em terceiras ascendentes. Com dificuldade e um tempo oscilante a aluna faz o exercício, o professor toca com a aluna para a ajudar, reforçando positivamente o seu esforço.
12h35m	Professor ensina a progressão V7-Imaj7 para F# maior, e recorre ao programa Ireal para Iphone e a umas colunas portáteis Bluetooth. A aluna primeiro executa a permutação 1,3,5,7 e de seguida a 1,2,3,5, a aluna executa sem grandes problemas o exercício.
12h40m	Professor encoraja a aluna dizendo que estudou bem os V-I e que evoluiu bastante neste exercício.
12h45m	- É pedido à aluna para improvisar com colcheias sobre essa progressão, a aluna improvisa com a escala correta mas tem dificuldade em criar frases melódicas.
12h50m	- O professor corrige dizendo que deverá tocar com ideias mais simples e com espaço exemplificando. Posteriormente faz trocas de 2 compassos com a aluna, neste sentido imediatamente a aluna assimila alguma da linguagem e imita, no entanto permanece muito tensa, e neste ponto da aula mostra-se com o ombro direito demasiadamente levantado, e com um nível de tensão substancial.
12h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula técnica, a escala de B maior e E maior.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

Como esta aula se integra no programa da disciplina?
- Esta aula é uma aula técnica, a escala maior é o fundamento de muitos standards tonais de Jazz, como tal deve ser dominada na perfeição. Por outro lado, a emissão de som é uma constante no processo de estudo de um instrumento, e estudar este factor é crucial. A progressão V-I é um clássico de tensão/resolução e está presente em quase todos os standards de swing.
Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?
- O professor utiliza uma grelha universal de escalas, onde cada exercício tem uma nomenclatura específica, como por exemplo "2 A" correspondendo a tocar a escala ascendendo por segundas ascendentes. A aluna ainda se encontra a aprender este sistema, e como tal, apresenta algumas dificuldades em executar estes exercícios, no entanto pessoalmente, creio que o foco nas escalas é sobrevalorizado em relação à emissão de som, a aluna ainda apresenta imensa dificuldade em ter um som equilibrado, provavelmente gastaria mais tempo de aula neste aspecto.
Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno, no entanto, a Aluna A ainda é nova e como tal não tem o nível de maturidade suficiente para suportar e entender aspectos negativos, por isso mesmo, o professor valoriza com especial foco o seu esforço e reforça positivamente, quando sente que a aluna está tensa ou cansada, interrompe o ciclo de aula para dizer uma piada ou relaxar durante breves instantes para que o ambiente de aula seja o melhor.
Como é que as TIC foram integradas na aula?
- Foi usado um iphone com a aplicação Ireal Pro e umas colunas Bluetooth.
Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor falou sempre calmamente com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço e o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.
Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?

Foi bem gerido, houve tempo para executar escalas e a improvisação em V-I. No final o professor ainda teve tempo para calmamente recapitular a matéria e marcar os TPC.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
O professor não utilizou o metrónomo toda a aula, a aluna apresenta um tempo muito oscilante e inseguro, será importante desde o início implementar o culto do estudo do tempo, principalmente no estudo das escalas.

Aula #2) 14/01/2015 ALUNO A – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

ALUNO	ALUNA A
MÓDULO	1º Semestre (10ºano)
HORÁRIO	12H-13H
TIPOLOGIA	Aula Técnica

Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

12h	- Chegada da aluna ao espaço de aula.
12h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno com especial simpatia, e recapitula o TPC aula anterior (escala maior de B e E). Aluna monta o saxofone e enquanto o faz o professor aproveita para lhe perguntar como correu a semana.
12h10m	- É pedido à aluna para tocar a escala de E maior. A má postura persiste, o professor espera pela finalização para rectificar, e pede à aluna para recomeçar.
12h15m	- Aluna executa.
12h20m	- É pedido à aluna para tocar a mesma escala ascendendo com segundas ascendentes. A aluna toca com um bom índice de confiança este exercício, sendo as partes mais problemáticas o registo grave e o registo agudo do instrumento. O professor encoraja a aluna para tocar mais lentamente.
12h25m	- A aluna executa.
12h30m	- É pedido à aluna para tocar a mesma escala ascendendo com terceiras ascendentes. A aluna hesita, o professor pede-lhe para pensar, aluna hesita novamente e o professor pede para a aluna cantar.
12h35m	- Aluna repete o exercício e corre melhor.
12h40m	- O professor pede o exercício 3A. Tríades ascendentes. A aluna executa com algumas falhas, o professor encoraja o esforço e a aluna repete já melhor.
12h45m	- Professor apresenta a progressão V7 – I maj7. Recorre ao software IrealPro e pede à aluna para improvisar com as permutações 1235 e 1357. Aluna improvisa.
12h50m	- O professor faz balanço avaliativo.
12h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o

	esforço e marca os TPC da próxima aula técnica.
--	---

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

Como esta aula se integra no programa da disciplina?
- Esta aula é uma aula técnica, a escala maior é o fundamento de muitos standards tonais de Jazz, como tal deve ser dominada na perfeição. Por outro lado, a emissão de som é uma constante no processo de estudo de um instrumento, e estudar este factor é crucial. A progressão V-I é um clássico de tensão/resolução e está presente em quase todos os standards de swing.
Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?
- O professor utiliza uma grelha universal de escalas, onde cada exercício tem uma nomenclatura específica, como por exemplo "1 A" correspondendo a tocar a escala ascendendo por segundas ascendentes. A aluna ainda se encontra a aprender este sistema, e como tal, apresenta algumas dificuldades em executar estes exercícios, no entanto pessoalmente, creio que o foco nas escalas é sobrevalorizado em relação à emissão de som, a aluna ainda apresenta imensa dificuldade em ter um som equilibrado, provavelmente gastaria mais tempo de aula neste aspecto.
Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno, no entanto, a Aluna A ainda é nova e como tal não tem o nível de maturidade suficiente para suportar e entender aspectos negativos, por isso mesmo, o professor valoriza com especial foco o seu esforço e reforça positivamente, quando sente que a aluna está tensa ou cansada, interrompe o ciclo de aula para dizer uma piada ou relaxar durante breves instantes para que o ambiente de aula seja o melhor.
Como é que as TIC foram integradas na aula?
- Foi usado um iphone com a aplicação Ireal Pro e umas colunas Bluetooth.
Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor falou sempre calmamente com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço e o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.

Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Foi bem gerido, houve tempo para executar escalas e a improvisação em V-I. No final o professor ainda teve tempo para calmamente recapitular a matéria e marcar os TPC.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
O professor não utilizou o metrónomo toda a aula, a aluna apresenta um tempo muito oscilante e inseguro, será importante desde o início implementar o culto do estudo do tempo, principalmente no estudo das escalas. Aluna queixou-se de dores cervicais, o professor não incentiva ao aquecimento muscular e alongamentos antes da performance.

Aula #3) 21/01/2015 ALUNO A – GRELHAS DE OBSERVAÇÃO

ALUNO	ALUNA A
MÓDULO	1º Semestre (10ºano)
HORÁRIO	12H-13H
TIPOLOGIA	Aula de Repertório

Quadro 1 - Grelha de observação de fim aberto.

12h	- Chegada da aluna ao espaço de aula.
12h05m	- Montagem do aluno. Professor dá boas vindas ao aluno com especial simpatia, e recapitula o TPC aula anterior. Aluna monta o saxofone e enquanto o faz o professor aproveita para lhe perguntar como correu a semana.
12h10m	- É pedido à aluna para aquecer com notas longas cromaticamente. Metrónomo a 50bpm.
12h15m	- Professor e aluna toca o exercício cromaticamente.
12h20m	- É pedido à aluna para tocar a melodia do tema "Now's the Time".
12h25m	- A aluna executa, professor faz um balanço avaliativo imediato.
12h30m	- A aluna repete o exercício com as diretrizes do professor, e melhora a prestação. Professor reforça positivamente.
12h35m	- Aluna apresenta o solo do saxofonia Charlie Parker, sobre a canção "My litle Suede Shoes", com auxílio de um computador e o software Audacity, para colocar a velocidade a 70%.
12h40m	- Professor dá um feedback positivo. A aluna faz maior parte do solo, mas com algumas frases com adornos simplificadas. Professor vê passagens específicas com a aluna.
12h45m	- A aluna toca isoladamente algumas passagens, é lhe dado um feedback avaliativo imediato, e

	soluções para superar os objectivos.
12h50m	- Continuação.
12h55m	Professor recapitula tudo o que o aluno fez de mais e menos positivo (avaliação), reforçando o esforço e marca os TPC da próxima aula de repertório.

Quadro 1 - Grelha de observação de fim semiaberto.

Como esta aula se integra no programa da disciplina?
- Esta aula é uma de repertório, são abordados temas swing, e transcrições de solos característico, pelo que esta matéria é adequada.
Como é que os recursos foram adequados à idade e às competências do aluno?
- Na maioria sim. Creio que o solo do Parker pode ser um pouco avançado para a aluna, no entanto a aluna está a estudar este solo à quase um período como se tratasse de uma peça clássica, e na verdade, tirando alguns pormenores técnicos e aproximar-se ao solista, consegue tocar o solo. Facto pertinente, porque precisa urgentemente de ganhar os recursos de domínio do instrumento que lhe permitirão tocar com os colegas em registo de Combo. O tema “Now’s the time” é bastante pertinente e um estudo fácil para contrastar com o solo.
Como é que o clima da sala de aula promoveu a aprendizagem?
- Existe uma relação muito próxima entre o professor e o aluno, no entanto, a Aluna A ainda é nova e como tal não tem o nível de maturidade suficiente para suportar e entender aspectos negativos, por isso mesmo, o professor valoriza com especial foco o seu esforço e reforça positivamente, quando sente que a aluna está tensa ou cansada, interrompe o ciclo de aula para dizer uma piada ou relaxar durante breves instantes para que o ambiente de aula seja o melhor.
Como é que as TIC foram integradas na aula?
- Foi usado o software Audacity para OSX.
Como é que o Professor adequou a forma de comunicar às necessidades do aluno?
- O professor falou sempre calmamente com um tom de voz médio.
Que estratégias de ensino e metodologias foram utilizadas?
- É valorizado o esforço e o reforço positivo. - São utilizadas repetições sempre que necessário para o aluno executar melhor o exercício. - No final da aula é feita uma síntese do trabalho feito e do que se espera para uma próxima aula.
Como foram avaliados os alunos?
- É dada uma avaliação imediata sobre o desempenho no final de um exercício. - No final da aula foi feita uma avaliação geral dos aspectos positivos e aspectos a trabalhar para aula seguinte.

Como é que os alunos foram envolvidos na sua própria avaliação?
Pontualmente o professor pede ao aluno a sua opinião sobre a sua performance.
O tempo da aula foi bem gerido?
Sim.
O que poderia ter sido feito para melhorar a aula?
Nada a acrescentar

ANEXO IV – Registo Vídeio da Audição

Encontra-se em anexo digital, um DVD com a Audição Final realizada pelos alunos da disciplina “Laboratório de Improvisação” do CRMVR, realizada dia 25 de Junho de 2015 às 19 horas. O programa da audição está descrito no capítulo 3, alínea 3.5.1.